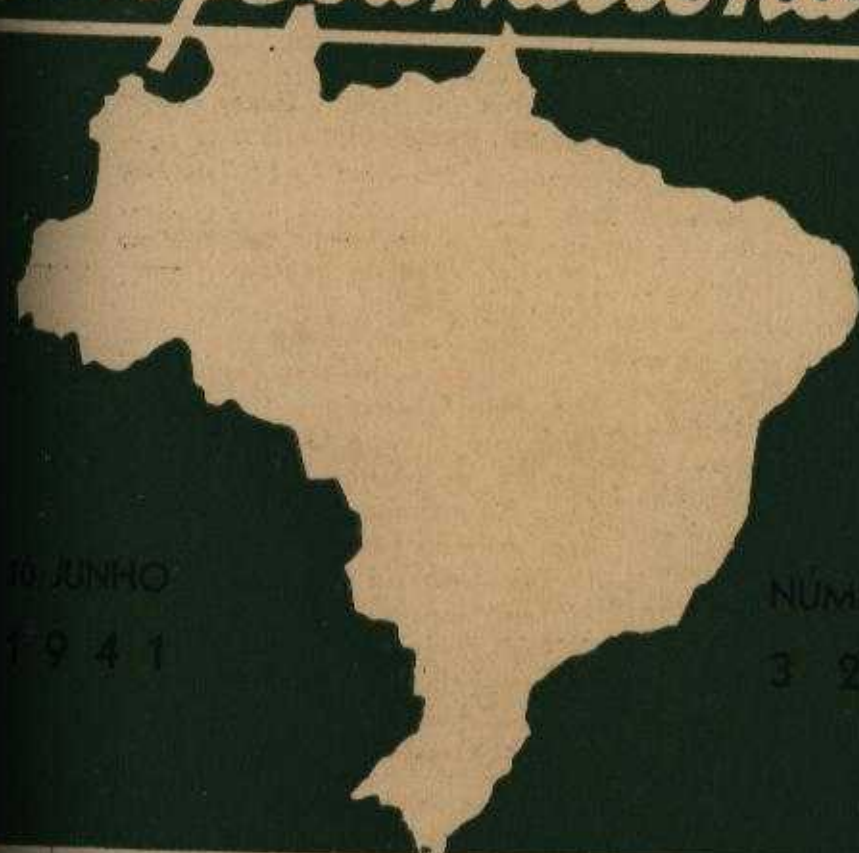


A Defesa Nacional



10 JUNHO

1941

NÚMERO

325

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges

Maj. Djalma Dias Ribeiro

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXVIII

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1941

N.º 325

S U M Á R I O

Editorial	1063
Métodos de Instrução — Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira	1067
A Cavalaria — Cap. Hoche Pulcherio	1079
A Instrução de Sapadores na Cavalaria — 1.º Ten. Ney Neves da Silva	1095
A Engenharia na Guerra do Paraguai — 1.º Ten. Floriano Möller	1103
Os "Stukas" e sua historia — Major Nilo Guerreiro	1121
Os Meios — Cap. Salm de Miranda	1125
Curso de Preparação para Admissão á Escola do Estado Maior — Cap. Manoel Stoll Nogueira	1131
As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro Ten.-Cel. Mario Travassos	1139
A Infantaria no combate à noite — Major Jaír Dantas Ribeiro	1151
Instrução na Cavalaria — Cap. João de Deus Menna Barreto	1163
Programa Unico — Cap. A. C. Moniz de Aragão	1181
Instrução na Cavalaria — 1.º Ten. Mario de Castro Pinto	1183
"Balança da Justiça" — 1.º Ten. Dilermando Gomes Monteiro	1199
Guerra de Secessão — Major Arthur Carnaúba	1209
Capitão "Desenrolado" — Major R. Seidl	1227
Artilharia de Acompanhamento — Trad. da revista alemã "Die Wehrmacht"	1233
Os Serviços nas Unidades de Carros — 1.º Ten. Fernando Belfort Bethlen	1237
O Registro Civil e a Futura Lei do Serviço Militar — Major A. Lyra Tavares	1239
Causas e Consequências do Conflito sino-japonês — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	1243
As Operações Militares sobre a Frente Ocidental	1257
Livros do Exército. Autores Militares — 1.º Ten. Umberto Peregrino	1265
Noticiário & Legislação	1273

Editorial

País novo, sem contas a liquidar, nem ambições a realizar que não as justas esperanças de progresso pacífico, não pode porém o Brasil entregar-se unicamente aos suaves devaneios sobre as perspectivas que para o futuro lhe abrem as imensas possibilidades prodigamente espalhadas em seu vasto território

Para que algum dia lhe seja possível fruir os benefícios da valorização de suas riquezas ainda em estado potencial, torna-se preciso, antes de tudo, cuidar de conservar a propriedade herdada. A comunhão internacional jamais reconheceu títulos jurídicos de posse, mesmo porque, como dizia Francisco I, não foi ainda encontrado o testamento de Adão. Os melhores títulos sempre foram os da capacidade de cada um em não se deixar espoliar.

Não basta amar a Paz: é necessário conseguí-la e preservá-la e é necessário sobretudo, saber pelo menos defender-se quando atacado, para poder sobreviver. E essas aspirações só podem ser alcançadas se amparadas em organizações capazes de lutar em sua defesa, organizações tanto mais poderosas quanto mais valiosa fôr a idéia ou cousa a defender.

Tais organizações, vale dizer, as forças armadas, devem ser portanto proporcionais à grandeza do País.

Soberano de enorme trato de terras continentais, servidas por uma extensa orla oceânica, o Brasil defronta o difícil problema de sua própria defesa, delimitado por duas condicionais que se contrariam: necessidade de um aparelho poderoso, proporcional à área e interesses a defender e impossibilidade de consagrar grandes quantias à construção e manutenção de um tal aparelhamento.

A solução adotada foi a da constituição de um núcleo pequeno, porém, altamente eficiente, capaz de pre-

parar e, se preciso, executar o enquadramento de toda a Nação para a defesa de sua integridade. Ao patriotismo dos militares, que constituem os pequenos núcleos das forças armadas nacionais, se confiou a formidável tarefa de forjar as bases sólidas em que a Nação poderá esteiar a sua defesa.

Para o cumprimento dessa missão houve mistér cuidar com esmero da preparação desses núcleos de militares, aprimorando-a de modo a torná-los aptos ao desempenho das variadas funções que lhes incumbe.

Questão de relevante interesse para o Exército, a preparação dos seus quadros superiores tem merecido, das autoridades responsáveis, cuidados especiais, cuidados que, é forçoso reconhecer, elevaram notavelmente o nível de nossas elites militares, perfeitamente familiarizadas, hoje em dia, com o trato de todas as questões direta ou indiretamente vinculadas ao problema da defesa nacional.

O capricho posto no aperfeiçoamento dessa preparação, fez, porém, com que se olvidasse um dos aspectos do problema geral, permitindo-se que insensivelmente se fossem dilatando os prazos dentro dos quais ela se deveria processar. Parece-nos, portanto, azado o momento para pôr em evidência a necessidade de uma revisão daqueles prazos de maneira a restabelecer, em toda a plenitude, a finalidade da preparação: — tornar os reduzidos quadros militares aptos ao desempenho eficiente das múltiplas tarefas que lhes são cometidas.

O rendimento quantitativo de nossas Escolas, relativamente fraco, tem feito com que as turmas consecutivas de oficiais se estiolem nos seus umbrais à espera de que lhes "toque a vez".

Quando a oportunidade se apresenta já o oficial percorreu larga parte de sua mocidade e, quasi sempre, contraiu os encargos do casamento.

anos
Estad
mento
A
cial, e
nessa
de Es
sua c
cação
trito.
forma
mino
ardôr
tudo
ção c
super
maner
escôa

N
que o
está s
nos tr
que n
demo
o per
sas n

A média atual oscila, com efeito, em torno dos 32 anos para a Escola das Armas e dos 38 para a de Estado Maior. Tal fenômeno conduz a um desvirtuamento das finalidades da preparação militar.

Ao terminar o curso da Escola das Armas, o oficial, quando já não é oficial superior, está pensando nessa possibilidade: com a intercorrência do curso de Estado Maior que abre um lapso de 3 a 4 anos em sua atividade direta. O tempo resultante para aplicação e experimentação dos ensinamentos é muito restrito. Quando, por outro lado, completa o estágio de formação de Estado Maior, já vê mais próximo o término da jornada e normalmente não mais dispõe de ardor para consagrar-se, por mais alguns anos, ao estudo de uma das múltiplas especialidades que a função comporta. Ficará assim atado às generalizações superficiais, sem ânimo para tentar construir algo permanente, pois sente que o tempo lhe escasseia e se escôa cada vez mais rápido.

Na Europa e na América do Norte se considera que o período áureo da atividade do homem médio está situado entre os 35 e os 50 anos de idade. A vida nos trópicos tem um ritmo muito mais acelerado do que nas regiões frias, de modo que, sem exagero, podemos recuar aquele limite, adotando para o Brasil o período balizado pelos marcos 30 e 45. Tais premissas nos levam a concluir que a preparação do homem

no Brasil, para o desempenho de qualquer atividade deve estar terminada aos 30 ou, no máximo, 35 anos de idade, a fim de que utilize os conhecimentos adquiridos, enquanto dispõe de energia criadora na mais alta escala.

Torna-se mister, portanto, ajustar a êsses limites o mecanismo da preparação dos indivíduos para as funções de responsabilidade, escalonando as etapas de seu desenvolvimento de maneira a atingir a etapa final ao transpôr a raia dos 30.

Sob o ponto de vista militar é indiscutível a necessidade de fazer com que os oficiais terminem os cursos superiores (como o de Estado Maior) até os 35 anos de idade, pois só assim terão possibilidade, não só de completar em tempo útil a sua cultura, como de confirmar, pela experiência, tudo o que hajam assimilado em seus estudos.

Para que êsse objetivo seja alcançado cumpre porém forçar a marcha, de modo a alcançar um pouco mais cedo o objetivo intermediário, constituído, no caso, pela Escola das Armas, a qual, produzindo turmas anuais muito inferiores às da E. Militar, tem-se transformado, para o nosso ensino, em um verdadeiro desfileiro onde as colunas se adelgaçam e ganham considerável profundidade.

Admitindo a matrícula de turmas mais numerosas de oficiais, encetou, a E. E. M., a partir do ano findo, uma fase inteiramente nova em suas atividades: seu novo edifício se transformou em ampla oficina de trabalho, na qual labuta mais de uma centena de oficiais.

O exemplo portanto, já foi dado: — que seja imitado.

Metodos de Instrução

Ten. Cel. ALCINDO NUNES PEREIRA
Inst. Chefe de Tática Geral da E. E. M.

1 — INTRODUÇÃO

Nos estreitos limites d'êste trabalho, não pretendemos traçar um método para tal ou qual ramo de instrução. O que temos em vista é pôr em evidência e analisar os princípios e regras que o nosso Regulamento estabelece como base do método a seguir.

A cada instrutor compete, evidentemente, de acôrdo com as suas condições pessoais, formar método próprio, sem se afastar das diretrizes regulamentares, que correspondem a impostergáveis exigências da unidade de doutrina.

Os pequenos matizes que poderão oferecer os métodos estruturados em tais linhas mestras, não prejudicarão a homogeneidade visada.

Os textos regulamentares são sintéticos por natureza e não será em uma simples leitura que se lhes penetrará tôda a extensão dos significados.

E' indispensável sôbre êles meditar útilmente.

Vejamos o que nos diz o R. E. C. I. a propósito dêsse assunto. No frontespício do primeiro capítulo sôbre a "ORGANIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO", vê-se em letras bem acentuadas:

"O PRINCIPAL OBJETIVO DA INSTRUÇÃO DA TROPA E' A SUA PREPARAÇÃO PARA A GUERRA" (n.º 42).

Se fácil é compreender a importância dêsse princípio básico na formação do soldado, igualmente fácil é perdê-lo de vista no complexo de nossa atividade quotidiana; exemplos múltiplos que se apresentam a cada passo à nossa observação, o confirmam.

Como "*objetivo principal*", deve êle centralizar o nosso máximo de atenção, tôdas as vezes que temos de resolver assuntos de instrução.



O capítulo seguinte, entre os "*princípios diretores da instrução*", fixa as DIRETRIZES em que deve basear-se o MÉTODO DE INSTRUÇÃO preconizado. (n.º 76).

Só o exato entendimento e a perfeita aplicação dessas diretrizes poderão assegurar a eficácia do método. E isso só será realizável pelos que possuírem preparação pedagógica adequada e suficientes conhecimentos psicológicos.

A falta de tais estudos em nossa formação militar, constitue por certo, grave lacuna, mas, não nos limitemos a lamentá-la, procuremos corrigi-la definitivamente.

Esse é o intuito que nos gula, ao por em foco alguns dos vários aspectos que nos oferece a questão.

• •

A primeira dessas Diretrizes reza:

"Trata-se de criar no soldado, durante o seu curto tempo de serviço **ATOS REFLEXOS E EFICAZES**, sólidamente enraizados no seu sub-conciente, de modo que possam persistir durante a vida civil e garantir, quando fôr necessário e apesar das emoções de combate, a execução dos movimentos indispensáveis à ação." Repitamos, "... **CRIAR ATOS REFLEXOS E EFICAZES**..." é o fim a atingir pelo método.

Mas, como podem ser eles criados? É o que nos explica a segunda Diretriz:

"A criação dêsses **ATOS REFLEXOS** será obtida com tanto maior facilidade **QUANTO MENOR FÔR O NÚMERO DE MOVIMENTOS A ENSINAR E QUANTO MAIS SIMPLES, MAIS PRECISOS E MAIS REPETIDOS FOREM ESSES MOVIMENTOS**."

Estas duas Diretrizes são ac que se referem à parte geral do método: — vamos tratá-las em primeiro lugar; as demais dizem respeito à orientação técnica e tática e serão examinadas depois.

Assim, em resumo: o método que temos de seguir deve ter em vista a obtenção de *atos reflexos*, ensinando aos homens o *menor número de noções ou movimentos, tão simples e precisos quanto possível e repetindo-os convenientemente*.

Analizemos essa orientação.

Preliminarmente, verifiquemos de que se trata?

Trata-se de ensinar, instruir.

Que é ensinar?

Responde-nos o Gen. BRALLION: — "é introduzir alguém num ramo de atividade que este alguém ignora ou não conhece bem; ajudá-lo a aí adquirir possibilidades que não tinha e torná-lo apto a desenvolvê-las por seu próprio esforço."

Tôda a instrução subentende naturalmente instrutor e instruendo; resulta da ação daquele sobre este e da reação d'este."

A ação do instrutor visa, portanto, "introduzir o menor número de conhecimentos ou *movimentos da máxima simplicidade e com a máxima precisão*."

É evidente que na sabedoria e na habilidade do instrutor repousa o bom êxito dessa tarefa. Só aquele que conhecer perfeitamente a matéria ou possuir adestramento desenvolvido, poderá instruir com eficiência.

Ao referir-se ao menor "número de movimentos", a "conhecimentos essenciais", que querará significar o Regulamento? Pretenderá, porventura, que seja dada apenas parte do que se tem de ensinar? Certamente, não. O seu propósito é reduzir o número dos ensinamentos a ministrar, desprezando o supérfluo, deixando de lado o indispensável à função para a qual se prepara o homem.

Mas essa condição expressa no Regulamento, em tão poucas palavras, exige conhecimento aprofundado do assunto, trabalho metódico e atento do instrutor.

Não é fácil em todos os casos distinguir o essencial, o dispensável, o supérfluo.

Essa seleção é tão somente uma etapa preparatória.

Alem disso, impõe-se ensinar movimentos ou noções SIMPLES E PRECISAS.

SIMPLES, isto é, ao alcance das inteligências menos desenvolvidas; possíveis de serem praticadas com o mínimo de esforço mental, em quaisquer circunstâncias.

E sempre tendo em vista a guerra, lembrar o aforismo: "*na guerra só o que é simples dá resultado.*"

Nem tudo o que temos de ensinar é simples, para o instruindo bisonho, mas, em quasi todos os casos tem o instrutor possibilidade de desdobrar o ensinamento ou torná-lo mais facilmente compreensível pela materialização.

Dar uma noção qualquer, de modo simples, em linguagem de fácil entendimento, parece à primeira vista coisa banal, mas não o é tanto. E isso verificamos a cada passo na prática.

Não raro é ver-se um instrutor definir a uma turma de recrutas: — "trajetória é a linha curva descrita pelo projétil no espaço; compreende dois ramos: um ascendente aproximadamente retilíneo e outro descendente, de curvatura acentuada, em consequência da perda de velocidade da bala etc.....?"

Será isso uma noção *simples*? Sem vacilar, diremos logo — não. Abstratamente, é um conhecimento, por assim dizer, impossível de tornar compreendido pelo homem de reduzido poder de concepção.

Impõe-se concretizá-lo, desdobrá-lo em partes e explicá-las separadamente.

É verdade, que a simplicidade dos movimentos ou dos conhecimentos a ensinar, escapa por vezes à alçada de quem instrue; são certas noções impostas por preceitos formais dos Regulamentos e

por isso não podem deixar de ser ministrados. Cabe, porém, ao instrutor aplinar hábil e judiciosamente as dificuldades que porventura existam.

Alem de ser simples um movimento ou conhecimento deve ser **PRECISO**, isto é, deve constar de ações ou noções perfeitamente definidas, claras, inconfundíveis. Evitar sempre as divagações, os rodeios dispensáveis numa explicação, os gestos e as atitudes desnecessárias na demonstração de um movimento.

Enfim, a ação do instrutor completa-se exigindo a **REPETIÇÃO**. Veremos mais adiante esta questão que merece considerações especiais.

Esse exame sumário das duas Diretrizes regulamentares pôs em destaque as condições gerais que devem reger a *ação do instrutor*.

2 — CONHECIMENTO DO HOMEM

Indiscutivelmente para que o instrutor possa agir com êxito, é condição necessária conhecer as reações que se lhe oporão.

Ora, essas reações são de ordem psicológica e por isso indispensável se torna que os instrutores possuam os conhecimentos necessários de psicologia geral.

O conhecimento do homem é fundamental, insubstituível aos que exercitam o comando em tôdas as circunstâncias, maxime na guerra. "O homem é o material mais aperfeiçoado de todos os que a guerra utiliza", diz o Gen. BRALLION. "Para empregá-lo convenientemente, é preciso conhecê-lo como aos outros materiais, isto é, saber para que serve, como nos servimos dele, como o mantemos, como lhe remediamos os defeitos de funcionamento".

Assim, comparando o homem ao material, acrescenta o referido General "a conduta do homem é uma técnica que, como tôdas as outras técnicas, só se aprende por meio de exercícios".

Mas, deixemos o vasto campo da psicologia do combatente na guerra, para restringirmo-nos apenas ao seu estudo na fase preparatória da paz, na esfera da instrução.

Devemos instruir o homem. Precisamos, portanto, conhecê-lo, necessitamos saber os meios que ele utiliza e a maneira pela qual age para aprender: — vamos penetrar nos domínios da *psicologia da educação*.

Façamos aqui um pequeno parêntesis, para fixar bem idéias a respeito dos termos *psicologia*, *educação* e *pedagogia*.

— a **PSICOLOGIA**: — "tem por objeto estudar a atividade e comportamento do homem, o conjunto das suas reações ao meio

em que vive" ou em outras palavras "é o estudo científico dos processos mentais dos seres humanos".

— a **EDUCAÇÃO**: "é a produção de transformações úteis no ser humano, compreendendo a transformação do caráter, dos conhecimentos". "Por transformação deve-se entender modificação, desenvolvimento, aperfeiçoamento e, por fim, apuro do indivíduo".

— a **PEDAGOGIA**: — "é a teoria da educação; ela visa obter os melhores e mais seguros resultados na aplicação da instrução.

3 — PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Já agora com essas definições, podemos fazer uma ligeira análise da psicologia da educação que nos esclarecerá sobre a formação da teoria respectiva, isto é, da pedagogia.

Se soubermos **COM QUE**, **POR QUE MEIOS** e **COMO** o ser humano aprende, fácil se torna racionalizar os processos de ensino e conseguir a sua perfeita aplicação.

COM QUE APRENDE O HOMEM? —: com os recursos intelectuais ou as faculdades próprias, como sejam: — a sensação, a percepção, a memória, a concentração, a imaginação, etc. as quais lhe permitem adquirir os conhecimentos e a habilidade de aplicá-los; ele recebe as impressões pelos sentidos e as assimila, analisa, combina no cérebro, coordenando os impulsos necessários para produzir as reações.

POR QUE MEIOS?: — pela verificação, pela prática, pela experiência, pela observação dos fatos e dos fenômenos.

COMO?: estudando; estudo que é meditação, ou consideração ou cogitação das causas e dos efeitos.

4 — "COM QUE"

O "**COM QUE**" é o equipamento natural do homem, o "**POR QUE MEIO**" é a prática, a experiência real e o "**COMO**" é a meditação e a consideração consciente ou inconsciente da causa e do efeito.

Vejamos como se nos apresenta o equipamento natural do homem, isto é, qual é a sua constituição mental.

O ser humano é um conjunto de reações hereditárias e habituais e de capacidades que lhe determinam a atividade e o comportamento no meio em que vive.

Para que possamos dirigir essas atividades e esse comportamento no sentido desejado, isto é, fazer a ajustagem do homem ao meio, necessitamos conhecer os fatores simples e complexos que conduzem à ação, que determinam os **ESTÍMULOS A QUE O HOMEM OBEDECE E AS FORMAS PELA QUAL REAGE**.

Em qualquer ajustagem há sempre uma resposta ou ato, e um estímulo ou excitação que provoca a resposta.

Um estímulo ou excitação pode ser simples, como por exemplo, a ação de uma fruta ácida na boca, cuja resposta é a contração dos músculos do rosto em uma carêta; pode ser complexo, como por exemplo, a ação do homem no assalto, em que os fatores estimulantes são muitos: — a disciplina, o patriotismo, a ação do chefe, a coragem, etc. ... e as respostas são: — o movimento para a frente, o ímpeto, a decisão, os golpes desferidos, etc. ...

Os estímulos ou excitações, o homem os recebe por meio dos **ÓRGÃOS MOTORES (EFETORES)**. Esses diferentes órgãos são ligados entre si por elementos nervosos — **NEURONIOS**.

Assim, um dado estímulo ou excitação, dá origem a mudanças nos músculos e nas glândulas; de tais mudanças resulta a resposta. As reações ou respostas, não obstante a sua grande variedade, podem ser grupadas em dois tipos principais:

- reflexos
- capacidades mentais.

5 — REFLEXOS

Nos **REFLEXOS** distinguem-se duas categorias gerais: — os **REFLEXOS HEREDITÁRIOS** e os **REFLEXOS HABITUAIS**.

OS **REFLEXOS HEREDITÁRIOS** são reações instintivas e emocionais bem definidas, congênitas no homem. Sua existência independe da prática, de experiência prévia ou de ensaio.

Como exemplo da resposta instintiva podemos citar: — a procura do alimento, quando se sente fome; o pestanejar, para evitar a entrada de corpos estranhos nos olhos. Entre as emocionais notamos: — a indignação provocada por ato injusto; o pesar produzido por uma cena triste; o riso despertado por um ato hilarante, etc. ...

OS **REFLEXOS HABITUAIS** são reações resultantes de atos individualmente adquiridos ou aprendidos. Sua existência depende por conseguinte da prática prévia ou do ensino.

São estes que particularmente, nos interessam.

Os reflexos habituais revelam-se no falar em público, nos movimentos, nas atitudes do indivíduo, etc. ...

Os reflexos desta classe são de natureza mais simples de que os *instintos*, porque abrangem comumente um número limitado de músculos; são respostas parciais bem definidas a uma excitação ou estímulo local ou particular.

6 — CAPACIDADES MENTAIS

As capacidades mentais distinguem-se dos reflexos por serem mais propriamente *atividades ou operações mentais* do que simples REAÇÕES MOTORAS. Elas dizem respeito aos *processos psíquicos* que formam o *equipamento natural* do homem, a que já nos referimos: — percepção, memória, imaginação, atenção, etc. ...

E' nas capacidades mentais que se notam as maiores diferenças entre os homens. A estatística das experiências revela que o melhor individuo pode fazer até 25 vezes o trabalho feito pelo peor, no mesmo tempo, ou por outra, fazer o mesmo trabalho num tempo 25 vezes menor. A capacidade mental, até certos limites, é passível, como a capacidade física, de aumento, de desenvolvimento, por meio de exercícios inteligentemente orientados.

Em um agrupamento de indivíduos as capacidades mentais podem ser distribuídas em três grupos: — o de capacidades superiores, o de capacidades médias e o de capacidades inferiores, na proporção de 17%, 66% e 17%, segundo inúmeras experiências.

Essa distribuição matemática é extremamente útil, quando aplicada de modo conveniente na apreciação de resultados de provas escolares.

7 — "POR QUE MEIOS"

O "POR QUE MEIOS", no caso de instrução que mais de perto nos interessa aqui, é a *prática*, a *verificação* e a *observação*.

Pela *prática* o homem adquire o adestramento nos movimentos, a certeza e a presteza nas decisões; pela *verificação* ele certifica-se da exatidão do que lhe foi ensinado; pela *observação* dos fatos ou fenômenos tira conclusões, consolida as convicções.

E' a esta pergunta "POR QUE MEIOS?" que responde a última parte da segunda diretriz regulamentar citada, que termina com as palavras seguintes: ... e "QUANTO MAIS REPETIDOS FOREM ESSES MOVIMENTOS", ... o que equivale a dizer: PELA REPETIÇÃO.

Prescrevendo-a, visa o Regulamento a obtenção dos reflexos. Subentende que o instrutor conheça a influência exercida por esse meio no desenvolvimento da capacidade mental do homem, por isso que só assim poderá utilizá-lo eficazmente.

Vejamos como se passam os fenômenos.

O nosso propósito é conseguir que o homem reproduza fielmente uma ação ou um movimento que lhe ensinamos e isso no mínimo tempo.

Tal é possível pelo que se chama, em psicologia, um ato de memória — a *lembrança* — a qual consiste em reviver a ação passada,

seja voluntariamente, isto é, por um esforço conciente do indivíduo para lembrar, seja inconscientemente, isto é, por uma manifestação do subconciente.

8 — FIXAÇÃO DA LEMBRANÇA

A primeira etapa da lembrança, é a sua fixação no cérebro, é a sua aquisição, o que equivale a dizer que o "nascimento da lembrança é a fixação".

A lembrança nada mais é do que a renovação, a rememoração do ato ou idéia fixada, como seu "eco mental".

A teoria da fixação é muito vasta, não nos estenderemos no seu estudo. Examinar-lhe-emos ligeiramente as condições fundamentais.

É fato bem conhecido de todos o poder da fixação que possuem as crianças. O seu cérebro, gravando ao acaso tudo o que naturalmente lhes impressiona os sentidos, nada perde.

A medida que o homem avança em idade, o cérebro perde plasticidade, os tecidos nervosos tornam-se mais duros, menos elásticos e por conseguinte as impressões gravam-se com mais dificuldades e tendem a apagar-se com maior rapidez.

Esse decréscimo de capacidade de fixação é, no entanto, compensado, e às vezes com excesso, pelo PODER DE ATENÇÃO, predominante no adulto e no homem civilizado.

9 — ATENÇÃO

No nosso caso, em que lidamos com indivíduos adultos, a ATENÇÃO representa um papel muito relevante.

Há duas espécies de atenção a considerar:

— a *atenção natural*: — despertada espontaneamente pela intensidade e vivacidade de impressões ocasionais, de influências emotivas e sentimentais postas em jogo, de instintos ou tendências estimuladas. Assim, um acidente, um incêndio, um tumulto, etc. ... despertam atenção natural, produzida sem esforço.

— a *atenção voluntária*: — que o indivíduo governa, dirige para a aquisição de um conhecimento para a fixação da lembrança de um movimento; é o mais poderoso e eficaz agente de fixação da memória.

A criação do reflexo será tanto mais rápida quanto maior for a intervenção da atenção nas repetições.

Se tal é a importância da atenção, fácil é avaliar as consequências resultantes da DISTRAÇÃO, que lhe é antagônica.

10 — INTERESSE

A energia da atenção prestada é função do INTERESSE que desperta o exercício.

Quanto mais interessante for este, quanto mais de acordo com a tendência ou a necessidade individual, maior soma de atenção focalizará.

A distração é consequente quasi sempre da falta de interesse que oferecem as impressões a fixar, que oferecem os exercicios realizados.

No intuito de evitá-la é que o R. E. C. I. (n.º 78) diz que cabe ao Instrutor.

... "em todas as ocasiões despertar o interesse dos soldados para o exercicio..."

"Entremear as sessões com pausas de repouso necessário, para poder exigir *muita atenção* dos instruendos..." e

"Interrogá-los repetidamente a-fim de mantê-los ATENTOS;..."

Insiste, como se vê, na necessidade de tudo fazer o Instrutor para que os homens concentrem a atenção no exercicio praticado e assim se torne mais fácil e mais duradoura a fixação das impressões na memória.

11 — REPETIÇÃO

Mas, não é bastante ainda o poder de atenção do instruendo, para que se formem os reflexos nos curtos prazos estabelecidos.

Impõe-se o recurso à REPETIÇÃO, que é a mais poderosa auxiliar da memória.

Há, certamente, impressões que se fixam em uma só experiência; tais são as que se produzem com forte intensidade ou grande vivacidade, como por exemplo, as impressões produzidas por uma — explosão, uma queda de cavaleiro, etc. ...

De modo geral, porém, a força de fixação de uma lembrança depende da repetição das impressões que a originam.

É preciso distinguir: — há repetição e repetição...

Repetição por mera repetição é inoperante, ineficaz, não dá resultado algum.

A sua eficácia depende de certas condições.

Repete-se para melhor fixar, mas a força de fixação não é simplesmente proporcional ao número de repetições.

As inúmeras experiências feitas a respeito oferecem dados muito interessantes de conhecer.

Se para reter um movimento simples são necessárias duas repetições, para um movimento de dificuldade dupla as repetições necessárias não serão quatro, mas em muito maior número.

Essa verificação mostra que o número de repetições não deve ser arbitraria, nem uniforme para movimento de dificuldades diferentes. O que é demasiado para um movimento simples é possivelmente, pouco, para um mais complexo.

Só a prática dará a medida exata.

Outras experiências demonstraram que as repetições espaçadas produzem melhores resultados do que as repetições continuas.

Entre muitas verificações análogas, citaremos a seguinte: — as repetições de 10 minutos, duas vezes, por dia, durante seis dias dão o máximo rendimento; que 20 minutos, uma vez por dia, durante seis dias dão aparentemente o mesmo rendimento; que 40 minutos, uma vez, por dia durante três dias, dão consideravelmente, menos rendimento e que 120 minutos de uma só vez produzem apenas metade do rendimento pelos periodos de 10 e 20 minutos.

A superioridade da repetição espaçada sobre a continua é explicada cientificamente pela circunstância de exigir o processo de fixação das impressões um certo tempo e determinados trabalhos nervosos, e pela necessidade de intervalos que permitam o repouso, destinado à restauração dos tecidos e a organização da lembrança.

12 — ESQUECIMENTO

A essas duas condições que devem orientar a repetição, vamos acrescentar uma outra que também exerce acentuada influência na fixação — é a relativa ao ESQUECIMENTO.

O poder de conservação das impressões é muito variável de individuo para individuo. Uns há que as fixam com grande facilidade, mas não as conservam por muito tempo — aprendem e esquecem com rapidez, como de comum se ouve dizer; outros, mais lentos na fixação, conservam-nas por maior tempo.

A teoria do esquecimento está ainda na fase experimental, não permite aplicações definitivas na prática. A única verificação razoavelmente aceitável é de que "a rapidez do esquecimento é muito grande no começo e mais lenta no fim da aprendizagem".

Algumas experiências revelaram que se esquece tanto nos 3 primeiros dias, quanto nos seguintes 30 dias.

Dai a conveniência de não se fazer intervalos maiores de 24 horas entre as primeiras repetições de um exercício, a-fim de neutralizar a fase aguda do esquecimento.

13 — HÁBITO

Os reflexos habituais que visamos na instrução militar, nada mais são do que HÁBITOS propriamente ditos, sob modalidades peculiares à atividade militar.

A vida do homem em geral, a do soldado em particular, é *um feixe complicado e poderoso de hábitos*.

Quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra, o soldado age bem quando todos os seus atos já resultam de hábitos. Tudo para ele deve constituir hábitos: — hábito de acordar cedo, hábito de presteza nos movimentos, hábitos de entrar rápida e corretamente em forma, hábito de manter-se silencioso, hábito de marchar, hábito de desenfilar-se, hábito de atirar, etc., etc. ...

Assim é o hábito o fator mais importante da vida do soldado.

Inúmeros hábitos são adquiridos naturalmente, sem esforço, pela adaptação progressiva das tendências naturais do indivíduo aos hábitos existentes no novo meio em que passa a viver, como por exemplo: hábito de ordem, de asselo, de respeito, etc. ...

Outros, não menos numerosos, têm de ser criados pela educação e pelo exercício, mesmo contrariando as inclinações naturais do homem, como por exemplo: hábito de não responder mal, ou remungar, às observações feitas, hábito de não gesticular quando fala a um superior, hábito de subordinação, etc. ...

Os primeiros, formando-se de acordo com o meio, serão tanto mais rapidamente e melhor adquiridos, quanto mais perfeito for este.

Os últimos, por contraporem-se muitas vezes às tendências primitivas e originais do homem, exigem habilidade dos instrutores, para criá-los.

A grande vantagem dos atos habituais, é serem realizáveis com a menor soma de fadiga possível, por haver a mais íntima conexão entre o estímulo e a resposta motriz. É por isso que o homem habituado a marcha fatiga-se menos do que o não habituado, que o cavaleiro com o hábito de montar, pouco se cansa com exercícios a cavalo, etc.

Em outras palavras: — *o hábito torna mais econômico o esforço, aumenta a rapidez do ato, aperfeiçoa a atividade, tornando-a mais precisa, mais eficaz e, por conseguinte, mais adaptada ao fim.*

Assim, a primeira vez que atiramos ao alvo, o nosso esforço é maior, porque maiores são as nossas preocupações; agimos com certa lentidão e fazêmo-lo com imperícia, por falta de experiência. À medida, porém, que adquirimos o hábito de atirar, alvejamos melhor, mais rapidamente e sem grande esforço.

14 — CONFIANÇA

Ainda um fator que concorre para a mais rápida formação dos reflexos e merece destaque: — é a CONFIANÇA do indivíduo no esforço que realiza.

Enquanto ele está convencido do que é capaz, pelo esforço próprio, de obter o resultado desejado e de que o exercício que se lhe impõe é o mais adequado, para atingir rapidamente o fim visado, o seu poder de atenção e a sua capacidade de persistência são maiores.

Se, no entanto, se lhe debilita a confiança, se se convence que está dependendo esforços em vão, surge o desinteresse, a estagnação na aprendizagem.

Impõe-se, portanto, estimular o desenvolvimento desse fator, exaltando constantemente no homem e mesmo com certo exagero, a grandeza de suas possibilidades, de sua capacidade de realizar determinado exercício.

Não fazer em absoluto observações deprimentes sobre a capacidade do homem. Nunca desencorajá-lo, menosprezando de qualquer forma por fraquezas de ordem física, intelectual ou moral, que porventura possua.

Por outro lado, incutir-lhe no espírito a importância do movimento ou noção ensinada, a necessidade de executá-lo perfeitamente como meio único, certo, de alcançar com precisão o melhor resultado; enfim, convencê-lo da excelência do método aplicado.

Evitar sempre que o exercício caia na monotonia e o método de instrução possa ficar desacreditado.



O ligeiro exame que acabamos de fazer, das noções de ordem psicológica que mais de perto se relacionam com o método de instrução, teve em mira facilitar a aplicação eficaz das diretrizes regulamentares a que nos referimos no início.

Evidentemente, muito pouco penetramos no terreno dos conhecimentos psicológicos, mas aqui não podemos pretender mais do que despertar a vossa atenção e o vosso interesse para tais assuntos, de tão magna importância na vida do oficial.

Só o estudo pessoal e aprofundado habilitar-vos-á à altura das respectivas responsabilidades.

A CAV

O CIO

Considerações

A frase de AU são sempre e cada em breves termos essa ascendência na hoje o passado ao p turo.

A tradição ora essa união entre os história humana. lução das idéias, a so, seguem um curs

Nada obstante, ções bruscas no rita ginoso da ciência, s um gênio precursor trapondo-se aos pro dos privilegiados, un

E' a faceta me apeg, invariavelme as inovações, mesm cutível.

A "doutrina mi dições guerreiras do trina de guerra, é em regra lentamen científicos e consequ

A transição dos bate só se faz gradua sanção da guerra pa

A CAVALARIA

O CICLO DE SUA EVOLUÇÃO

Cap. HOCHÉ PULCHERIO
Inst. da E. das Armas

Considerações Iniciais:

A frase de AUGUSTO COMTE, ao afirmar que os "vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos" resume em breves termos todo o ciclo da vida humana. Com efeito, essa ascendência nada mais é senão o elo magnífico que reúne hoje o passado ao presente e que, a seguir, ligará a este, o futuro.

A tradição oral e particularmente a escrita concretizam essa união entre os tempos do verbo da vida, ou melhor, da história humana. E como a Natureza não dá saltos, a evolução das idéias, a sequência dos fatos, a marcha do progresso, seguem um curso uniforme.

Nada obstante, de quando em quando, surgem modificações bruscas no ritmo normal, seja devido ao progresso vertiginoso da ciência, seja porque apareceu no cenário do mundo um gênio precursor, um talento invulgar. Há porém, contrapondo-se aos progressos científicos e às idéias avançadas dos privilegiados, um entrave poderoso e sutil: — a rotina...

E' a faceta menos brilhante da tradição, aquela que se apega, invariavelmente, a tudo o que já é sabido, repelindo as inovações, mesmo as mais úteis, práticas e de valor indiscutível.

A "doutrina militar" depende em larga escala das tradições guerreiras dos povos. Uma de suas partes — a doutrina de guerra, é imutável; uma outra parte, modifica-se, em regra lentamente, evoluindo em função dos progressos científicos e consequentes aperfeiçoamentos do armamento.

A transição dos métodos de ação ou dos processos de combate só se faz gradualmente, sendo necessário, muitas vezes, a sanção da guerra para aceitação integral. Assim por exem-

pio, em função do aparecimento do canhão de tiro rápido e das armas automáticas, os efeitos do fogo tornaram-se surpreendentemente destruidores, de sorte que os processos de combate deveriam sofrer-lhe os influxos modificadores.

Em 1914, por ocasião da guerra mundial, assim sucedeu, mas não na medida justa, donde resultaram decepções cruéis, hecatombes terríveis, umas e outras facilmente evitáveis se a rotina não tivesse interferido. Convém ressaltar no entanto, que não se deve confundir *prudência* com *rotina*; — aquela representa o bom senso e equilíbrio; esta significa comodismo, horror às inovações. Daí a necessidade de um órgão especializado, habituado a discernir entre as improvisações inócuas e as mutações imprescindíveis; capaz de retirar de uma campanha todos os ensinamentos, adaptando-os, se fôr o caso, à própria doutrina. E' a tarefa que incumbe aos Estados Maiores, difícil porque têm a vencer, além dos preconceitos, vários óbices, particularmente os de ordem econômica e os de natureza política, em desproporção geralmente os primeiros, e infensos os últimos, relativamente às modificações a efetuar.

RAZÃO DE SER DA CAVALARIA :

Na batalha, o ato supremo da guerra, o que visa a decisão e pois a vitória, é imprescindível o concurso de um elemento que garanta ao chefe a segurança e a informação que lhe permitirão utilizar o *espaço* visando a reunião em tempo de suas forças, o o respectivo deslocamento e que seja também capaz de agir em força e rapidamente contra o inimigo, no início ou no transcurso da luta.

Surgem assim três ordens de necessidades :

1.^a — de informação; 2.^a — de cobertura de concentração ou movimentos estratégicos; 3.^a — de combate.

Para cumprir em perfeitas condições êsse triplice encargo, é mistér uma arma que reuna a um tempo, as qualidades de potência e de mobilidade. Ora, a única arma com tais possibilidades é a de Cavalaria que sempre se desobrigou a

contento da difícil tarefa e se o fogo, a divindade moderna do combate, lhe impoz modificações radicais nos seus processos de combate, não é menos certo que se adaptou perfeitamente à nova situação. Acresce que essa evolução não afetou de nenhum modo a natureza das missões que lhe incumbiam, porquanto permaneceram intangíveis, a êsse respeito, as necessidades do Chefe.

Consequentemente é básica a ação da Cavalaria, tanto no domínio estratégico como no tático, seja em proveito dos exércitos ou grupos de exércitos, seja em cooperação com as D. I.

No BRASIL, país de extensas fronteiras e de escassos meios de comunicação, avulta a importância do papel a desempenhar pela Cavalaria, graças principalmente a suas características de potência e de velocidade-plasticidade.

E, fiel a suas gloriosas tradições, imbuída do mesmo espírito de sacrifício tantas vezes demonstrado, agirá como sempre, de modo simples na concepção, rápido na decisão, audacioso na execução.

DOCTRINA DE COMBATE :

Até 1914, tanto na FRANÇA como na ALEMANHA, a doutrina admitida era, em síntese, a seguinte :

"A Cavalaria, na guerra moderna, desempenha importante papel. Para cumpri-lo, deve tomar desde o início, ascendência sobre a Cavalaria inimiga e procurar destruí-la. Seu modo de ação normal (contra a Cavalaria e mesmo contra a Infantaria), é a *ação a cavalo*, sendo secundária a *ação pelo fogo*".

Esta ação a cavalo era realizada por intermédio da *carga* em formação compacta. Ora, as guerras do TRANSVAAL e da MANDCHURIA nas quais o emprêgo das armas automáticas foi feito em larga escala, tinham demonstrado já a necessidade de modificações profundas no facies do combate.

Formações mais diluídas, aproveitamento do terreno utilizando-lhe as menores dobras ou recorrendo à sua orga-

nização (fortificação passageira), tais foram as reações na Infantaria; na Artilharia, foram abandonadas as posições de cristas, adotou-se como normal o tiro indireto, escudos ajustados aos canhões e carros protegiam as guarnições.

Quanto à Cavalaria, como desenfiar-se às vistas e aos tiros, dado o enorme objetivo que oferece?

Releva notar que na zona escolhida pelo adversário para o combate, não encontrará ela, certo, abrigos ou movimentos do terreno que permitam subtrair-se à ação do fogo.

A guerra dos BALKANS veio confirmar plenamente essas conclusões.

Mas... a *rotina* prevaleceu e com ela a *doutrina*, isto é a Cavalaria continuou sendo até 1914 "uma potência de choque móvel", numa fase de relativa mutação que foi gradualmente se acentuando rumo à sua ulterior transformação em uma "potência de fogo, móvel" (1918), com escalas, nos anos de 1915 a 1917, pela situação transitória de "potência de fogo estática", durante a qual perdia, a pouco e pouco, suas características e adquiria as da Infantaria, particularmente no que respeita à questão do armamento.

Em síntese: perdida a *potência de choque*, a Cavalaria a substituiu pela *potência de fogo*. E, segundo o Gen. Duffour: "As G. U. de Cavalaria tornaram-se essencialmente reservas de fogo; neste caráter fazem parte integrante da massa de manobra."

Ao surgirem o veículo Q. T. e o engenho blindado, a Cavalaria teve diante de si novas e extraordinárias possibilidades para o cumprimento de suas missões — raio de ação, velocidade, plasticidade, elasticidade e *potência de choque*.

Era o começo de uma nova fase na qual o ciclo de evolução da arma se completaria.

ORGANIZAÇÃO, ARMAMENTO, INSTRUÇÃO:

A organização, o armamento e a instrução das unidades de qualquer arma onde quer que seja, dependem estritamente da doutrina. Em 1914, na EUROPA, coerentemente com

idéia predominante da "mobilidade" e do aproveitamento da massa para o *choque*, as D. C. eram aligeiradas ao máximo, em detrimento dos meios de fogo, considerados de importância secundária. A D. C. francesa dessa época, por exemplo, compreendia 3 Bdas., a 2 R. C. e 1 Sec. de Mtrs.; Gr. ciclista (400 F. O. e 1 Sec. de Mtrs.) e 1 Gr. de A. 75. Não dispunha de apoio de Infantaria.

Seu armamento consistia em 3.600 sabres ou lanças, 8 mtrs., 12 peças de A., 3.000 fuzis, 200 baionetas. Cada cavaleiro dispunha de 66 cartuchos; não havia ferramenta nem baioneta.

Uma análise mesmo sumária, demonstra a preocupação com a mobilidade:

- nenhum apoio de Infantaria;
- fraca dotação de cartuchos;
- nenhuma baioneta;
- ausência de ferramenta de sapa;
- reduzido número de peças de Artilharia;
- poucas Sec. de Mtrs.

A instrução tinha como objetivo-base o combate a cavalo, em que a audácia, o treinamento, o vigor e a decisão, tratavam, com o ímpeto das cargas, a vitória.

O combate a pé já começava a interessar os comandantes de unidades até o escalão regimento.

Na ALEMANHA, a organização e o armamento eram semelhantes havendo porém Btls. de caçadores como apoio de Infantaria.

Sob o ponto de vista da instrução, o E. M., atendendo à influência decisiva do fogo, já havia orientado a Cavalaria para o *combate a pé*. Certo, não vislumbrara ainda toda a magnitude dessa forma de combate, porém, a tendência se manifestara e a confiança na arma branca e pois no *choque*, diminuía e não pouco.

Isso explica a razão pela qual a Cavalaria alemã recusou sempre, obstinadamente, bater-se com a gaulesa, e bem assim a adoção da tática do engodo, procurando atraí-la para as zonas de fogo da A. e da I., fatos que os franceses atri-

buiram à deficiência de instrução e de moral dos adversários. Essa opinião não corresponde logicamente à realidade, pois não se compreende que, dentre os soldados alemães, somente o cavalarião não fosse instruído, somente ele não possuísse coragem.

Resumindo as apreciações feitas: em 1914, as D. C. eram dotadas de *grande mobilidade, grande potência de choque e de fracos meios de fogo*. A instrução, aprimorada ao extremo no que se referia ao combate a cavalo e à arma branca; prática relativa dos processos de combate a pé e isso mesmo nas pequenas unidades. Não era visada a cooperação de unidades de Infantaria (em França), porém na ALEMANHA já se contava com semelhante apoio.

A sanção da guerra obrigou a Cavalaria a modificar seus processos de combate, a procurar reorganizar-se, e em consequência a substituir o armamento e a aumentar seus meios de fogo.

Essas mutações começaram a ser feitas desde a "corrida para o mar" (Setembro — Novembro 1914), fase na qual a Cavalaria teve como missão a cobertura dos movimentos estratégicos na frente NOYON-NIEUPORT (cobertura da entrada em ação e desdobramento de 3 exércitos franceses e de 1 exército inglês). A lança foi substituída pelo mosquetão (com baioneta); a dotação de cartuchos aumentou para 200; autos blindados com metralhadoras ou canhões de 37 m/m foram empregados; a ferramenta de sapa é distribuída.

Breve, tinha se imposto a máxima: "*a Cavalaria manobra a cavalo e combate a pé.*"

Em 1916 a estabilização culminava. A cessão de cavalos à Artilharia cujos efetivos tinham aumentado extraordinariamente, obrigou a Cavalaria a uma nova reorganização, na qual foram suprimidas 3 D. C.. Como modificação essencial houve a inovação de um regimento a pé, a adição de 600 Grs. de autos-mtrs. e autos-canhões, assim como a redução do Gr. de ciclistas para a metade do anterior efetivo.

Os Pels. tomam como modelo os de Infantaria; a dotação de cartuchos aumenta ainda, agora para 300, por homem, e uma secção de mtrs. vem aumentar para duas, a dotação do R. C..

Já então a D. C. perdera a sua característica de mobilidade, consequência do acréscimo extraordinário de sua potência de fogo. A ação pelo fogo passa ao primeiro plano. Mas, na ocasião, a guerra de trincheiras a obrigava a permanecer "uma potência de fogo estática". Em 1918, afinal, a Cavalaria retoma a posse de si mesma.

Os novos métodos de combate tinham sido estudados a fundo e o moral era excelente pois chegara a ocasião de abandonar as trincheiras e de retomar suas atividades normais, isto é, as do movimento.

A Cavalaria restabelece as ligações nas frentes rompidas pelos alemães; cobre o desenvolvimento e o engajamento das D. I. transportadas; retarda o inimigo em seus avanços. Quando da contra-ofensiva de MANGIN, ela anseia para iniciar a exploração do sucesso e por completá-lo pela perseguição, mas fatores diversos não o permitiram. E, em Novembro, o armistício extinguiu-lhe as esperanças.

A organização da D. C. de 1918 — "potência móvel de fogo", diferia muito da de 1914. Assim, se o número de Brigadas era o mesmo, o das Secções de Mtrs. tinha duplicado (12 em vez de 6); o Gr. de ciclistas tinha uma Cia. de Mtrs. a 3 Sec. de 4 peças, em lugar de 1 Sec. com 2 peças; 2 Grs. de A. em vez de 1; possuía 2 Grs. de autos-mtrs.-canhões (inexistentes em 1914); 300 cartuchos por homem, isto é, 5 vezes mais; baionetas, ferramenta de sapa, granadas, F. M. (não constavam da organização anterior).

Como se verifica, se por um lado é extraordinário o aumento dos meios de fogo, por outro, é óbvio, observa-se uma perda sensível da mobilidade. Procurando rehavê-la e bem assim recuperar também algo da potência de choque, voltaram-se os meios militares europeus para o motor.

TENDÊNCIAS MODERNAS :

Ao concluir-se o armistício em 1918, uma D. C. possuía 250 armas automáticas. Esse número foi aumentado de tal sorte que, em menos de um lustro quasi duplicara, reduzindo ainda mais a mobilidade da Arma. O General WEYGAND, entre outros, vaticinara :

"A guerra do futuro, será uma guerra de maquinismo. Negá-lo, recusar-se a acompanhar o progresso da máquina e a beneficiar-se d'êla, é condenar-se, no dia da guerra, a não ter sinão engenhos obsoletos."

E foi apelando para as máquinas que a Cavalaria adquiriu parte da mobilidade perdida. Foram motorizados a Artilharia e os trens; criaram-se esquadrões de dragões transportados, visando a entrada rápida em ação dos meios de fogo.

Vencida a 1.^a etapa, fez-se mais um lance tendo em vista o aumento da capacidade ofensiva da arma, empregando em larga escala a motorização e a mecanização e adotando as seguintes medidas :

- a supressão dos grupos ciclistas;
- a incorporação definitiva à arma, dos D. T.;
- a criação dos R. Au. M. (engenhos blindados: A. M. D.; A. M. D. R.; A. M. C.).

Chegou-se assim em FRANÇA, em 1936, à organização da D. C. mixta, composta de duas Bdas, a cavalo e de 1 Bda. motorizada.

Originária da organização de 1932, modificada em 1934, compreende os seguintes elementos :

- a cavalo : 2 Bdas. a 2 R. C.;
- motorizados: Btl., de D. T.; Artilharia; Engenharia;
- mecânicos: R. Au. M. .
- um Esq. anti-carros.

Possue grande flexibilidade e graças a seus elementos hipomóveis e automóveis adapta-se a qualquer terreno.

Sua mobilidade estratégica é relativa, mas, em compensação, goza de mobilidade tática integral e é muito manobreira.

A Artilharia e os combatentes a pé constituem o elemento de força desta G. U..

Não sendo constituída de elementos homogêneos seu comando apresenta certa complexidade, considerando-se :

- a necessidade de constituir e acionar agrupamentos táticos adaptados a diferentes missões, sob vários comandos subordinados;
- o volume (alcança 50 Kms. em coluna de estrada).

E' muito vulnerável não só nos ataques aéreos, como às ações afastadas da Artilharia. A tomada de posição pela Artilharia e a colocação, dos elementos a pé tendo em vista a ação do engajamento, requer um mínimo de duas horas, tempo que para a Cavalaria não é reduzido. Sua potência ofensiva, função dos próprios meios de Artilharia, permite-lhe atacar uma linha de fogos contínua, numa frente compreendida entre 600 ms. a 1 km. Na defensiva, pode ocupar uma frente de 6 kms. e estabelecer uma cortina de fogo numa extensão entre 8 a 10 kms.

Mediante o jôgo de seus escalões — hipo e auto — é particularmente apta à ação retardadora, tomando o contacto o mais longe possível, impondo ao adversário sucessivas perdas de tempo, realizando incursões em sua retaguarda e sobre seus flancos, inquietando-o, obrigando-o a se desdobrar e levando a efeito contra-ataques locais com os engenhos blindados.

Paralelamente às experiências relativas à organização da D. C. mixta e atendendo aos inconvenientes nela verificados os E. M. europeus procediam a outros estudos, tendo em vista a constituição de uma G. U. compreendendo somente elementos motorizados e engenhos blindados. A FRANÇA chegou a possuir três dessas unidades que receberam a designação de D. L. M.

A D. L. M. é constituída essencialmente por um regimento de descoberta e por uma Bda. de combate. Tem uma potência ofensiva superior à da D. C. mixta, pois sua frente de ataque normal pode abranger de 3 a 3 Kms., 5; o mesmo acontece sob o ponto de vista defensivo, também com maiores

possibilidades, graças à blindagem dos meios de transporte dos D. T. e ao fato dos carros poderem ser empregados na ação retardadora, estabelecendo cortinas de fogo, ocultos atrás das cobertas e das cristas. (10 a 15 Kms).

Esta G. U. é homogênea; possui uma considerável potência de fogo; pode fixar o inimigo no decorrer de uma manobra de ala; mantém o contacto e assegura uma ocupação prolongada do terreno. Apresenta um maior volume que a D. C. mixta (3.500 veículos em vez de 2.500); seu comando é mais fácil, sua vulnerabilidade é grande; seus engajamentos se processam rapidamente.

Em síntese: suas características são melhores que as da D. C. mixta. Mas essa organização só pode ser adotada por países industriais ricos. Em países como o nosso, no qual as indústrias pesadas estão ensaiando os primeiros passos, convém adotar, inicialmente, a solução intermediária — a da D. C. mixta.

CONCLUSÃO :

Em rápida análise foram passados em revista não só as lições decorrentes da experiência da Grande Guerra, como também as atuais tendências no tocante à Arma de Cavalaria.

Ocorreu, de início, o abandono do combate a cavalo e da ação pelo choque, substituído pela manobra a cavalo e combate a pé utilizando o fogo; posteriormente, forçada pelas circunstâncias, a Cavalaria aferra-se ao terreno, aumenta seus meios de fogo, adapta sua maneira de agir à da Infantaria cuja organização e processos de combate perfilha, aguardando impaciente a sua hora, a hora do movimento; tendo soado esse momento, ressurge afinal, alijando para longe o pesadelo das trincheiras e das redes de arame, e, embora alfin, novamente, da liberdade de suas ações. O armistício, firmado nessa ocasião (Novembro de 1918), destruiu-lhe as perspectivas.

Depois... foi mistér rebater os argumentos dos que combatiam a razão de ser da arma, julgando prescindível seu concurso.

Vencidos êsses adversários, tratou-se de acompanhar o progresso vertiginoso da época e, em consequência, recorreu-se à motorização, à mecanização — primeiro timidamente, a seguir em escala ampla.

Hoje, graças a essas inovações, a *Cavalaria é uma potência móvel de fogo e de choque*.

E encerrou-se o ciclo de evolução da arma :

CAVALARIA	{			massa dinâmica de choque — até 1914
	{			massa estática de fogo — (1915 - 1918)
	{			massa móvel de fogo — 1918 - 1924
	{			massa dinâmica de { fogo { Atualmente choque {

MISSÕES, CARACTERÍSTICAS E EMPRÊGO

MISSÕES :

"A Arma de Cavalaria, *informa, cobre e combate* em ligação com as outras armas; pode intervir no sentido de prolongar ou substituir a ação dêles quando for necessário agir *depressa, longe, por surpresa*" (R. G. U., Bdr., n.º 43).

No exercício dessa triplice missão, a Cavalaria coopera eficazmente na ação do COMANDO.

- prestando-lhe as informações de que necessita para desenvolver seu plano de manobra — sob a forma de dados referentes à situação, natureza e força do inimigo, grau de adiantamento de sua manobra, possibilidades respectivas de ação. É a missão de EXPLORAÇÃO (terrestre);
- outorgando-lhe a segurança estratégica, dando-lhe tempo e espaço para a reunião dos meios, em função das informações transmitidas e das resistências opostas ao adversário, no início ou no decurso das operações. É a missão de COBERTURA;

— garantindo-lhe, graças à sua velocidade-plasticidade, tanto na ofensiva como na defensiva, seja o deslocamento rápido e oportuno de possantes meios de fogo nas condições de tempo e de espaço as mais favoráveis, seja na manutenção de uma posição definida em contacto com o inimigo. É a missão de COMBATE.

Essas missões são desempenhadas pela Cavalaria Independente (D. C.) e ressaltada apenas a amplitude do raio de ação, também pela Cavalaria Divisionária R. C. D.)

Em consequência, aquela coopera na "segurança estratégica", esta última, na "segurança tática".

CARACTERÍSTICAS :

"As G. U. de Cavalaria são caracterizadas pela sua mobilidade e potência de fogo. Seu valor ofensivo está na razão direta da sua dotação em Artilharia e em engenhos blindados". São submetidas às servidões resultantes de seu volume, de sua vulnerabilidade e de sua fragilidade, assim como das exigências para sua manutenção e reabastecimento" (R. G. U., fr., n.º 430).

Dotada de uma velocidade de deslocamento superior à das massas em proveito das quais age, exercendo essa ação num grande raio, fazendo uso de uma plasticidade amoldável a todos os terrenos, a qualquer estado atmosférico "com todos os meios de combate" e, tendo como complemento uma grande elasticidade mediante a qual pode modificar rapidamente seu dispositivo em função dos acontecimentos, a Cavalaria moderna, móvel, tem seu poder acrescido com a potência-tempo, traduzível pela rapidez de sua intervenção (surpresa) e materializada pelo choque brutal.

A simbiose dessas qualidades — mobilidade e potência, tornam a Cavalaria a arma por excelência nos momentos de crise, no restabelecimento rápido de uma situação difícil.

Convém não esquecer, no entanto, que não é possível conciliar o combinado surpresa-ação brutal aplicando todos os meios num único ponto, com a questão de remunciamen-
to e esse antagonismo não permite que a missão perdure.

E, finalmente, é de capital importância restringir ao mínimo o desgaste do conjunto dos elementos hipo e automóveis, servidões que exigem, imperativamente, repouso para homens e animais, ferraduras para os cavalos, revisões nos motores, precauções nos reabastecimentos (quantidade e oportunidade), sem o que as unidades não cumprirão a missão.

EMPREGO TÉCNICO :

1. — Generalidades

"A manobra de uma G. U. de Cavalaria deve combinar harmonicamente o emprego de seus diversos elementos — hipomóveis, motorizados, blindados.

Requer o deslocamento rápido e em segurança, a despeito do terreno e do inimigo, de uma massa de manobra potente, porém volumosa, visando concentrar, na frente mais favorável, os esforços combinados de seus meios" (R. G. U. fr., n.º 432).

Ora, "deslocamento rápido" exige "divisão da massa", "concentração", significa "reunião". Nessas condições, a velocidade desse movimento é função da heterogeneidade dos elementos da D. C. (no caso da D. C. mixta), do número de eixos disponíveis e das possibilidades do inimigo.

Se estas possibilidades são remotas, é de regra impulsionar à frente, rumo a um abrigo natural ou até um corte do terreno os elementos mais rápidos se, ao contrário, o inimigo tem possibilidades de intervir na jornada ou, ainda, o terreno é difícil, cabe a primazia aos elementos a cavalo reforçados pelos engenhos blindados.

A diversidade dos elementos restringe a velocidade da D. C. (grossos), a 6 e 8 Kms. horários nas jornadas normais de 40 Kms., e excepcionais de 100 Kms. (em 24) e de 200 Kms. em 3 dias.

Já a D. L. M. percorre esses 200 Kms. em 8 horas, o que corresponde à possibilidade de realizar o mesmo que a

D. C. mixta na sexta parte do tempo — 100 Kms. em 24 horas e em 4 respectivamente, devendo considerar-se, ainda, ser excepcional o esforço daquela.

Para o deslocamento em segurança, o Cmt. da G. U. conta: — com as informações (jôgo dos destacamentos de descoberta e de segurança afastada precedendo o grosso de 50 a 150 Kms., e operando em frentes de 35 a 55 Kms., respectivamente para uma D. C. e uma D. L. M.;

— com a ação dos destacamentos de segurança organizados de modo a reconhecer a zona de marcha e se necessário estabelecer-se em condições oportunas e favoráveis, em cobertura, numa frente que varia de 10 a 15 Kms., respectivamente, para a D. C. e para a D. L. M.

A concentração responde à necessidade para o chefe, na ofensiva, de reconhecer o inimigo, procurar fixá-lo numa frente extensa, e, a seguir, atacá-lo em fôrça, numa direção determinada; na defensiva, resistir ao inimigo numa frente extensa, durante um tempo limitado e aproveitando os cortes do terreno.

Deve-se ter sempre em mente as características da arma e seu emprego na defensiva, pois se ela é particularmente apta para a ação retardadora, só em último caso deverá receber a missão de defensiva sem espírito de recuo.

2 — O Combate da D. C.

A Cavalaria, em função das suas propriedades e características tanto pode agir no combate ofensivo como no defensivo.

Se na guerra européia, apesar das deficiências de seu armamento e das transformações bruscas nos seus processos de combate a arma satisfaz, muito mais é de se aguardar dela agora que a sua potência de fogo aumentou e que adquiriu a mobilidade.

Na defensiva, duas hipóteses devem ser encaradas:

- *defensiva estática* numa P. R. com ou sem limite de tempo;
- *defensiva dinâmica*, quando existe entre o inimigo e a P. R. um espaço no qual a D. C. possa manobrar.

No 1.^o caso, ela deverá combater com os processos da Infantaria e, além disso, para que sua missão perdure, necessita de apóio de Infantaria e de Artilharia, pois seu elemento de força reside orgânicamente no valor de 5 Btls., e de 3 grupos de Artilharia.

No 2.^o caso, ela está no seu ambiente, pois é particularmente apta à manobra defensiva atenta sua mobilidade, que lhe permite adaptar-se rapidamente à situação e oferecer séria resistência obrigando o inimigo a desdobrar-se, a perder tempo, para, depois, desaferrar-se e se reconstituir numa nova linha onde resistirá novamente.

A ação retardadora constitui, segundo os franceses a ação específica da Cavalaria.

Na ofensiva, a ação da Cavalaria abrange os preliminares do combate; o ataque e a exploração do êxito.

A D. C. na marcha de aproximação-escalona seus elementos na seguinte ordem :

- destacamentos de descoberta e de segurança afastada (motorizados) — VGS.
- Bda. motorizada;
- Bdas. a cavalo; Artilharia.

Assegurada a tomada de contacto (VGS.), é constituída uma frente defensiva (8 a 10 Kms.), visando cobrir a aproximação dos elementos das Bdas. a cavalo (2.^o escalão) e ocultar ao inimigo até ao último instante, onde desencadeará o ataque (procura do efeito de surpresa). Com a chegada do 2.^o escalão (3 a 4 horas depois), trata-se de preparar o ataque, não convindo, em regra, fazê-lo preceder de outras operações pois a rapidez de ação na Cavalaria prima sobre tudo o mais.

A frente de ataque corresponde a 700 ms. para um R. C. ou um Btl. de D. T.; a Artilharia orgânica constitui um agrupamento único cujo plano de fogo visará o apóio das unidades atacantes em primeira urgência. As reservas D. T. (Q. T.) destinam-se a anular os imprevistos na frente de

contacto e nos flancos, a constituir um segundo escalão de ataque e a formar os destacamentos de exploração (ulteriormente).

A localização da tropa e os processos de execução, bem como o ataque seguem os moldes dos da Infantaria, ressalvada a diferença da "duração" que é função dos efetivos e da munição.

A exploração é levada a efeito tendo em vista não só o alargamento da brecha como também o aumento da profundidade, para o que contribuirão os elementos contíguos ao do ataque e destacamentos de exploração (engenhos blindados).

A ação lateral impedirá que o inimigo se mantenha e a de profundidade, atingindo sua Artilharia, órgãos de comando e reservas, desorganizará todo o sistema adversário.

Resumindo: as possibilidades ofensivas da Cavalaria são limitadas pelo número de combatentes a pé e pelo apólo de fogo de Artilharia. Dispondo apenas de sua Artilharia orgânica a frente de ataque será no máximo de 1.200 ms., assim mesmo considerando os A. M. C.

Com reforço de Artilharia essa frente pode ir até 1.600 ms. e não mais a não ser que receba acréscimo também de elementos a pé.

PHARMACIAS

SILVA

ARAÚJO

Serviço Nocturno Permanente

ENTREGAS RAPIDAS A DOMICILIO

Tels.: 22 - 1141 — 22 - 1150

MATRIZ:

Rua 1.ª de Março, 11

Ts. 23-3705 e 23-2591

Fornecedores do Governo Federal e Municipal

FILIAL:

Largo da Carioca, 10/12

Ts. 22-1141 e 22-1150

A Instrução de Sapadores na Cavalaria

1.º Ten. NEY NEVES DA SILVA

O presente trabalho foi organizado para a instrução dos sapadores, no Regimento Andrade Neves, em 1937.

Unidade Escola, dispondo de todos recursos materiais, torna-se fácil alcançar os objetivos previstos, salvo quanto àqueles dependentes de recursos naturais. Outras Unidades, ao contrário, privilegiadas com meios locais, poderão desenvolver mais a parte referente à Transposição de Cursos d'Água.

A publicação do presente trabalho, adaptado às exigências do novo R. I. Q. T., tem em vista, proporcionar aos colegas, indicações para confecção de programa de sapadores, adaptando-o aos meios disponíveis em cada Corpo.

PROGRAMA DA INSTRUÇÃO DE SAPADORES.

I — OBJETIVO.

— Formar executantes perfeitos em todos os trabalhos de organização de campo de batalha — ofensivo e defensivo — bem como naqueles que auxiliam as tropas tanto na progressão como no re-talimento.

— Formar especialistas capazes de desempenharem as funções de chefes de turmas nos trabalhos acima referidos.

— Formar especialistas nos trabalhos tendentes a melhorar as condições de estacionamento.

II — ORIENTAÇÃO DA INSTRUÇÃO.

A instrução será encarada sob o ponto de vista prático, isto é, na execução dos processos de trabalho acima referidos.

III — DIVISÃO DA INSTRUÇÃO.

A instrução de sapadores compreende dois períodos:

O 1.º Período — de formação de sapadores — abrange duas fases: A 1.ª Fase — com início no 3.º mês de instrução, conta só um mês, é denominada — *fase dos candidatos*. A 2.ª Fase — *fase da instrução especializada* — tem a duração de três meses.

O 2.º Período, consta de dois meses, é o período de aperfeiçoamento. Os exercícios de aplicação, serão feitos nos exercícios de conjunto dos 3.ºs e 4.ºs. períodos, no âmbito das sub-unidades.

IV — OBJETIVOS PARCIAIS.

- O 1.º Período de quatro meses, findo os quais, os sapadores devem ter conhecimentos básicos e estarem em condições de executarem os trabalhos do campo de batalha, de travessia dos cursos d'água e os de destruição, bem como os necessários aos estacionamentos.
- O 2.º Período reserva-se para o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos no período anterior.

V — AMPLITUDE

A instrução de sapadores compreende três assuntos distintos:

- A — Trabalho em campanha
- B — Minas e destruições
- C — Transposições dos cursos d'água

- A — TRABALHO EM CAMPANHA : I — Trabalho com sapa
II — Obstáculos
III — Trabalhos complementares

I — Trabalho com sapa :

1 — Apresentação da ferramenta :

a — Portátil :

b — Parque :

De terraplenagem: Pá — picareta — picão.

De destruição: Machadinha — alicate — facão — serra — serrote.

De terraplenagem: Pá de bico — pá de cortar — pá quadrada — picareta — enxada.

De destruição: Machado — foice — serra de tesoura de cortar.

2 — Manejo e emprego da ferramenta.

3 — Processos dos trabalhos :

a — A preparação dos trabalhos

b — Execução dos trabalhos em linha

c — Execução dos trabalhos em sapa

d — Divisão dos trabalhos em tarefas individuais e coletivas

e — Divisão dos trabalhos em turmas

- Processos pirotécnicos
- Processos elétricos
- Precauções a tomar

X — Rupturas e destruições :

1 — Cargas :

- a — Interiores
- b — Superficiais : — Concentradas
 - Alongadas (para derribamento de obstáculos, destruição de defesas acessórias e rupturas de peças metálicas)

2 — Emprego da pólvora :

- a — Brecha em muro servindo de cerca
- b — Demolição de um muro espesso
- c — Demolição das construções de alvenaria
- d — Interrupção das plataformas de estradas e vias-férreas
- e — Destruição de pontes

3 — Emprego da melinite :

- a — Demolição de muro
- b — Demolição das construções de alvenaria
- c — Interrupção das plataformas de vias-férreas e estradas
- d — Ruptura de uma placa ou cabo metálico
- e — Destruição de uma rede de arame
- f — Destruição de uma ponte
- g — Ruptura simples de um trilho
- h — Binário de cavalaria
- i — Ruptura de peças de madeira (árvores), por cargas superficiais ou interiores.
- j — Rupturas de madeiras debaixo d'água
- l — Demolição de uma rede de arame
- m — Destruição de material bélico

4 — Emprego da dinamite e da chedite (Noções gerais, emprego nos casos referidos acima)

C — TRANSPOSIÇÕES DOS CURSOS D'ÁGUA :

1 — Pontilhões e pinguelas :

1 — Definições

2 — Cordame

3 — Nós e ligações :

- a — Noções elementares (alça, anel, nó simples, nó simples alceado, nó duplo, nó alemão, nó para sustentar um homem e coroa de corda).

— Emendas e ramificações

IV — União dos artificios pirotécnicos de lançamento do fogo:

- 1 — Da espoleta comum ao estopim
- 2 — Da espoleta comum ao cordel detonante
- 3 — Do cordel detonante ao estopim comum por meio da espoleta comum ou o escorvamento do cordel detonante

V — Emendas do

cord. det.

- (a — Ferramenta usada (alicate de estriar e faca)
- (b — Por meio de torçais (francês e espanhol)
- (c — Por meio de um petardo
- (d — Por meio de um par de petardos

VI — Ramificações do cordel detonante:

- a — Simples por meio de torçais ou petardos
- b — Múltiplos por meio de um petardo ou cartuchos
- c — Ferramenta usada.

VII — Trabalho em minas:

- a — Nomenclatura da ferramenta para a escavação de terra, rocha e alvenaria.
- b — Instrumentos e madeiras empregadas nas minas.
- c — Ferramenta e engenhos para o transporte dos materiais para enchimento e carregamento das minas.
- d — Aparelhos de perfuração e ferramenta de brocar.

VIII — Minas:

- a — Câmara-Definição Fornilhos
- b — Carga - "
- c — Poços — Galerias — Ramais (Noções gerais)

IX — Fornilhos:

- 1 — Dados gerais sobre a carga:
 - a — Fornilhos simples ou comum
 - b — Fornilhos à carga de melinite
- 2 — Preparação de um fornildo:
 - a — Estabelecimento da câmara
 - b — Carregamento do fornildo — Precauções
 - c — Escorvamento do fornildo — Adaptar o cordel detonante ao fornildo (caso duma carga de pólvora ou de melinite).
Dispôr o cordel detonante nas comunicações (caso de um só fornildo ou de vários).
 - d — Colocação do artifício de transmissão de fogo (caso duma carga de melinite ou de pólvora)
 - e — Enchimento do fornildo — Ferramentas necessárias — Materiais necessários (terra, tijolos, tapumes)
 - f — Lançamento de fogo no fornildo: — Pessoal

b — Entulhamento

c — Abertura de picada

3 — Nos acampamentos e bivaques:

a — Faxinas

b — Disfarces

c — Latrinas e fossas higiênicas, drenagem de água, bebedouros, etc.

B — MINAS E DESTRUÍÇÕES:

I — Explosivos:

Características

(1 — Apresentação

(2 — Nomenclatura

(3 — Inflamação ou detonação

(4 — Conservação e armazenamento

(5 — Recipientes

(6 — Transporte

(7 — Emprego

(8 — Processos

Pólvora negra

Mellinite

Chedite

Dinamite

Fulminato de mercúrio

II — Artíficos pirotécnicos:

1 — Combustão lenta:

a — Estopim comum: — Apresentação

— Características enunciadas acima

b — Lança fogos (Bickfor — Mecha de fuzil — Morrão — Acendedores)

2 — Combustão rápida:

a — Espoleta comum: — Apresentação

— Características enunciadas acima.

b — Cordel detonante: — Apresentação

— Características enunciadas acima.

III — Material elétrico:

1 — Espoleta elétrica:

a — Apresentação

b — Acondicionamento

c — Emprego

d — Verificação e inflamação

2 — Detonador eletro-magnético: Noções simples e gerais

3 — Condutores elétricos:

a — Condutores simples

— Manéjo

— Verificação

4 — Trincheiras e sapa :

- a — Construção do abrigo individual
 - Transformação do abrigo individual em linha continua
- b — Trincheiras:
 - Definições
 - Perfil
 - Traçado e seteiras
 - Estaqueamentos
 - Trabalho para a construção (em linha)
(em sapa)
 - Organização das turmas e tarefas para esses trabalhos
 - Construção com o modo de proceder a escavação
 - Adaptação da trincheira ao tiro de qualquer arma
- c — Espaldões :
 - Para F. M. — Mtrs. Petrechos
- d — Comunicações enterradas
 - Definições, perfis, traçado, organização defensiva
 - Trabalhos para a construção (em linha)
(em sapa)
- e — Abrigos para armamentos, material e munições (definições)
- f — Abrigos para P. C., P. O. e P. S. (Noções gerais)
- g — Abrigos tendo em vista a habitabilidade, isto é, de prevenção contra os gases (Noções gerais)

II — Obstáculos :

- 1 — Naturais (Conhecimentos gerais) .
- 2 — Artificiais :
 - a — Redes de arame:
 - Processos de trabalho
 - Rede normal e rede baixa
 - Redes estensíveis (Brum e Ribard)
 - Cavalos de frisas
 - Ouriços
 - b — Abatises
 - c — Barricadas e paliçadas

III — Trabalhos complementares :

- 1 — Nas trincheiras e abrigos :
 - a — Faxinas
 - b — Revestimentos e disfarces
 - c — Latrinas
 - Nas pistas, caminhos e estradas:
 - a — Reparação e conservação

- b — Nós de junção ou emendas (nó direito, laçada, nó de tecelão, nó de pescador, emendas por um nó simples, costuras)
 - c — Nós de amarrar ou amarração (nó corrediço simples, nó de cotovia, nó corrediço em duplo cote, nó de barqueiro, amarração em pé-de-galinha, nó de âncora, nó de cabrestante, nó de azelha, malha fixa, malha de correr, nó dobrado fino, nó de galera, amarração de uma alavanca a uma corda, nó de talha)
 - d — Encurtamento dos cabos (por um arrócho, com um nó cheio sobre três pernas, com duplo anel passando pelos nós, com um nó de galera)
 - e — Ligações com cordame (de duas vigotas conjugadas, de uma vigota isolada, de duas vigotas superpostas)
 - 4 — Operações comuns a diversas pontes de circunstâncias
 - 5 — Construções de pontilhões de vigotas simples
 - 6 — Construções de pinguelas simples
 - 7 — Construções de passadeiras simples (com estacas leves, com tábuas sobre sacos, visando principalmente o saco Habert e os sacos de distribuição)
- II — Balsas diversas :
- 1 — De tronco e de tonéis
 - 2 — De sacos de distribuição
Corpos flutuantes
 - 3 — De sacos Habert
- III — Processos de travessia :
- 1 — Com toras de madeira
 - 2 — A remo das balsas
 - 3 — Pontes volantes
 - 4 — Transportador com roldana
 - 5 — Transportador com cabo guia
 - 6 — Vaivem.

SALITRE NATURAL DO CHILE

PARA AGRICULTURA E PARA A INDUSTRIA

REPRESENTANTES

ARTHUR VIANNÁ & CIA. LTDA

FIRMA ESTABELECIDADA DESDE 1900

FORNECEDORES DO MINISTERIO DA GUERRA

Filial

MATRIZ

Filial

R. Florencio de Abreu, Av. Santos Dumont, 227
491 — S. PAULOAv. Graça Aranha, 28,
BELO HORIZONTE

3.º — Rio de Janeiro

Porque passei para a reserva

— Pesando minhas possibilidades de acesso e, tendo em vista as qualidades indispensáveis ao exercício das funções de General :

- *Energia física, perfeita* — permitindo trabalhar dia e noite, jornadas inteiras à fio, sem descanso;
- *Grande capacidade profissional*, exercitada sempre e cada vez mais na pronta tomada de decisões permitindo solucionar casos que, na guerra, se sucedem vertiginosamente;
- *Energia moral*, capaz de sobrepôr-se à vertiginosidade e ao peso dos acontecimentos, pois que, sem ela — é impossível dominá-los e vencê-los; e

comparando tais qualidades com as possibilidades com que poderia eu contar, ao atingir o Generalato, daqui a 2, 3 ou 4 anos, concluí que — se bem que, tanto minha *energia moral* como minha *capacidade profissional* deveriam estar cada vez mais sólidas, certamente o mesmo não poderia acontecer no respeitante às minhas *energias físicas*, fatalmente abaladas pela tirania dos anos, não mais podendo, a meu vêr, corresponder às exigências do desempenho das funções de General;

— Assim, convenci-me de que — a única decisão a ser por mim tomada, seria solicitar minha passagem para a reserva, o que fiz.

— E' que, julguei isso preferível a aguardar, beatificamente, uma das duas soluções que, fatalmente, viriam encerrar o meu caso pessoal :

- a) Ser promovido a general quando já velho e esgotado, não podendo mais encarar as responsabilidades do posto com o mesmo entusiasmo e eficiência que caracterizam o desempenho das funções, desde Aspirante até Coronel.
- b) Ser atingido pela compulsória, no posto de Coronel, sem qualquer compensação que pelo menos, revertesse em benefício da minha Família.

(Da oração proferida pelo Cel. Orozimbo Martins Pereira, na homenagem que lhe foi prestada)

A ENGENHARIA

NA GUERRA DO

PARAGUAI

1º Ten. *FLORIANO MÖLLER*

(Do 2.º Btl. de Pnt.)

(Conclusão)

MARCHA DE OSORIO PARA A ZONA DE CONCENTRAÇÃO

Osorio, que em Abril de 1865 se encontrava nas proximidades de Montevideo, deslocou-se para Dayman, por terra e por água.

A 24 de Junho principiou Osorio a passagem de suas tropas de Dayman para Concordia. A 11 de Julho estava concluida (durara 17 dias). Fôra feita pelos navios da esquadra.

O exército brasileiro acampou à margem direita do Juqueri-Grande. Como fosse de conveniência aproximá-lo do Exército Argentino que se encontrava mais ao Norte, à margem direita do Aiui-Chico, Osorio determinou esse pequeno avanço.

Em virtude da profundidade do rio, a nossa engenharia construiu uma ponte de circunstância, uma vez que não dispunha de equipagem regulamentar. Foram aproveitados os recursos locais — barcos de comércio e o material que se pôde conseguir. A ponte tinha um vão de 67 metros e uma via de 4 metros. O trabalho durou 12 horas.

A passagem das tropas teve início a 15 de Julho. Neste dia, refere Tasso Fragoso às nove e meia da manhã começou o desfile do exército. A primeira divisão passou em 42 minutos; a terceira em 40; a brigada de artilharia com 32 bocas de fogo e o parque, cujas viaturas eram tiradas por

três juntas de bois cada uma, levou a passar até às 13 1/2 horas da tarde; o hospital ambulante, os animais de bagagem, as carretas de diversas repartições, consumiram 7 horas, sendo 3 no dia 16. Terminada a passagem foi levantada a ponte em uma hora.

Em Concordia já se encontravam reunidas as forças argentinas. Nestas figurava o batalhão de Sapadores.

O Cel. Paunero, do Exército argentino ao organizar sua força, não se esqueceu de formar o seu trem de pontes, sabendo que teria que atravessar muitos rios. Era transportado em carretas de bois. O material que conduzia com sua força lhe facultava armar balsas. Cada uma destas resultava da amarração conveniente de três canôas desmontáveis. A capacidade delas permitia que passassem de cada vez 200 homens, ou três carretas ou três peças com seus armões e carros. São estes os dados que o livro do Gen. Tasso Fragoso nos proporciona.

Quando a oportunidade se oferecesse Paunero não teria que enfrentar as dificuldades que encontrou o Gen. Flores com a sua força, demorando dois dias para atravessar o Arroyo Mocoretá, em uma balsa improvisada, sem levar em conta outras dificuldades com os arroios que se encontravam cheios (Julho de 1865).

A marcha de concentração até Mercedes, das forças aliadas sob o comando de Flores, Osorio e Gelly y Obes apresentou dificuldades, porque os inúmeros rios e arroios tinham de ser transpostos a vau ou com escassos meios de fortuna.

De 27 a 30 atravessa-se o Mocoretá. Segundo o relatório do Chefe da comissão de engenheiros (Ten. Cel. José Carlos de Carvalho) a passagem de 14.000 homens, com grande bagagem, nove baterias e mais de duzentas viaturas sobre um rio de 100 metros de largura e 4 de profundidade

era um fato tão novo na Argentina e Uruguai que chamou a atenção do exército argentino e da imprensa de Buenos Aires. Os meios de que dispunha relata o mesmo oficial de engenheiros, constavam de três pontões de goma elástica, quatro chalanas construídas sob encomenda e duas canoas adquiridas no Mandisobi. O Ten. Cel. Carlos de Carvalho afirma que os pontões de borracha prestaram-se maravilhosamente para o seu fim e que se dispusesse de pelo menos mais seis, o exército teria efetuado a passagem em dois dias, em lugar de quatro.

Verificamos assim que temos prioridade na utilização dos pontões de borracha que foram empregados em quantidade na atual guerra européia. Sua fabricação é possível numa fábrica de artigos de borracha, em Santa Cruz, neste Estado.

Nessa ocasião, o batalhão de engenheiros dispunha de 21 oficiais e 264 praças. Possuía 52 praças destacadas na esquadra imperial, à disposição da 9.^a Brigada.

A 15 de Novembro, pode-se dizer que todo o exército aliado estava na margem direita do Rio Corrientes.

Para a travessia desse rio, os argentinos dispunham de uma grande balsa de oito caixões com estrado de tábuas e capaz de levar 80 homens armados e equipados e três balsas armadas sobre canoas. Os brasileiros dispunham do material já especificado quando da travessia do Mocoretá, acrescido de balsas feitas com barris vãos e algumas embarcações.

De 24 a 27 o batalhão de engenheiros assegura a passagem do Santa Luzia.

Segundo a organização do Exército Argentino dada por Mitre a 15-XI-1865 foram creadas duas Cias. de Sapadores e balseiros.

Em Dezembro de 1865 estavam os três exércitos aliados acampados um ao lado dos outros, próximo do Passo da Pátria para tentarem logo que fosse possível a travessia deste.

era um fato tão novo na Argentina e Uruguai que chamou a atenção do exército argentino e da imprensa de Buenos Aires. Os meios de que dispunha relata o mesmo oficial de engenheiros, constavam de três pontões de goma elástica, quatro chalanas construídas sob encomenda e duas canoas adquiridas no Mandisobi. O Ten. Cel. Carlos de Carvalho afirma que os pontões de borracha prestaram-se maravilhosamente para o seu fim e que se dispusesse de pelo menos mais seis, o exército teria efetuado a passagem em dois dias, em lugar de quatro.

Verificamos assim que temos prioridade na utilização dos pontões de borracha que foram empregados em quantidade na atual guerra européia. Sua fabricação é possível numa fábrica de artigos de borracha, em Santa Cruz, neste Estado.

Nessa ocasião, o batalhão de engenheiros dispunha de 21 oficiais e 264 praças. Possuía 52 praças destacadas na esquadra imperial, à disposição da 9.^a Brigada.

A 15 de Novembro, pode-se dizer que todo o exército aliado estava na margem direita do Rio Corrientes.

Para a travessia desse rio, os argentinos dispunham de uma grande balsa de oito caixões com estrado de tábuas e capaz de levar 80 homens armados e equipados e três balsas armadas sobre canoas. Os brasileiros dispunham do material já especificado quando da travessia do Mocoretá, acrescido de balsas feitas com barris vãos e algumas embarcações.

De 24 a 27 o batalhão de engenheiros assegura a passagem do Santa Luzia.

Segundo a organização do Exército Argentino dada por Mitre a 15-XI-1865 foram creadas duas Cias. de Sapadores e balseiros.

Em Dezembro de 1865 estavam os três exércitos aliados acampados um ao lado dos outros, próximo do Passo da Pátria para tentarem logo que fosse possível a travessia deste.

Os meses de Dezembro de 1865 a Fevereiro de 1866 caracterizam-se, por parte de Lopes por golpes de mão, em certos períodos, diáriamente, empregando em geral 100 a 200 homens embarcados em 20 canoas e atingindo por vezes um máximo de 1.500 homens em 40 canoas ou 20 chalanas a vapor.

PREPARATIVOS PARA A TRAVESSIA DO RIO PARANÁ

Um dos primeiros cuidados de Osorio ao chegar a margem esquerda do Paraná, foi tomar as necessárias providências para assegurar a passagem d'este caudaloso rio. Officiou a Tamandaré pedindo recursos para a construção de pequenas embarcações. Determina a criação de um estaleiro e Corrientes e confia a direção dos trabalhos ao Chefe da comissão de Engenheiros, Ten. Cel. José Carlos de Carvalho auxiliado por uma pléiade brilhante de engenheiros militares.

Estes officiaes providenciaram a construção de barcos modelo francês, aquisição de material para a confecção de 10 canoas e a aquisição de outras três já prontas.

Diante da actividade desenvolvida, o Ten. Cel. Carvalho informava a 24 de Fevereiro, que, para passar o Paraná o Exército dispunha de:

43 canoas completas podendo transportar	1075 homens
2 batelões podendo transportar	120 "
9 pontões de goma elástica	225 "
	<hr/>
	1420

1 vapor de excelente marcha para rebocar
O vapor São Paulo para transportar 400 homens
Esperava receber de Montevideo, dez batelões para transportar 40 homens cada um.

Tamandaré prometera dar:

4 vapores pequenos e 3 a 4 chatas.

A 10 de Março de 1866, os nossos recursos em material para pontagem eram os seguintes:

50 canoas para	1.250 homens
2 batelões para	120 "
6 balsas para artilharia, carretame e cavallhada.	
1 chata grande.	

800 remos.

120 âncoras de 4 a 6 arrobas.

500 mil pés de pranchões de pinho.

Grande quantidade de cabos de diversas bitolas.

Ferro, pregos e todo o material e matéria prima própria para qualquer construção.

A 21 de Março todo o trem para a travessia estava pronto.

O Chefe da Comissão de Engenheiros não se esqueceu de preparar o material de sítio, prevendo que após a passagem do Passo da Pátria se seguiria Humaitá.

Entrementes, do lado paraguaio, Lopez reforçava e ampliava as fortificações de Humaitá iniciadas a 4-II-1855 em virtude do estremecimento das relações diplomáticas a 10-8-1853. A remessa de uma expedição naval a 10-II-1854 alertara os paraguaios, que desde então trataram de se fortalecer, enquanto, de nossa parte descurávamos completamente o problema militar, a ponto da Câmara recusar um pequeno aumento do efetivo do Exército em 1864, pouco antes de rebentar a guerra.

TRAVESSIA DO PARANÁ

Desde Dezembro de 1865 estavam os aliados acampados próximo ao Passo da Pátria, para efetuarem a travessia do Paraná. Gastaram quatro meses nos aprestos para a invasão, pois que só em meados de Abril pisaram o solo paraguaio.

Iam os aliados empreender a difícil passagem do Paraná. Os chefes aliados custaram a acordar no ponto de desembarque. Em geral, o ponto predileto fôra o Passo da Pátria. Mas, ali em frente estava o forte de Itapirú — extenso quadrilátero de muralhas de pedra com 100 metros de face. Mais ou menos na frente ficava a ilha da Redenção, depois ilha

Cabrita — um banco de areia que as cheias submergiavam e da qual hoje em dia nada resta.

Thompson, o engenheiro militar de Lopez afirma que o único caminho permanente era o do Passo da Pátria a Itapirú, costeado por duas lagoas, onde Lopez fizera construir duas pontes para depois poder retirar a artilharia do forte de Itapirú. O mais, continua o mesmo Thompson — era um extenso *carrizal*.

Dá-se o nome de *carrizal* "a um terreno cortado de profundas lagoas e atoleiros, entrecortados de bosques impenetráveis e espessos matagais de 3 metros de altura. Quando o rio cresce, o *carrizal* fica inteiramente coberto pelas águas, com poucas exceções. Quando o rio está baixo, podem-se fazer veredas entre as lagoas" (Thompson).

Rio Branco acrescenta que *carrizal* é mata de *carrizos* ou cana brava de alagados, planta gramínea da família das Irideas, que se cria com abundância em lugares úmidos e nas margens dos rios.

Era em um terreno dessa ordem que os aliados iriam invadir o Paraguai.

Na noite de 29/30 de Março o Cel. Carlos Carvalho — Chefe da comissão de Engenheiros fez o reconhecimento da ilha Cabrita.

Na noite de 5/6 de Abril é ocupada a ilha da Redenção, com um destacamento de 900 homens sob o Comando do Ten. Cel. Cabrita, juntamente com 100 praças do Batalhão de Engenheiros.

Em virtude da ilha Cabrita ser um banco de areia, não permitia cavar trincheira ou fazer qualquer organização enterrada.

A solução foi elevar o nível de todas as obras. Para isso, o contingente do Batalhão de Engenheiros tinha levado cestões e sacos, uns e outros, para serem enchidos de areia.

Se por um lado o terreno era pouco consistente, o que facilitava fazer excavações; por outro lado, exigia um revestimento cuidadoso e extenso. Os engenheiros tinham ido prevenidos. Não faltaram cestões e sacos.

Na noite de 9/10 Lopez tenta tomar a ilha da Redenção por um golpe de mão. E' fragorosamente derrotado.

Agora a nossa artilharia de campanha, postada na ilha Cabrita, podia hostilizar o forte Itapirú.

O Batalhão de Engenheiros adianta o mais possível a construção das rampas e pontes para o embarque dos homens, animais e material.

A escolha do ponto de passagem, depois de terem falhado os reconhecimentos feitos a montante do Passo da Pátria e dada a impossibilidade de dominar o forte do Itapirú, foi escolhido um outro ponto para desembarque. Lopez, na previsão de que os aliados iriam forçar o Passo da Pátria frente a Itapirú, tinha emboscado 4.000 homens no caminho que vai de Itapirú ao Passo da Pátria para fuzilar as tropas que tentassem desembarcar. E' interessante frisar como, já naquela época, estava desenvolvida a camuflagem no exército paraguaio. Essa força inimiga logrou permanecer dias e dias fora das nossas vistas. Thompson informa que os paraguaios permaneciam ocultos no bosque e, para esconder o fogo, abriam covas que tapavam com folhas colocadas sobre ramos de árvores a cerca de um metro da superfície da terra. Dêsse modo o fumo se adelgaçava e não era visto dos inimigos.

Só a 15 de Abril é que os aliados decidem fazer o desembarque do lado do Rio Paraguai, em frente a ilha Cerrito.

Todo o esforço dispendido no setor de Itapirú fazia prever que o desembarque seria feito entre a ponta do Itapirú e o Passo da Pátria. Ora, se foi surpresa para nós, não poderia deixar de o ser para os paraguaios. Aliás, é boa tática simular a passagem em outros pontos.

Ao escurecer, transportes de guerra aproximaram-se do local do embarque.

Os pontos de embarque eram quatro, escolhidos de modo que não pudessem ser vistos da margem inimiga e nêles foram construídas quatro pontes: uma de estacas, duas de

balsas sôbre canoas e uma feita em ponta de terra com faxinas e tábuas, ligadas a uma balsa sôbre canoas.

O efetivo da engenharia, na ocasião da passagem era
Exército Brasileiro:

Corpo de Engenheiros	7	oficiais	
Batalhão de Engenheiros	17	"	237 praças

Ex. Argentino: 1 Batalhão de Sapadores.

Ao romper da aurora estava a esquadra no dispositivo indicado pelo Comando Chefe e a tropa embarcada. As 8 horas é dado o sinal de partida.

Os navios fazem uma finta na direção de Itapirú, descem o rio, entram pela primeira bôca do Paraguai e pararam a meia légua acima da confluência onde começam a desembarcar as tropas, pormenoriza Rio Branco.

Do relatório da Comissão de Engenheiros, citado pelo Gen. Tasso Fragoso, consta que as balsas atracaram logo a terra e que pontes de canoas foram estabelecidas entre a margem do rio e os vapores para o desembarque das tropas. Osorio foi o primeiro a pôr o pé em terra.

Estava creada a nossa cabeça de ponte em território inimigo.

A direção da travessia, que a princípio estava a cargo da Comissão de Engenheiros, passou para as mãos do chefe da esquadra de desembarque e todo o material da passagem foi posto a disposição do almirante (dia 13).

Os membros da C. E. foram então utilizados em reparar as pontes e reunir o material.

Agora é a arrancada para o Passo da Pátria e para as glórias de Tuiuti.

Pontes, posição de bateria, abertura de fossos, destruição de estradas cheias de abatizes, reconhecimentos nas horas vagas ou às vezes trocando precipitadamente a pelo fuzil, em tôda parte estão os nossos engenheiros, vertendo o seu suor ou o seu sangue no trabalho ou no combate.

OPERAÇÕES NO PASSO DA PÁTRIA E TUIUTI

No dia seguinte ao do desembarque das tropas aliadas no Cerrito, Lopez ataca essas tropas e é rechassado, obrigando-o a evacuar o forte Itapirú. O desembarque da infantaria argentina e brasileira passa então a ser feito no Rio Paraná, abaixo de Itapirú.

A Comissão de Engenheiros ocupa-se logo em cobrir a artilharia e 10 peças foram assestadas em baterias convenientemente construídas.

A 18-IV, Osorio, Flores e Paunero chegam a Itapirú. Avançam as forças pelo caminho que se dirige ao Passo da Pátria. Essa pista era muito estreita, com uma largura de uns três metros e cortada de riachos profundos que estavam de nado. Em um deles foi mistér que se construísse uma ponte e se abrisse passagem a machado, por entre os abati-zes organizados pelo inimigo. Num outro riacho Lopez havia feito uma ponte sobre uma chata, com vigas atravessadas e pranchas, mas fôra destruída por seus soldados.

A coluna fez alto à beira de uma lagoa e na qual havia uma ponte sobre duas grandes chalanas, destruídas pelos paraguaios por ocasião da fuga.

Lopez abandona o Passo da Pátria.

A Comissão de Engenheiros organiza cartas da região e durante o dia 22 abriu várias picadas para que as nossas forças se aproximassem do flanco direito do inimigo. Durante a noite construiu duas baterias para seis bocas de fogo. Mais não se fez porque os soldados eram poucos e tinham que lutar contra a natureza do terreno e a escuridão da noite.

Com escassos meios de fortuna (4 lanchões e 4 canoas) abandonados pelo inimigo em uma ilha e trazidos à primeira margem, Palleja determina a construção de uma ponte.

Os nossos engenheiros fazem observações sobre a fortificação paraguaia no Passo da Pátria.

No dia 24 a C. E. iniciou a construção de 2 pontes sobre batéis.

Uma delas tinha 170 metros de largura. No mesmo dia, antes das pontes terminadas, as nossas forças passam para o outro lado e ocupam o campo entrincheirado do Passo da Pátria, antes abandonado e queimado pelas forças de Lopez.

Os aliados continuam avançando para o Norte. Fere-se o combate do Esteiro Bellaco e com a travessia deste os aliados estacionam em Tuiuti.

Aí Lopez prepara magnífica posição defensiva.

Jourdan assim descreve os entrincheiramentos de Sauce quando os observou dois anos mais tarde, tempo que levaram os aliados para tomarem esse forte.

"O perímetro da trincheira de Sauce era de 1.580 metros com 26 barbetas para a artilharia; continha este forte alojamento, em casas e galpões, para cerca de 3.000 homens e era apoiado em duas lagoas invadeáveis. Represaram as águas do esteiro Rojas por um atêrro de 170 metros de comprimento e de espessura suficiente para servir de estrada para carretas. Na frente da trincheira, a cerca de 100 metros, corria uma linha de bôcas de lobo de 26 ordens na extensão de 850 metros acompanhando a margem do canal, desaguadouro do esteiro Rojas que tinha somente três metros de largura".

Todos esses trabalhos achavam-se encobertos por larga faixa de mato, com um único ponto visível de penetração — a Bocaina, mas que era fechado por bôcas de lobo abatizes.

Lopez sentiu-se tão forte que não quiz esperar os adversários nessa posição e preferiu atacar os aliados a 24 de Maio, antes que estes o fizessem a 25.

Malet desde 20 de Maio achava-se em posição e mandara abrir diante de sua artilharia um largo e profundo fosso, o qual para não ser visível dos paraguaios, não dispunha de parapeito. Contra esta barreira investiria em vão a cavalaria paraguaia.

O 1.º Batalhão de Engenheiros iniciou os trabalhos na noite de 20 e na noite seguinte a trincheira estava concluída.

O B. E. construiu várias baterias para cobrir as unidades de artilharia e durante a batalha protegeu a ala esquerda do 1.º Regimento de Artilharia combatendo como infantaria.

A batalha de Tuiuti foi a maior que se feriu na América do Sul e na qual os aliados lograram obter significativa vitória.

Perdida a batalha de Tuiuti, enquanto os aliados ficam estacionários, Lopez não perde tempo — picadas são abertas por entre a mata fronteira a Tuiuti; estabelece ligação telegráfica entre o seu Quartel General em Passo Pocú e todas as posições do Exército; constroeu trincheiras a poucos passos das linhas aliadas, sem ser pressentido, pondo à prova a habilidade dos sapadores que já tinham trabalhado nas trincheiras de Humaitá.

A 3 de Setembro de 1866 Porto Alegre ataca a posição de Curuzú e a ocupa.

Nesta operação os engenheiros tiveram atuação destacada, com a construção de espaldões para artilharia, mesmo além das linhas mais avançadas.

A 22 de Setembro o exército aliado sofre sério revêz em Curupaiti. Fica provado que era impossível um ataque de frente, mesmo com o auxílio eficiente do Batalhão de Engenheiros, cujos soldados, ombro a ombro com os infantes ou mesmo à sua frente procuram entulhar com faxinas ou lançar passadeiras; e pontilhões sobre os fossos, destruir abatizes ou mesmo escalar trincheiras à ponta de baloneta.

Duas linhas foram transpostas pelos aliados, mas restava a trincheira principal. Os paraguaios tinham sabido, sob a orientação de Thompson, aproveitar o terreno com grande habilidade e com reduzido efetivo repelir os inimigos, infringindo a êstes pesadas perdas.

Foi em vão que se tentou tomar a linha principal de Curupaiti, defendida por uma linha de abatizes de 30 metros de largura. Não foi possível, sob a fuzilaria inimiga,

abrir uma brecha no emaranhado de árvores, a-fim de alcançar o fosso, enche-lo de faxinas e montar as escadas de assalto que tinham sido levadas.

Já naquele tempo estava de pé o principio de que não se lança homens contra material.

A frente fica estabilizada cêrca de dez meses, até que Caxias, depois de ter assumido o comando das forças brasileiras (19-XI-1866) assume, com a retirada, de Mitre, o comando de tôdas as forças aliadas (9-11-1867).

Ele realiza a marcha de flanco de Tuiú-Cuê, fase preliminar para o sítio da posição de Humaitá.

Caxias, apesar de ter visto o acampamento aliado tomado pelo cholera-morbus, continúa em atividade, preparando a sua manobra. Em Tuiutí reforça as antigas trincheiras e cria outras; manda preparar um reduto central para proteger os depósitos e permitir a resistência em caso de ataque, aos elementos que ficariam guarnecendo a posição.

Reconheceu-se enfim o valor da pá e picareta, tão útila como o fuzil para criar posições inexpugnáveis, tal como faziam hábilmente os paraguaiois.

Caxias estabeleceu tambem uma rêde de transmissões de vigia, grosso esteio ou travejamento de madeira tósca, pelos ajudantes de ordens. Melhorou os meios de observação com a utilização de balões cativos, o que permitiu maior rendimento do que com os mangrulhos.

"Mangrulhos, nome dado pelos paraguaiois, são mastros de vigia, grosso esteio ou travejamento de madeira tósca, pelos quais trepam para descortinar ao longe, os terrenos circunvizinhos. (Taunai).

Os paraguaiois cedo descobriram o meio de camuflar suas posições com a fumaça de grande número de fogueiras ou trabalhando à noite na abertura de trincheiras e picadas.

Entrementes os paraguaiois reforçavam sua posição em frente a Humaitá, aprofundando um antigo fosso, encheido com aguas represadas do Esteiro Belaco e suscetíveis de inundar grande parte da região. Thompson estudou mesmo a

construção de uma linha férrea, de Curupaiti a Sauce não levada a cabo por falta de trilhos em quantidade suficiente.

MARCHA DE FLANCO DE TUIU-CUÊ

Desde Novembro de 1866 que Caxias assentara a realização da marcha com o objetivo de cair sobre o flanco esquerdo do inimigo — prelúdio para o sítio a posição de Humaitá.

A 19-1-1867, Caxias ataca e conquista o reduto do Estabelecimento, mas só a 22 de Julho de 1867 foi possível pôr em prática a manobra por que tanto se ansiava.

Quando Mitre a 1.º de Agosto reassumiu o comando das forças aliadas, já o nosso grande Caxias tinha realizado a manobra de flanco e o grosso das tropas ocupava as circunvizinhanças de Tuiu-Cuê.

Trata-se de estabelecer ligação direta com Tuiuti e três pontes são construídas no esteiro Rojas e assenta-se uma linha telegráfica.

OPERAÇÕES CONTRA HUMAITÁ

Humaitá, posição fortificada de Lopez e que fazia parte do famoso quadrilátero Tuiuti, Curupaiti, Humaitá e Espinillo, possuía uma linha de trincheiras, que se estendia por mais de 2.000 metros. Do lado do Rio, a passagem estava barrada por três correntes fixadas em fortes estacas do lado do Chaco e do lado do barranco onde se encontrava a fortaleza, as extremidades estavam enfiadas num tunel revestido de tijolos por onde iam ter aos cabrestantes.

Devido ao peso excessivo e para reduzir a catenária, as correntes eram apoiadas em pontões rasos ancorados no rio.

Lopez, sentindo o sítio fez nova tentativa sobre Tuiuti e perde a segunda batalha nesse local (21-XI-1867).

Releva salientar aqui o heroísmo de um soldado pontoneiro de nome Martinho José Ramos que, ao ver a bandeira inimiga cravada no nosso reduto por um bravo paraguaio

que se adiantara dos demais; trava luta com este, que dominado, resvala no fosso, arrebatando-lhe antes a bandeira. Atingido por várias descargas inimigas, o nosso soldado não consegue entregar a bandeira aos seus e rola também no fosso. A mesma bandeira amortalha os dois bravos, sepultados na mesma vala.

Lopez manda Bruguez abrir um caminho no Chaco entre Timbó e Monte-Lindo, que será a sua linha de retirada.

A 19-II-1868 a esquadra força a passagem de Humaitá, depois de ter forçado a passagem de Curupaity.

A esse tempo, Caxias já estava no comando geral das forças (12-I-1868), pois o Gen. Mitre tinha regressado à Argentina em caráter definitivo.

Para assegurar de maneira permanente o abastecimento da esquadra que forçara Humaitá, constroem-se uma via férrea desde São Nicolau até o porto Bethel à beira da lagoa Iverá.

Diante da pressão dos aliados sobre Humaitá pois Argolo tinha penetrado no famoso quadrilátero, os paraguaios decidem abandonar aquela posição e o fazem de 23 a 25 de Julho de 1868. O Cel. Matinez, comandante da praça, dispunha de 30 canoas espaçosas.

Organiza-se uma frotilha de sítio aos fugitivos, com 25 canoas, uma lancha e dois escaleres e a 5-VIII-1868 os paraguaios são obrigados à rendição, sem terem podido unir-se às forças em mãos do ditador.

Lopez, a-fim de deter o avanço dos aliados, trata de defender a linha Tebicuarí, a qual vem a ser tomada de assalto a 28 de Agosto de 1868.

Com a ocupação de Palmas pelo exército aliado, Lopez organiza-se fortemente na linha Pequicirí. Em reconhecimentos sucessivos Caxias se assegura de que a posição é inexpugnável num ataque frontal e trata de assentar seu plano para vencer esta nova resistência.

Pelo exame da situação, só era possível o ataque pelo flanco direito e para isso se impunha a construção de uma estrada pelo Chaco.

Eis o plano que só o espírito decidido de um Caxias poderia determinar — uma estrada por entre pântanos e matagais, situados em nível inferior ao do rio Paraguai e portanto sujeitos a inundações periódicas.

O escolhido para tão árdua missão foi o Gen. Argolo que, prontamente, deu início à obra que o glorificaria como técnico, já que o era como combatente. Argolo dispunha de 3.000 homens das três armas entre os quais o Batalhão de Engenheiros.

No dia 13 de Outubro de 1869 Argolo embarcou com seu corpo de exército em Humaitá, para atravessar o Rio Paraguai e ir desembarcar no Porto de Santa Tereza na margem direita.

No dia 14 tiveram início os trabalhos da estrada do Chaco com a abertura de uma picada de exploração de 1650 metros. No dia seguinte avançou-se mais 800 metros. A 16 encontrou-se uma lagoa. Foi necessário construir a primeira ponte, na qual se empregariam troncos de carandá — uma palmeira abundante na região, do Chaco.

No dia 17, o Cel. Rufino Galvão, Chefe da Comissão de Engenheiros, fez ver ao Gen. Argolo o inconveniente da picada aberta até então, a qual margeava o rio Paraguai. Tratava-se de terrenos alagados e sujeitos ao fogo das baterias de Angustura. Acordou-se na mudança de rumo e o trecho aberto foi abandonado para tomar-se outra direção. Nesse mesmo dia abrem-se cerca de 1.000 metros de picada. Há necessidade da construção de três pontes. No dia 18 avançou-se mais 700 metros, encontrando-se um arroio. Em busca de um ponto mais favorável para uma travessia, abre-se nova picada de 2.000 metros. Prosseguem os trabalhos para construção das pontes e para preparação do leito da estrada, escalonando-se por toda a extensão da picada, batalhões de infantaria com a missão de estivá-la com troncos de carandá, pois que os terrenos por onde a estrada atravessava, não eram firmes.

Nos dias 23 e 24 os trabalhos da picada tiveram um rendimento diário de 3.000 metros.

No dia 27 terminou-se a construção da última ponte. A estrada estava pronta. Continuou-se no entanto com os trabalhos de consolidação e conservação. A estrada aberta estendia-se por 11.000 metros. Foram aproveitados 6.000 troncos de carandá para a construção das 5 pontes e para estivar 3.000 metros de estrada.

Durante a fase final desobstruiu-se a foz do arroio Vileta e bem assim um trecho de 2 léguas, para que este pudesse ser percorrido por embarcações. Foi um trabalho insano em que se poz à prova a habilidade dos pontoneiros, onde outros tinham fracassado.

Enquanto isso, Lopez que não acreditava que um exército pudesse passar num terreno em que dois homens não podiam marchar juntos, continuava a fortificar-se em Pi-quissiri.

Conta-se que Madame Lynch, amante de Lopez, ao ter conhecimento de que Caxias projetava construir uma estrada para atravessar o Chaco, exclamara: "Anibal, só um". Referia-se à passagem dos Alpes em que aquele grande chefe cartaginês, rompendo por lugares desconhecidos onde até então um homem sequer não os transpunha de rastros, transportou seus exércitos com seus elefantes de guerra por novos caminhos abertos por ele e se embrenhou na Itália.

No entanto, em apenas 23 dias, o impossível estava feito e Caxias pôde realizar sua elegante manobra; pode-se dizer de surpresa, pois que ele em Santo Antônio — lugar do desembarque, não encontrou quem lhe barrasse a operação, se bem que o ditador alertado pela realidade dos fatos estivesse fortificando Vileta, com receio de um desembarque.

A 5 de Dezembro o grosso do Exército Brasileiro embarcou nos navios da esquadra, os quais rumaram para o porto de Santo Antônio, enquanto a cavalaria pelos seus próprios meios se dirigia para o porto de Santa Helena.

De 5 para 6 de Dezembro enquanto a infantaria e a artilharia operavam o desembarque, a cavalaria, atravessando o rio, veio reunir-se ao grosso.

Segue-se agora a Dezembrada.

Caxias em Itororó eletriza as nossas fileiras exclamando: "Sigam-me os que forem brasileiros" e êle mesmo avança com seus sessenta e cinco anos de idade, arrastando atrás de si todo o seu exército e decidindo uma batalha.

Depois é Avaí e Lomas Valentinas. Cái Angustura e o inimigo abandona a posição de Piquissirí, que tão inexpugnável se apresentara em ataque frontal ou pelo flanco esquerdo.

Assunção é ocupada. Caxias retira-se enfermo, do teatro de operações.

Depois, com a campanha das Cordilheiras, a guerra se reduz a encontros de vanguarda, sem grande importância do ponto de vista tático, até que o chefe paraguaio acossado entre os arroios Aquidaban e Aquidabanagui é intimado a rendição. E como "preferisse morrer com a Pátria", é ferido e morto a 31 de Março de 1871.

Durante esta fase final a missão da engenharia foi bem árdua — abrindo picadas e construindo pontes, o que seria longo enumerar.

Eis, meus camaradas, em breve relato o que foi a atuação da engenharia na maior guerra em que o Brasil se empenhou neste continente, enumerando os trabalhos mais ou menos segundo a ordem cronológica dos acontecimentos.

Confiemos que a nossa atual engenharia jamais desmereça dos louros conquistados pelos nossos antepassados, seguindo sempre os exemplos de bravura e abnegação dos chefes e soldados que tanto se distinguiram na memorável campanha da guerra do Paraguai, guiados pela imagem tutelar do General nunca vencido.

OS "STUKAS" E SUA HISTORIA

Pelo Major NILO GUERREIRO

Instrutor-chefe de Aeronáutica da E. E. M.

Em uma edição especial da "Berliner Illustrirte Zeitung" referente ao mês de Novembro de 1940, n.º 15, encontra-se publicada interessante entrevista com o engenheiro alemão Hermann Pohlmann, inventor e construtor dos célebres aviões de mergulho, "Stukas" hoje mundialmente conhecidos.

Os Stukas são construídos nas fábricas Junkers. O primeiro tipo monomotor é conhecido como Ju 87 e foi largamente utilizado até a derrota da França. O seu modelo mais recente é hoje entretanto o Ju 88 bimotor, que empresta à Força Aérea alemã uma potência extraordinária.

O engenheiro Pohlmann foi piloto alemão na guerra 1914-1918. Em 1915 ele seguiu para o "front" como aviador. Em 1917 quando pilotava um avião de bombardeio foi abatido e aprisionado, gravemente ferido, pelos ingleses. Depois do armistício de Novembro de 1918, regressou à Alemanha e continuou como piloto, especializando-se na direção de aviões sem motor e construindo vários tipos de planadores.

Em 1923, quando da criação das grandes Usinas Junkers, Pohlmann foi convidado para nelas trabalhar como técnico e orientador. Aí desenvolveu grande atividade, grangeando definitivamente o título de grande engenheiro aeronauta.

O Marechal Goering facilitou todos os seus ensaios e experiências e dos mesmos saiu finalmente o Stuka dos nossos dias.

Na entrevista referida, Pohlmann declara que a idéia de construir um avião de bombardeio em "pique" se apoderou dele a primeira vez, quando num cinema viu no "ecran" fotografias truncadas, mostrando aviões que chegavam diretamente sobre seus alvos. A partir desse momento ele se convenceu que se não deviam lançar bombas em vôo horizontal e sim construir um aparelho de bombardeio com o qual se pudesse visar o objetivo. Assim, pensava ele, a série de erros que podem resultar do vôo horizontal, seriam excluídos ou reduzidos ao mínimo.

Em 1926 ele dá início aos seus trabalhos, lançando esta idéia considerada, na época, revolucionária.

Aí aparece em cena outro homem: o atual Coronel General Udet, também antigo aviador da Grande Guerra, que muitos sucessos tinha obtido como piloto de Caça. Resolve então Udet construir pequenos aparelhos manevráveis, sólidos, capazes de suportar o

vôo em mergulho e de carregar certo peso em bombas. Como aviador de caça Udet queria essencialmente obter uma melhor precisão no tiro. Ele dizia que o caçador deve se aproximar o mais possível do inimigo, 30 a 40 metros, e aí, apertando um botão, desencadear o tiro da metralhadora.

Pohlmann declarou que Udet partiu do ponto de vista humano e da coragem. Ele partiu do ponto de vista: "máquina".

E com "homens valentes e boas máquinas estaria resolvida a questão".

Pouco depois surgiram os primeiros desenhos do Ju 87. Compreendem todos, mesmo aqueles que não são técnicos, que um aparelho, como o "Stuka" deva ser tão rápido e manobrável quanto possível. Os fatores aerodinâmicos devem, nesta máquina, serem calculados e explorados com o maior cuidado. No curso da construção surgiram problemas sérios. O avião deveria ter grande velocidade horizontal e grande tecto, por causa da Caça e D. C. A. inimigas. Mas em vôo vertical esta velocidade ainda aumentava, atingindo uma rapidez tão prodigiosa, que se traduzia por 150 metros por segundo.

A máquina se portaria bem, mas o homem? Apareceu pois o primeiro obstáculo: a "insuficiência do corpo humano".

Foi constatado que no mergulho a uma velocidade exagerada, o piloto não poderia conduzir e apontar e também o corpo humano não suportava a passagem brusca de uma queda quasi vertical à posição horizontal. A visão fugia e dificuldades corporais e mentais ocorriam, como consequência do desequilíbrio orgânico. Amarrado pela cintura, o corpo do piloto atingia, no instante em que o avião passava da posição vertical à horizontal, 8 a 9 vezes seu peso verdadeiro. Este peso exercia sobre a cintura uma pressão tão grande que o deixava privado das faculdades físicas e mentais.

Era pois preciso permitir que o aparelho descesse mais lentamente, isto é, diminuir "apenas sua velocidade vertical". Surgiram então os freios aerodinâmicos. Mas não era bastante, pois a insuficiência do corpo humano exigia ainda mais. E o engenheiro Pohlmann construiu um dispositivo graças ao qual o piloto não tem mais que apertar um botão para ter ajustado seus visores, fixado a altitude que deseja lançar a bomba e retomar a posição horizontal. A ação passa-se do seguinte modo: o piloto se aproxima em vôo horizontal de seu objetivo, o reconhece, enquadra-o no seu visor e depois calca o botão. A partir desse momento, nada mais tem a fazer senão manter fixamente o objetivo enquadrado no visor. Todo o resto se efetua automaticamente. O vôo em piqué, o lançamento da bomba, a passagem à horizontal, tudo isto não depende mais da ação do piloto, mas sim do movimento do maquinismo de alta precisão que o aviador faz funcionar quando aperta o botão. O dispositivo

de lança bombas funciona também automaticamente e ainda hoje se procura incessantemente melhorar a sua precisão.

As fotografias abaixo mostram os dois tipos de Stukas citados: os Ju 87 e 88.

Aparelhos robustos, blindados e bem armados, constituíram a grande novidade da guerra aérea, quer nas operações terrestres quer sobre objetivos navais.

Atualmente outros países possuem tipos equivalentes ao Stuka. Os ingleses, americanos e italianos já construíram os seus aviões de mergulho, mas, parece que nenhum deles ainda alcançou as altas qualidades do "Stuka".

GEOGRAFIA DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇO

Publicou o *Jornal do Brasil* um quadro da produção mundial de ferro guza e agora publica o da produção de aço. Representam os algarismos milhares de toneladas, de tal forma que os três maiores produtores medem sua fundição de aço em dezenas de milhões de toneladas.

Não figuram no quadro os países que produzem menos de meio milhão, excetuando-se a China, com a insignificante contribuição de 80 mil toneladas. O Brasil, que produz hoje 114 mil toneladas, teria de figurar em último lugar, se deixasse de ter sua contribuição na rubrica da última linha do quadro. Quando funcionar a usina de Volta Redonda, em cujo projeto se trabalha intensamente, o Brasil deverá produzir mais de meio milhão de toneladas, seu lugar não mais será dos últimos nos futuros quadros da produção mundial de aço.

A maior parte, porém, do aço que o mundo consome representa a transformação da quasi totalidade do ferro guza que os altos fornos fornecem. O ferro guza, realmente, é produto industrial de passagem. Ele corre, fundido, do ventre dos altos fornos para a sola dos reverberos ou para o bojo das retortas Bessemer. O Brasil está no início de uma indústria siderúrgica, que o Governo tem amparado com a maior decisão e que poderá ter vulto notável dentro de alguns anos, embora não devamos esperar lugar de relêvo na estatística mundial. O Governo tem feito muito, mas não seria justo exigirmos o impossível. As esperanças absurdamente exageradas, que por vezes aparecem, prejudicam o prestígio de suas fontes. Quando o Brasil produzir a tonelagem que lhe é necessária, menos de um milhão de toneladas, não teremos o direito de queixarmo-nos. O nosso esforço terá sido gigantesco e o amparo do Governo digno de nossa grande estima.

Aos estudiosos de geologia e de metalurgia não passarão despercebidas as dificuldades que o Brasil terá de vencer.

A grande siderurgia tem sido privilégio dos países ricos de bom carvão de pedra, transformável em coke metalúrgico. Em primeiro

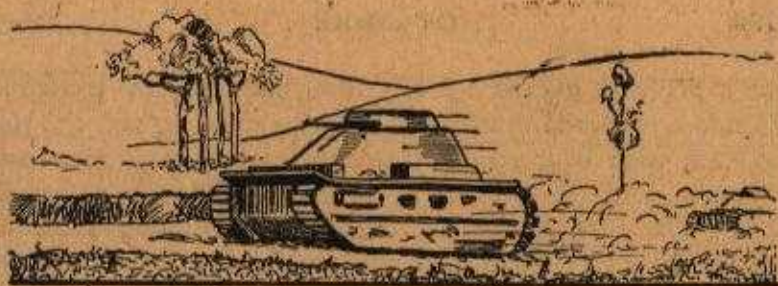
	1913	1929	1932	1933	1935	1937	1938	1939
United States	31,301	50,433	13,691	23,232	34,550	51,792	38,739	47,732
Canada	1,043	1,042	343	409	936	1,403	1,156	1,383
Great Britain	7,664	9,663	5,257	7,003	9,842	12,969	10,394	13,550
France	4,614	8,686	5,604	6,526	6,526	7,761	8,080	8,402
Belgium	2,428	4,039	2,758	2,689	2,689	3,777	2,249	2,981
Luxemburg	1,315	2,702	1,956	1,845	1,837	2,510	1,413	1,650
Italy	919	2,189	1,374	1,744	2,171	2,087	2,283	2,389
Spain	238	929	455	468	560	99	460	479
Sweden	582	694	537	628	895	1,104	964	1,080
Germany	18,632	16,246	5,751	7,598	16,096	19,318	22,875	24,139
Austria	2,585	830	205	226	364	650	-	-
Czecho-Slovakia		2,145	685	747	1,197	2,315	1,733	1,200
Poland		1,377	551	817	946	1,450	1,522	1,201
Hungary	785	526	200	200	225	706	672	739
Russia	4,181	4,723	5,860	6,930	12,520	17,824	17,802	17,439
Japan	300	2,100	2,360	3,047	4,532	5,719	5,930	6,230
China	100	50	25	40	60	60	60	60
India		580	602	694	912	971	950	1,550
Australia		348	255	375	615	805	1,154	1,230
Saar Territory	2,047	2,209	1,463	1,676	-	-	-	-
South Africa					254	332	341	373
Miscellaneous	100		150	210	125	471	400	
World total	74,887	118,332	50,012	67,081	97,887	135,317	107,157	132,897

lugar, os Estados Unidos; depois a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia, a França, o Japão. O quadro que temos à vista é uma reprodução da página 304 do *The Mineral Industry*, última edição, deve ser retido de memória pelos estudantes de geografia econômica, matéria fundamental dos estudos da economia política.

Sem o pleno conhecimento da situação industrial das nações modernas, especialmente da indústria carbonífera e da siderurgia, os fatos da política internacional, gerados pela potência militar das nações, serão de impossível entendimento. Nem se poderá crer que os estadistas se entendam quando menos versados nesses estudos da economia mundial.

(Do Jornal do Brasil)

**RESGUARDE-SE DO INVERNO
ADQUIRINDO AS FLANELAS
E COBERTORES DAS
CASAS PERNAMBUCADAS
FILIAES EM TODO O BRASIL**



OS MEIOS

Pelo Cap. SALM DE MIRANDA

Numerosos foram os discursos dos políticos e as ordens do dia dos grandes chefes militares germânicos, comemorando o dia do aniversário de Adolfo Hitler.

Como um vitorioso, o aniversariante festejou simbolicamente o seu dia no Q. G. das forças alemãs, operando nos Balcans, fardado, de capacete de aço e com toda a indumentária bélica de um cabo de esquadra da guerra de 1914-1918, que surgiu como o marechal da guerra de 1940, realizando tão fulminante carreira através da força de um partido... Daquele mesmo partido que tanto combatera as idéias e a ação do Gen. Ludendorff e que, galgando o poder, passou a realizar o programa do grande general, todo ele contido, em suas linhas mestras, no livro "Guerra Total".

Efetivamente, a história do mundo conhece ainda poucos homens portadores de tão decisivas credenciais e de tantas vitórias militares colhidas em tão curto espaço de tempo; e poucas vontades capazes de realização tão formidável como esta que acionou, orientou e impulsionou a nação germânica, do fundo dos seus recalques, de que o Tratado de Versalhes marca o lance mais próximo, para esta arrancada estrondosa cujo desfecho inda foge a previsões, mas que já está assinalada por máximos que passaram definitivamente à História.

Nesses discursos, lidos através resumo telegráfico sente-se com mais realidade ainda, isto que todos já sabíamos. —

que a presente guerra é o ato ante-final de um programa traçado e realizado militarmente, golpe a golpe, sem um desvio, sem uma concessão. Programa que encerra toda uma maneira nova de encarar os problemas básicos da nação, nova e cheia de imprevistos diante da mentalidade atávica secular em que o equilíbrio universal se acomodava; uma nova forma de política diplomática, impetuosa, em que os interesses são dissecados face a face e sem a elegância dos subterfúgios, sem concessões, rude e brutal como se fosse a própria guerra, feita nos gabinetes entre cidadãos desarmados, e em que já também só se aceitam os dois extremos, — a submissão integral ou o esmagamento pela força. E depois... a guerra em toda a força do sentido máximo que esta palavra encerra, desencadeada por manobras centrais sobre os pontos fortes, em que a massa domina o campo de batalha e desaba de frente, evitando desperdício de tempo e de inteligência, como que se rebelando contra a sabedoria dos ensinamentos das manobras clássicas...

E assim... o aniversário do Fuhrer é comemorado no Q. G. das forças em operações, com o desfile de doze nações vencidas pelas armas, além das que se deixaram convencer pelo temor da diplomacia.

Não quero comentar a guerra. Olho-a apenas procurando compreendê-la e dela tirar os ensinamentos que possam ser úteis ao meu cabedal profissional. E o que hoje faço aqui nesta apressada nota é apenas procurar ressaltar um ensinamento que me parece proveitoso tirar da comemoração desse aniversário, porque felizes os que em tempo sabem corrigir suas fraquezas pela observação judiciosa das vitórias e das derrotas alheias; particularmente das derrotas, de que o ensinamento flui mais eloquentemente e mais despido de adornos...

Passando a vista nos resumos telegráficos desses discursos e dessas ordens do dia dos generais alemães nesse dia considerado memorável para a Alemanha nazista, uma afirmativa encontramos comum a todos eles, tecla obrigatoriamente tocada, além dos elogios literários sempre fartos nos

que bafejam os vitoriosos. E esta afirmativa, comum a todas as saudações dos seus auxiliares imediatos, — civis ou militares, generais, ministros e lugares-tenentes, quero repetir aqui, esperando que nela meditemos e que dessa meditação busquemos tirar quanto nos possa ser proveitoso ao nosso caso particular.

Todos os graduados alemães, afirmaram que o grande programa militar de Hitler consistiu em dar ao Exército um equipamento que ultrapassasse a tudo quanto no gênero se conhecesse até então. E durante toda a longa preparação da Alemanha para a guerra, Hitler perseverou em sacrificar tudo, contanto que o Exército tivesse na hora H do dia D um equipamento que em qualidade e quantidade fosse o primeiro e fosse por qualquer outro insuperável. Não houve ponderação do ministro das Finanças, nem alegação do ministro dos Transportes, nem dificuldade do ministro da Alimentação, nada o perturbou...; não! Era preciso antes de tudo, dar ao Exército o equipamento projetado; dar-lhe armamento leve e pesado, individual e coletivo, da melhor construção, do melhor material, tão numeroso quanto o exigisse o êxito procurado; blindados de todos os tipos, para todos os fins com a fina flôr das modernas inovações; aviões, 30.000 aviões para começar e tudo o mais que fosse necessário para a eficiência de um exército que sabe o que é a guerra e que sabe que deve enfrentá-la.

Esta foi a obstinação deste homem que surge com uma capacidade de vencer que seus próprios inimigos reconhecem; e esta obstinada convicção, sancionada pelo velho princípio "não se luta com homens contra materiais", encerra o segredo, a "arma secreta" desta série de vitórias militares que presenciemos.

Nesses discursos ninguém falou, focalizando o homem e sua obra, da organização nova do exército, da instrução da tropa, da cultura dos quadros, do magno problema da mobilização, cuja transcendência encerra nas guerras de hoje tão primordial relevância. Não; ninguém tocou nesses proble-

mas, todos entretanto, de suma importância, porque relativamente a êles, certo o Fuehrer se deixou ficar à margem. São problemas de outra natureza, de ordem meramente técnica, problemas de Estado Maior, que empolgam e apassionalam os especialistas e que se circunscrevem à sua esfera de ação, uma vez que a realidade da existência do material deixa clara a noção da existência efetiva de Exército; são problemas primordiais, mas complementares.

Dê-se equipamento material, meios materiais, recursos materiais e, com a matéria humana abundante e normal, que podem dispôr, os órgãos técnicos saberão certamente cumprir o seu papel, dando alma, coesão, ímpeto e tenacidade ao conjunto dos dois elementos que lhe são dados para manusear. O contrário é que seria absurdo supor; atrair um país à literatura militar, ao dogmatismo teórico e pedante; só com cultura aprimorada dos quadros, com instrução honesta da tropa, com o estudo e a solução teórica dos problemas correlatos à guerra, impossível fazer a guerra!

A confiança na superioridade qualitativa e quantitativa dos meios é hoje o caminho decisivo da vitória:

- suprimindo deficiências numéricas e superando sacrifícios de tempo e de terreno;
- dando eficiência ao espírito ofensivo pela criação da consciência da própria superioridade moral;
- valorizando a capacidade combativa da tropa empenhada, pela convicção da superioridade técnica.

O que Hitler fez a Alemanha compreender, para que portasse tudo quanto lhe seria imposto, é que o exército para vencer precisa, antes de tudo, de meios; e que modernamente o Exército é a própria Nação em armas. Assim, êle sobrepuja a Nação a todos os interesses e deu ao exército o equipamento com que êle vai terminando de atravessar a Europa, sobre os destroços e as ruínas dos que não encontraram quem os fizesse compreender a grande verdade e naufragaram apegados a interesses de facções ou de correntes.

E o que presenciamos é o choque desigual entre um exército materialmente preparado para a guerra e uma

zena de outros que se deixaram surpreender pela guerra. Nem outra explicação se poderia de espírito sereno encontrar para vitórias tão fulminantes entre exércitos cujo valôr, — em comandos, em quadros, em efetivos e em forças morais, — a Historia põe em nível de equilíbrio.

Queiramos ou não queiramos, esta é a moderna verdade que terão de compreender e a que se terão de cingir tôdas as nações que nesta hora de crise universal quizeram vencer em qualquer ponto de vista, mesmo que seja o da preservação da paz e da manutenção da neutralidade.

ACOS ROECHLING



O aço alemão de qualidade.



PRÓPRIAS OFFICINAS DE TEMPERA COM
AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES A
DISPOSIÇÃO DA NOSSA FREGUEZIA.

REPRESENTAÇÕES:

No Brasil:

Mandós — Belém do Pará
Bahia — Bello Horizonte
Curitiba — Joinville
Blumenau — Florianópolis

Nos outros países sul-americanos:

Buenos Aires
Montevideo
Santiago de Chile

Aço Roechling Buderús do Brasil Ltda.

RIO DE JANEIRO

R. General Camara, 136
Tel. 23-5732 e 23-001
Caixa Postal, 1717

PORTO ALEGRE

Av. Julio de Castilhos, 265
Telefone 5059
Caixa Postal, 583

SÃO PAULO

R. Augusto de Queiroz 71/103

Telefones:

Gerencia e Cont. 4 — 0941
Secção de Vendas 4 — 0942
e 4 — 0940

Endereço telegraphico: ROECHLING



Curso de Preparação para admissão à Escola do Estado Maior

HISTORIA MILITAR

Cap. MANOEL STOLL NOGUEIRA

CAUSAS QUE INFLUIRAM NA DURAÇÃO DA BATALHA NO SÉCULO PASSADO E NO COMEÇO DO ATUAL

Enquanto os exércitos agiram emassados, em bloco, em pequenos teatros de operações, sem grandes efetivos, sem grandes reservas, com meios de fogo de potências e alcance reduzidos, sem uma articulação profunda, que facultasse a opposição de resistências sucessivas, sem um dispositivo de segurança que tolhesse a rápida aproximação e a abordagem do inimigo, a batalha, que se decidia sempre pela intervenção violenta da cavalaria sobre um dos flancos do adversário, cortando suas comunicações e atingindo suas retaguardas, deveria necessariamente ser de curta duração.

Ocorre, porém, que, no começo do século XVIII, exatamente quando BONAPARTE, servindo-se duma doutrina que os pensadores militares do final do século XVII haviam deduzido da experiência das guerras passadas, entra em cena para dar começo à imensa epopéia de sua vida, a batalha, graças sobretudo aos progressos realizados pelo armamento, se reveste já de outros caracteres bem diferentes dos acima assinalados precisamente porque os meios de fogo, tendo au-

mentado de modo considerável, tanto em seu valor intrínseco como em número, iam determinar a distensão cada vez maior das frentes de batalha, não só pelo alargamento das frentes batidas, o que dava lugar a um maior afastamento dos homens entre si, como ainda em virtude do imperativo do aproveitamento mais a fundo do terreno pelos combatentes para furtarem-se ao fogo, mais e mais mortífero à medida que novos aperfeiçoamentos eram introduzidos, sobretudo nas armas da infantaria.

Com as armas de fogo e com um aproveitamento judicioso do terreno, ao mesmo tempo que cresce a capacidade defensiva do combatente, a qual faz aumentar o tempo necessário à abordagem, — isto pelo fato de se ter, com antecedência, desorganizado o fogo adverso — e, portanto, a duração dos combates que, em seu conjunto, integram a batalha, aparece também o aumento dos efetivos, já não mais reunidos numa massa compacta e única, sinão articulados em vários escalões, quer no sentido da frente, quer no da profundidade.

Sendo, por outra parte, possível a ação das novas armas sobre os flancos do adversário, este não os procurará garantir simplesmente com efetivos mas também apoiá-los em obstáculos naturais intransponíveis ou, pelo menos, difíceis ao acesso inimigo o que dá margem à distensão das frentes e esta, por sua vez, ao fracionamento dos efetivos em unidades autônomas, cuja articulação para a batalha, feita em segurança, coberta por guardas avançadas que deveriam tomar o contacto, agindo ofensivamente e, desde logo, apoiados ou defensivamente, em ação retardadora, vai exigir muito mais tempo do que a simples aproximação e choque das massas compactas de antanho.

Assim, estratégica como taticamente há na articulação defensivamente, mesmo com inferioridade de efetivos, como em profundidade, o que faz com que os esforços sejam não um único como no passado, mas sucessivos. Disso resulta, como é fácil compreender, um aumento da duração da batalha.

Por outro lado, desde que a infantaria esteja organizada defensivamente, mesmo com inferioridade de efetivos, como

é o caso normal, ela poderá, com as novas armas, deter o avanço inimigo e desorganizá-lo brutalmente. Então, será mister, antes de tudo, para progredir, tornar êsse fogo, não definitiva pelo menos momentaneamente, inoperante. Daí a ação preparatória da artilharia, precedendo, quasi sempre, a ação da infantaria, alongando a duração da batalha.

Ainda mais. Pela circunstância mesma de não se poder, como outrora, destruir de chofre tôda a massa do exército inimigo porque êste, bastante articulado, não é esmagado ao primeiro ímpeto, é mister executar a perseguição, fase final da batalha, de duração bem longa mercê da profundidade em que é executada e por via das resistências que o inimigo pode oferecer, aproveitando-se de linhas sucessivas, de terreno e ainda de reservas, reconstituindo-se, para oferecer outras batalhas.

Não só, dos progressos técnicos do armamento resulta o aumento da duração da batalha mas também da circunstância de se poder constituir, graças aos novos sistemas de recrutamento, grandes efetivos; de se os poder manter em virtude da riqueza crescente das nações, e de se os poder suprir de materiais de tôda ordem, em consonância com as necessidades crescentes do campo de batalha, em consequência das possibilidades industriais dos países em luta.

Mercê ainda do crescimento dos efetivos postos em ação, impõe-se a sua constituição em massas isoladas, mais consideráveis que a Divisão, capazes de empreender, com seus próprios recursos e de levar a termo um combate de muito mais envergadura do que o daquela Grande Unidade; os Corpos de Exército que, desde 1800, tornam-se a base de tôdas as combinações estratégicas, assaz concorrendo pelo fato acima apontado, para a duração da batalha, pois que podem em proveito dos demais, que constituem o Exército e enquanto êstes se reúnem para a ação de conjunto, empreender, cobrindo-os, uma ação demorada.

Napoleão, em tôdas suas campanhas, desde 1796 até Waterloo, fez aplicação constante, em suas combinações estratégicas, dessa sucessão de esforços no espaço e no tempo, o que dava lugar a um aumento da duração da batalha. Te-

mos disso exemplo nas batalhas de Rívoli e Marengo, onde a massa principal de seu Exército, graças ao fogo de sua infantaria e artilharia, conseguiu, mais do que fôra para prever, durar o tempo suficiente para permitir a intervenção decisiva das reservas.

Entretanto, os progressos na técnica do armamento, no aproveitamento do terreno, aumentando a capacidade defensiva dos combatentes, não deixaram de crescer nas guerras que se sucederam ao período napoleônico. Ao fuzil de pedrneira seguiu-se o de agulha, cujo alcance e cuja velocidade de tiro, em comparação com os daquele, eram qualquer coisa de extraordinário.

A artilharia de carregamento pela bôca sucedeu a de carregamento pela culatra, com precisão de tiro e alcance cada vez mais consideráveis. Dêsses fatos resultaram mudanças estruturais na tática de seu emprêgo, escalonamento ainda maior dos meios, já em largura como em profundidade.

A ação mortífera do fogo cresce ainda mais. Vem a impossibilidade de se progredir através dum terreno ao qual se adapte um sistema de fogo bem organizado, de tal maneira que, mais do que nunca, se faz mister a prévia neutralização dos meios de fogo de defesa pela intervenção maciça da artilharia do ataque, cuja preparação do tiro, busca de objetivos, cada vez mais disfarçados pelo aproveitamento crescente do terreno, demandam tempo bastante lato, aumentando a duração da batalha.

De outro lado, pelo próprio escalonamento dos meios em profundidade e pela impossibilidade de se atingir ao mesmo tempo todos os órgãos de fogo do inimigo, o ataque progride com lentidão, constrangido a ir progressivamente, a medida que avança, reduzindo as resistências isoladas do inimigo.

As guerras, em amplitude muito maior do que outrora, envolvem tôdas as fôrças vivas das nações em luta. Os recursos em armas, munições, efetivos, abastecimentos, meios de transporte são enormes, os deslocamentos fáceis, as ordens atingem rapidamente aos diversos escalões executantes, de tal sorte que, ao contrário do que acontecia no período napoleônico, pode ser muito mais facilmente alimentada de tudo de que

tem necessidade., crescendo, portanto, sua duração. Isto pouco de ser observado na guerra de 1870.

Mas, a duração das batalhas é tanto maior quanto mais equilibrados são os meios de ataque e de defesa. Quando existe entre aqueles e estes uma grande desproporção, a batalha pode ser rapidamente decidida, como se verifica nas operações empreendidas pela Prússia em 1866, contra os Estados Secundários da Federação Alemã, onde, além do mais, o grau de instrução e a capacidade manobreira do exército prussiano representaram decisivo papel.

E a batalha de Sadowa, que durou simplesmente uma jornada quando tudo indicava que deveria ter uma duração muito maior, dados os progressos realizados pelos meios de fogo, resultou assim rápida em virtude da grande superioridade do exército prussiano e da tática falha dos austríacos, baseada quasi que exclusivamente no choque.

Já na guerra russo-japonesa verifica-se uma grande duração na montagem e desenvolvimento da batalha não só em virtude das causas acima expostas como também em consequência:

a) duma mais perfeita organização do terreno, sobretudo na fase final da campanha, após terem os russos verificado os efeitos devastadores do fogo japonês.

b) da ação metódica dos japoneses, preparando com extremos de minúcia os seus ataques.

c) do emprêgo da organização permanente do terreno, como em Porto Artur, cujo investimento e tomada duraram meses.

d) da falta duma exploração efetiva e a fundo do sucesso por parte dos japoneses, o que permitiu sempre a reconstituição das massas russas derrotadas.

e) da deficiência de comunicações, o que obrigava a uma morosa progressão das diversas colunas ou, então, a penosas preparações de pistas e de estradas.

f) do emprêgo de meios de fogo de maior alcance e mais eficácia, como as metralhadoras, cuja reputação, como poderoso agente de destruição ai se firmou definitivamente.

g) da necessidade cada vez maior de ligação das armas,

o que impunha um aumento de tempo na montagem das operações.

h) da necessidade da organização defensiva das posições conquistadas, para prevenir os retornos ofensivos.

O combate de Nanchan mostra-nos até que ponto foi a organização do terreno e também, pela detenção brutal do ataque japonês, o imperioso da preparação intensiva do ataque que pela artilharia, o que, sem dúvida, faz aumentar a duração da batalha.

A batalha de Mudken dura também não apenas em virtude das organizações propriamente do terreno, senão também de seu escalonamento em profundidade, em linhas sucessivas de resistência tanto mais fortes quanto mais próximas da região a defender, o que obrigava a montagem de sucessivos ataques, com um grande dispêndio de tempo.

A grande guerra de 1914-1918 iria, entretanto, acrescentar ainda mais a duração da batalha em virtude de causas próprias das quais não tecerei comentários para não me alongar em demasia e que procurarei resumir.

El-las:

a) potência de fogo mais ou menos equilibrada dos adversários, o que fez com que, um em face do outro, ambos se colem ao sólo para evitar a destruição.

b) valor das organizações defensivas do campo de batalha, dos obstáculos naturais e artificiais quando convenientemente batidos pelo fogo, tornados, assim, intransponíveis de que não tenha o fogo sido previamente extinto.

c) intensa e longa preparação do ataque pela artilharia, preparação que durará dias e mesmo semanas, como aconteceu em Verdun.

d) grandes massas de combatentes, dando lugar à saturação das frentes de batalha e a sua continuidade no espaço.

e) ausência, em virtude disso, de espaço disponível para manobra, na constituição duma frente contínua e intransponível dos Alpes ao mar.

f) necessidade da prévia ruptura dessa frente para manobrar, o que dá margem a ataques com formidáveis efetivos e meios, cuja montagem e preparação demandam dias e dias.

g) grandes efetivos que dão lugar à possibilidade dos revesamentos, substituições e jôgo de reservas consideráveis, lançadas para as frentes mais afastadas, para tapar brechas como sucedeu, na segunda batalha do Marne, em Noion e Montidier.

h) estreita ligação das armas, sobretudo da infantaria e da artilharia, o que demandava sempre, para uma ajustagem perfeita, muito tempo, só reduzido, pela metade da guerra, com o aperfeiçoamento dos processos técnicos de tiro.

i) emprêgo intensivo da organização do terreno, protegendo o combatente e tirando do fogo todo o rendimento possível, de sorte a deter todos os ataques inimigos, por melhor preparados que fossem.

j) escalonamento em profundidade das posições defensivas, o que obriga, para a obtenção da ruptura, a montagem de sucessivos ataques.

Estes fatores todos, como é compreensível, concorreram para que as batalhas da Grande Guerra 1914-1918 tivessem a duração de dias, semanas e mesmo meses, e tanto mais quanto é certo que, do ponto de vista da técnica do material e do valor dos efetivos os aliados e alemães praticamente se equivaliam.

E as rupturas das frentes, aliás sem resultados decisivos, só se obtiveram, no Ypres, pela surpresa dos gases; em Cambrai, pela surpresa dos carros e, no Chemin des Dames, pela surpresa estratégica duma concentração em sigilo de grandes efetivos e pela escolha duma frente de ataque que, pelas suas condições topográficas, era menos indicada, como mostra Gustave Lebon, para desfechar-se uma ofensiva.

Entretanto, desde que a superioridade numérica foi obtida, desde que, pelo bloqueio, foi possível enfraquecer a economia de guerra alemã, veio a decisão, antes pelo desgaste das energias morais do adversário do que pela batalha nos moldes do passado, pela destruição integral do Exército adversário.

As condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro

(E N S A I O)

Pelo Ten. Cel. MARIO TRAVASSOS

XIV — A ESTRUTURA DAS FORÇAS (1)

(Continuação)

82 — Ao regime da *cooperação das forças* e do *ecletismo dos processos*, creado pela *forma geral da guerra* contemporânea, a cujo serviço se encontram as assombrosas possibilidades do parque industrial moderno, não há dúvida que deve corresponder o *máximo de variedade* das formações de guerra — tanto em terra como na costa, no mar e no ar.

Somente dispondo dessa variedade de formações é que as organizações militares, navais e aéreas podem adquirir a flexibilidade necessária, estão em condições de atender aos efeitos de *surpresa* hoje manifestadas, devido a aquele regime, sob o múltiplo aspecto *político* (alianças), *social* (ações psicológicas), *econômico* (necessidades) *militar* (tática ou estratégica e *industrial* (evolução rápida do material).

A *batalha* assume, por isso mesmo, feição por demais complexa, tais os fatores que entram em jogo, tal a amplitude que a *manobra* pôde atingir porque manifestada simultaneamente naqueles diversos campos.

83 — Neste quadro, o problema militar brasileiro da *estrutura das forças* apresenta graves aspectos, se bem considerada a caracterização do seu *sistema de defesa nacional*, calcado no *complexo geo-militar* de seu território e nos diversos grãos em que pôde manifestar-se o *ecletismo* dos processos de guerra.

Tais circunstâncias criam, em face do problema de *cooperação das forças*, vasto campo para a *variedade das for-*

(1) — O presente artigo foi entregue à Redacção há 2 mezes. Algumas idéias aqui expedidas, tiveram a sanção da pratica nestes ultimos dias no teatro de guerra europeu.

mações de guerra brasileiras, até mesmo no interior de cada tipo de formação dos que teem surgido com a evolução das instituições armadas, em consequência dos progressos industriais.

A mais breve revista dos diversos tipos de formações de guerra, à luz do facieis geo-militar brasileiro, permitirá fixar-se a polimórfica estrutura das forças de guerra do Brasil decorrente da extrema complexidade e variedade dos fenômenos geográficos manifestados em seu imenso território.

84 — As formações de defesa de costa devem atender pelo menos a duas grandes modalidades de emprêgo, caracterizadas por fatos geográficos bem definidos e distintos.

No zona geo-militar do Sul é bem marcada sua íntima cooperação com as forças navais, visto como o paredão da Serra do Mar impede, na vertente marítima, a defesa em profundidade ou seja a cooperação de forças terrestres, na verdadeira acepção da expressão. Estas só encontram o momento justo de seu emprêgo quando se revelam ameaças aéreas ou aéro-terrestres sobre as abertas serranas, caso em que entrarão em ação apoiadas por outras formações de reserva, manobradas sobre as comunicações da vertente continental (planalto).

Quer isso dizer que a mais íntima ligação entre as formações da costa (fortes, bias, sobre truques, guarnições externas) e a esquadra atingirá o máximo de eficiência quando aquelas formações façam parte integrante das formações navais.

Na zona geo-militar Setentrional de Leste e na de cobertura, logicamente, tudo parece passar-se ao contrário — primeiro a entrada em ação, ao largo, de forças aéro-navais, depois, vencidas ou neutralizadas essas, o contácto com a defesa de costa, cuja atuação se relacionaria de perto com as defesas terrestres, inclusive a praia.

Assim como ao Sul a ação da esquadra se apoiaria na defesa da costa, ao Norte a defesa de costa se apoiaria nas ações terrestres, propriamente ditas. Essa íntima cooperação das formações da costa e das formações terrestres, certa

mente encontrará o máximo de eficiência quando aquelas formações façam parte integrante das formações terrestres.

Estão-se a vêr as reações que uma tal noção é capaz de provocar, que de argumentos técnicos (unidade de material, de doutrina, etc.) podem ser instantâneamente concentrados contra e sobre ela. Mas há a *unidade de emprêgo* que se apresenta com tôdas as credenciais de um mais fôrte argumento, inclusive do ponto de vista das forças, dos liames morais.

85 — As *formações aéreas* devem compreender, também, pelo menos duas modalidades diversas, no que respeita à defesa contra agressões de ultramar.

Na *zona geo-militar* do Sul as missões de contra-aviação devem primar sobre tôdas, por isso que é preciso cooperar com a ação conjunta da esquadra e da defesa da costa e também assegurar a *cobertura* e a *proteção* aérea das forças terrestres, especializadas na defesa das abertas serranas.

Na *zona geo-militar Setentrional de Leste* é preciso, antes de mais nada e na medida do possível, "matar o pinto na casca", martelar as bases onde acaso se organizem os ataques, as bases aéro-navais de assalto e bombardear as forças aéro-navais, ao largo, em pleno oceano. Em segundo lugar é que se deve colocar a cooperação com as forças do mar, da costa e terrestre na defesa do território, por meio de missões comuns de reconhecimento e observação.

E' certo que a caça não deixaria de existir — mas a informação longínqua, o bombardeio e a observação parece que representariam grande parte das atividades aéreas.

Na *zona geo-militar de cobertura*, pode-se admitir que se manifestem aspectos privativos de ambas aquelas zonas geo-militares. Parece entretanto, que a atuação aérea na zona geo-militar de cobertura se aproxima bem mais do tipo das ações do Sul que do Norte.

Seja como fôr, é certo que as *formações aéreas*, tendo-se em vista a defesa contra forças de ultramar, deveriam ser de tipo diverso — ao Norte e ao Sul — não só quanto à escolha

do material e o recrutamento das guarnições, como quanto à própria organização das unidades aéreas.

86 — As *formações terrestres*, naturalmente que sofrem, a seu turno, as consequências da *variedade*, imposta por causas de ordem geral, mas, também, por motivos peculiares às circunstâncias geo-militares do território.

87 — Em primeiro lugar se mostra a imposição de dispôr-se de *formações especiais*, numerosas e equipadas de modo adequado a suas finalidades. As oportunidades de seu emprêgo se revelam com tal frequência, em todos os quadrantes do território nacional que, se não fossem as modestas proporções dêste ENSAIO, o trato da questão das *formações especiais* mereceriam todo um alentado capítulo.

De modo geral, poder-se-iam fixar quatro tipos *distintos* de *formações especiais* para as forças terrestres — especiais por sua caracterização *local*, pelo armamento e recrutamento, pelo enquadramento, pela organização e instrução — assim definidos:

- as *formações especiais de fronteira*, já existentes, porém, ainda primários pela *homogeneidade* dos meios de combate e pelos *recursos* que ainda não são suficientes para crear como que verdadeiros núcleos de fomento social e econômico nas regiões lindelras de maior atrito que guarnecem;
- as *formações especiais serranas*, destinadas à guarda e defesa das aberturas da *Serra do Mar* — fortemente dotadas de armas de tiro curvo, de armas pesadas de tiro tenso e de numeroso material anti-curvo e anti-aéreo; recrutada nas proximidades de suas guarnições e dispondo de quadros especializados, quanto possível, nos problemas do tiro e da manobra em montanha;
- as *formações especiais praianas*, para a defesa imediata do litoral do Norte, *formações* mais ou menos anfíbias, bem adaptadas a operar nas re-

giões dos *mangues* e *areais* nordestinos, pela organização, armamento e meios suplementares (jangadas), pelo recrutamento e instrução e pelo enquadramento;

- as *formações especiais do interior*, visando a guarda e a defesa imediata dos campos de aviação melhor equipados que balisem as linhas aéreas de penetração existentes na zona geo-militar Setentrional de Leste; sua organização e instrução, seu armamento e enquadramento deveriam criar-lhes a mentalidade de *soldados do fogo* (bombeiros) sempre prontos a *apagar* qualquer irrupção de forças inimigas, naqueles campos (guarnições desembarcadas, destacamentos de infantaria do ar, etc.); a guarda e a defesa imediata dos campos de aviação referidos, não deveriam exigir, senão eventualmente, a localização das *formações especiais do interior* sobre os próprios campos — o melhor seria seu emprego por *convergência*, de guarnições diferentes.

88 — Esses diversos tipos de *formações especiais* — de caracterização local, pelo armamento e recrutamento, pelo enquadramento, pela organização e instrução — seriam chamados a desempenhar o papel de *ossatura* da defesa terrestre, como uma espécie de *sistema de cobertura* do território, sob cuja proteção se processaria o emprego das *forças terrestres*. Onde sua *grande importância*, seu *marcado relevo*, sua *extraordinária significação na estrutura das forças terrestres*, na organização, no equipamento e no plano de emprego do grosso dessas forças.

89 — O grosso das forças terrestres, por sua vez, não poderia escapar às servidões geo-militares do território, quer face a agressões ultra-marinas, quer em presença de ataques de origem continental.

De modo geral se podem distinguir três gêneros de emprego para as Grandes Unidades terrestres, segundo as ações

se passem na zona geo-militar do Sul, na de cobertura ou na Setentrional de Leste, donde três tipos diversos de Grandes Unidades.

Na zona *geo-militar do Sul*, por sua facies militar (morfologia, comunicações), as ações requereriam um equipamento das forças quanto possível à moderna, uma *ordem de batalha* nos moldes das G. U. normais dos diversos tipos existentes nos exércitos modernos, em condições de travar a *batalha média* (operações semi-moto-mecanizadas).

Na zona *geo-militar de cobertura*, somente G. U. mecânicas, Divisões blindadas ou couraçadas, dispendo de forte dosagem de elementos transportados ou tractados, do mesmo modo que fortemente equipadas com engenhos contra-carros e contra-aviação — forças bem aparelhadas para a *batalha técnica*.

Na zona *geo-militar Setentrional de Leste* as circunstâncias exigiriam grande capacidade creadora, certa disposição mesmo para romper-se com todos os preconceitos, de tal modo peculiares se apresentam os fatores ecológicos e as condições de emprêgo.

90 — Na fixação do tipo de G. U. para as ações na zona geo-militar Setentrional de Leste a melhor inspiração parece encontrar-se nas chamadas Brigadas Estratégicas da organização de 1908, feitas, evidentemente, as necessárias adaptações, sem cujo cuidado, o tipo a fixar-se se aproximava demais da atual D-1. ternaria.

A fixação desse tipo de G. U., está no mesmo caso das *formações especiais*, como assunto um pouco desproporcionado com o modesto plano deste ENSAIO. Não restam dúvidas, entretanto, sobre a conveniência de adaptar-se a antiga Brigada Estratégica às particulares condições geográficas da zona militar Setentrional de Leste.

Essa adaptação, ao que parece num primeiro relance deveria orientar-se no sentido de tornar, o mais espontâneo possível, a passagem da *composição orgânica* das G. U. para as *composições de emprêgo* normalmente requeridas pelas circunstâncias geo-militares — ou seja no sentido de tornar

por assim dizer-se *automático* seu desdobramento em diversos agrupamentos de forças ou seu rápido reagrupamento, segundo fosse o caso. Em primeira urgência, naturalmente se encontraria a substituição do R. I. pelo G. B. C., mas organicamente diferente do tipo comum. Essa diferença poderá consistir na existência de 2 B.C., cada um articulado em duas alas (mínimo de 4 Cias.) e dispondo de *apóio do fogo, pelo menos duplo dos BC. comuns* e 1 BC. *transportado, de grande potência de fogo*. Dêsse modo se reduziria ao mínimo a dotação orgânica de artilharia de apoio em proveito de fortes dotações de sapadores, pontoneiros e unidades de transmissões. O equipamento dos homens, os trens das unidades e o impedimento das G. U. deveriam ser reduzidos ao mínimo.

Nessa mesma ordem de idéias, a noção da D.C. se substituiria a da Bda Mx de Cavalaria a dois R. C., de tipo moderno, e um R. C. transportado, de *grande potência de fogo*. Completando a figura da Bda Mx Cav., um mínimo de Art. de apoio e um máximo de meios de transmissão, sapadores e pontoneiros, compatível com os meios de combate orgânicos.

Em resumo, as G. U. da zona geo-militar Setentrional de Leste não deveriam passar de um agrupamento de unidades das quatro armas, postas em equilíbrio pelas condições gerais de seu emprego, que parece exigir mobilidade estratégica e tática — quer para atuar sobre eixos (ofensiva) ou estabelecer-se em grandes frentes (defensiva), em qualquer dos casos em condições de manobrar reservas em linhas interiores.

91 — As Grandes Unidades da zona geo-militar de reserva, como já foi dito, deveriam ser dos vários tipos admitidos para as demais zonas geo-militares, exclusive a zona geo-militar setentrional de Oeste (Amazonia). Nada menos de quatro G. U. deveriam ser previstas na zona geo-militar em apreço, — uma apta ao reforço da zona geo-militar do Sul, outra o da zona geo-militar de cobertura e duas mais, aptas ao reforço da zona geo-militar setentrional de Leste.

Ainda seria recomendável a previsão de adaptar-se qualquer dos tipos dessas G. U. (excluída a de reforço à zona geo-militar de cobertudo devido à forte especialização de suas funções) ao emprego em outra zona geo-militar que não a normalmente prevista.

92 — É agora oportuno pôr em foco a *estrutura das forças navais* cuja complexidade salta à evidência, da própria discussão até aqui conduzida.

Ao Sul teriam que travar uma *batalha defensiva* em conjugação com a defesa da Costa orgânicamente da Marinha. O equipamento das fortificações e de suas guarnições externas representaria, por si só, forte diferenciação. A defesa passiva dos portos e das áreas imediatamente interestadas por eles e a composição da força para a batalha representariam outros fatores de marcado relevo.

Ao Norte teriam que travar uma *batalha ofensiva* na qual as *forças ligeiras* (de superfície e submarinas) entrariam destacado papel a desempenhar ao largo, particularmente sobre as linhas de comunicação, sem que se deixasse esquecer a miragem de certas áreas, inclusive pelo emprego generalizado das minas magnéticas.

Está-se a vêr desde logo a necessidade de quebrar-se a homogeneidade das *formações navais*, de crear-se o *Corpo de Artilheiros de Costa* e multiplicar-se pelo menos por dez os efetivos dos *Fuzileiros Navais*; de crear-se a *esquadra do Sul* e a *esquadra do Norte*, sediada cada uma em suas *novas bases*, cujo equipamento seria dos mais urgentes assuntos.

Mas ainda seria preciso a *organização da guerra de costa* com pessoal e material adequado, fazendo-se apêlo às unidades mercantes, cujas guarnições deveriam ser quanto possível treinadas para a execução de suas missões.

No conjunto das previsões de emprego das *forças navais*, orgânicamente constituídas tendo em vista suas missões normais, seria indispensável assentar variantes para sua atuação em caso de ataque, de modo que se podesse sempre

locar e manter o centro de gravidade das forças navais, judiciosamente, isto é, conforme as reais necessidades do desenvolvimento das operações.

93 — Finalmente há o caso particularmente especial da estrutura das forças da *zona geo-militar setentrional de Oeste*, que por isso foi deixado para ser tratado a parte.

As características geográficas da *Amazonia* — o predomínio da parte líquida sobre a sólida (das terras), a duplicidade reversa dos impuxos continentais e marítimos e sua desmesurada excentricidade — ao mesmo tempo que impõem a presença de uma força *orgânicamente mixta* — aéro-naval-militar — imprime às *formações de combate*, em cada uma das forças, certa hibridez *orgânica*, em consequência das condições particulares de seu *emprego*, quer se trate de formações terrestres, navais ou aéreas.

Essa hibridez das formações de combate da *Fôrça Mixta da zona geo-militar setentrional de Oeste* — que se pode traduzir por suas aptidões mais ou menos anfíbias, tanto quanto à terra e à água, na rigorosa expressão do termo, como, por extensão, quanto ao ar e à água ou à terra — quasi que praticamente as coloca no caso das *formações especiais* (87).

Uma das peculiaridades das formações de combate da *Fôrça Mixta da Amazonia*, merece ser examinada um pouco mais de perto.

94 — *A defesa de Costa* (?) sofre, às margens do *Amazonas* e seus afluentes, sensível deformação, em consequência da *adaptação de sua conduta* ao emprego combinado de todas as forças. Esse emprego a torna muito menos estática que no caso comum, requer maior *mobilidade* de sua observação, de seus planos de tiro, etc. Suas guarnições se aproximam, por isso, mais da moderna Infantaria de fortaleza do que mesmo, especificamente, das formações normais de defesa de costa.

As *formações terrestres* propriamente ditas, destinadas a manter os *pontos fortes* do sistema fixo de defesa, devem apresentar grandes semelhanças (de organização, armamen-

to, instrução e enquadramento) com as *formações especiais praianas* (do Nordeste) e possuir grande aptidão a deslocar-se como *unidades transportadas fluviais*.

As *formações aéreas* — equipadas com forte dotação de aparelhos anfíbios — devem ser aptas ao cumprimento de tôdas as missões e, particularmente, a tomar parte no ataque a objetivos terrestres ou fluviais, em combinação com as fortificações e com a força naval, com a força naval e a defesa dos *pontos fortes*.

As *formações navais* devem ser capazes de atuar não só em combinação com as formações aéreas como também com as formações terrestres — tudo no mais amplo sentido da cooperação das forças e das armas.

Em princípio, as unidades navais devem dispôr sempre de *formações especiais* de abordagem e desembarque para que em qualquer caso, fique assegurada a amplitude de sua cooperação.

95 — Não basta, pois, às forças da zona geo-militar setentrional de Oeste que elas sejam *orgânicamente* mistas, isto é, compostas de formações terrestres, de costa, aéreas e navais, sob um mesmo comando. É ainda indispensável que suas formações — apesar de especializadas pela própria natureza de cada uma das forças, se aproximem quanto possível umas das outras, as formações de costa das terrestres, as formações terrestres das navais — num alto grau de reciprocidade — cabendo às forças aéreas um máximo de flexibilidade no trabalho em comum com qualquer das outras formações daquele modo caracterizadas.

XV — CONCLUSÃO

96 — Do exame, mesmo perfuntório, dos fatores que demonstram as *condições geográficas* e o *problema militar brasileiro* é esmagadora a conclusão das responsabilidades que pesam sobre as atuais e futuras gerações de dirigentes no que respeita ao dever de assegurar, a qualquer preço, a integridade do território e a soberania nacional.

97 — Essas responsabilidades decorrem, em primeiro lugar, da própria complexidade morfológica do espaço geográfico do território a qual se ajustam condições de clima, regiões naturais, e gêneros de vida diversos — reagindo simultaneamente sobre os índices demográficos, o sistema das comunicações e o regime dos transportes, o teor econômico e as possibilidades industriais. De tudo resulta extensa gama ecológica a cujas modalidades se devem adaptar os problemas políticos, sociais e econômicos e acima de todos, como resultante, desse sistema de forças morais e materiais, o problema militar.

Mas há, ainda, a considerar-se novos fatos geo-militares decorrentes da ampliação das zonas de atrito a toda a fronteira marítima, em consequência da *velocidade, raio de ação e potência* dos modernos engenhos aéro-navais, especialmente os aéreos.

Aqueles novos fatos geo-militares se prendem à *posição geográfica do território*, pelo encurtamento das distâncias transatlânticas, que assim aproximam toda a costa setentrional de possíveis bases de ataque na África ocidental ou alhures.

Esses novos fatos geo-militares se agravam com a permeabilidade do sub-espaço geográfico do setentrião, no qual se inscrevem as mais profundas linhas de penetração, capazes de favorecer uma invasão ganglionar, de aeroporto em aeroporto até ao extremo de traduzir o desbordamento das resistências da *Serra do Mar*.

98 — Não se pode pôr em dúvida o grau de complicação que esses fatos geo-militares levam não só à formulação do problema militar brasileiro como às medidas que visem a sua solução, com o simples acréscimo, às *hipóteses de guerra continentais* da hipótese, cada dia mais possível de *agressões de ultramar*.

99 — No presente ENSAIO apenas ventilou-se um dos aspectos capitais do grau de complicação atual do problema militar brasileiro em face das novas circunstâncias geo-mili-

tares — a variedade das formações de combate, intimamente ajustadas à variedade dos fatores geográficos e de certos fatos geo-militares essenciais.

Ainda sobram, porém, outros aspectos não menos essenciais como os que se referem à *organização do comando*, a novos processos de *recrutamento de quadros de oficiais*, as dotações de armamento e material de guerra e muitos outros dessa espécie que escapam aos objetivos dêste ENSAIO. Ao passo que uns se prendem ao plano de guerra e ao plano de operações, outros dependem de estudos pormenorizados, todos a serem feitos por órgãos especializados.

100 — E' fóra de dúvida que a *solução integral* do problema militar brasileiro em sua fase atual — que o passar do tempo não fará mais do que agravar aceleradamente — colide com as condições financeiras e os recursos industriais e as possibilidades do país no momento mesmo em que êle se manifesta.

Mas quando "não se pôde fazer o que se deve, deve-se fazer o que se pôde". No caso da impossibilidade de dar-se, desde logo, *solução integral* ao problema militar brasileiro ao menos deve-se, com os próprios meios de que se dispõem, esboçar as grandes linhas de seu *sistema de defesa* e, em consequência as da *estrutura de suas forças*.



" DEVOE " Tintas, esmaltes,
vernizes e pincéis.

Pistolas e material **" B I N K S "**
da General Motors do
Brasil S. A.

(Distribuidores exclusivos)

Araujo, Barbosa & Cia. Ltda.
Rua Buenos Aires, 212 - Telefone 43-6944
Rio de Janeiro

CASA TUPAN



A Infantaria no combate à noite

Pelo Major JAIR DANTAS RIBEIRO
Inst. de Inf. da E. E. M.

Documento n.º 5

FICHA SOLUÇÃO
(Continuação)

4.ª PARTE

APRESENTAÇÃO DE UMA SOLUÇÃO PARA O TEMA
PROPOSTO

EXAME DO PROBLEMA TÁTICO

Estabelecimento do ambiente da situação

O ambiente da situação é precisado pelo exame cuidadoso da situação geral, da situação particular e da ordem ou ordens de execução constantes do tema.

EXAME DA SITUAÇÃO GERAL

Travou-se no Distrito Federal uma batalha, entre forças Azuis, de L. e Vermelhas, de W, a L. da linha geral Irajá-Madureira.

Não sendo bem sucedidos nesta operação, os Vermelhos batem em retirada para W. no dia 29 de agosto.

Sem perda de tempo, o Comando Azul decide aproveitar o êxito na direção de **Vila Proletaria-Realengo-Bangú**, por forma a repelir o inimigo para além de **Campo Grande**, empregando para isso duas D. I. (1.^a D. I., ao N. e 2.^a D. I. ao S.).

Conclusão:

Mal sucedidos na luta, os Vermelhos se retiram, seguidos dos Azuis que procuram aproveitar o êxito obtido.

EXAME DA SITUAÇÃO PARTICULAR

O movimento dos Azuis se processa, no entanto, vagarosamente, devido tanto à ação eficiente dos destacamentos retardadores, quanto às dificuldades encontradas para o início da progressão. Por isso, já na manhã de 30 de agosto, as Vgs. da 1.^a D. I. chegam ao contacto com uma linha de fogos nas encostas W. da Col. **Palmeira Queimada**-orlas W. de **Deodoro** M.^o Cel. **Magalhães**-Col. **Duas Mangueiras**-Orlas W. de **Portugal Pequeno**, etc.

A vista das ordens recebidas, o Cmt. da 1.^a D. I. resolve empenhar logo suas Vgs., a fim de conquistar ainda nessa jornada, pelo menos a linha de alturas do M.^o do **Capim-Campamento**-**Capistrano**-Col. **Cinco Mangueiras**, etc.

As Vgs. são finalmente detidas e às 16hs.,30 encontram-se na linha: Orla W. de **Deodoro**-encostas W. do M.^o Cel. **Magalhães**-Sinal de Col. **Longa-Cota 30** (L. de Col. **Longa**)-orlas W. de **Portugal Pequeno**, etc., frente a uma linha contínua de fogos.

Conclusão:

— Para ganhar tempo, os Vermelhos opõem destacamentos retardadores à progressão dos Azuis. Por isso, somente na manhã seguinte as Vgs. chegam ao contacto com uma linha de fogos.

— A-fim de conquistar pelo menos a linha de alturas que limita transversalmente o compartimento do terreno, as Vgs. são empenhadas e ficam detidas frente a uma linha contínua de fogos.

— São 16 hs. 30.

EXAME DA ORDEM DE EXECUÇÃO (2)

O Cmt. da 1.^a D.I. está autorizado a realizar as operações preliminares que julgar conveniente para facilitar o prosseguimento do aproveitamento do êxito no dia seguinte (31 de agosto).

Certo das desvantagens oferecidas pelo terreno ao N. e S. da Col. **Longa**, difícil de transpôr de dia, o Cmt. da 1.^a D.I. decide apoderar-se, ainda na noite de 30 para 31 de agosto, da linha de alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**. Em consequência expede às 16 hs. 45, de seu P. C. na Par. **Sapê**, uma Ordem Particular ao 1.^o R. I., fixando as condições gerais da operação noturna e deixando ao Coronel a iniciativa de regular todos os pormenores de sua execução, inclusive a realização dos entendimentos necessários.

O P. C. do Cmt. do 1.^o R. I. encontra-se, às 16 hs. 30, na Casa isolada 006.992, da Col. **Duas Mangueiras** (Ver Calco n.^o 2).

A essa mesma hora, o P. C. do Cmt. da 1.^a D.I. está na Par. **Sapê**, isto é, a cerca de 4 kms. de distância do P. C. do Cmt. do 1.^o R. I. Daí só ter chegado a Ordem Particular às mãos do Coronel, por volta das 17 hs. 10 ms. (3).

Não padece dúvidas quanto ao adiantado da hora para o Cel. chegar até à frente e preparar em presença do terreno a montagem da operação noturna, especialmente no que se refere à Artilharia que precisa ainda realizar a ajustagem de seus tiros.

Que fazer então

E' certo que muito antes das 17 hs. 10 já o Cmt. do 1.^o R. I. conhecia o texto da Ordem Particular, pois esta nada

mais é que uma confirmação de diversas ordens verbais e telefônicas, dadas até às 16 hs. 15 (Ver **nota** ao Doc. n.º 3). Ainda mais cedo, necessariamente, por volta das 16 hs., certamente o Cel. encontrou-se no M.º Cel. **Magalhães** com os Cmts. dos I e II/1.º R. I. e certamente o do Ag. a. 1.

Destarte teria sido possível assentar em presença do terreno todos os pormenores da ação noturna, por forma a dar tempo aos Comandos subordinados de realizarem seus próprios reconhecimentos (entre 16 hs. 45 e 18 hs.).

Conclusão:

— Informado da decisão do general, sem perda de tempo o Cmt. do 1.º R. I. convoca seus subordinados, inclusive o Cmt. do Ag. a. 1, e de um observatório do M.º Cel. **Magalhães** põe-nos ao corrente das ordens recebidas visando a conquista durante a noite da linha de alturas da Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**.

— Conhecendo suas respectivas tarefas, podem agora os Cmts. de Btl. e certamente de Ag. a. 1 acionar com oportunidade os reconhecimentos pormenorizados dos escalões subordinados.

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA TÁTICO

O exame sumário do problema tático proposto permite concluir que, devido às condições particularíssimas apresentadas pelo terreno para o prosseguimento da operação na jornada de 31 de agosto, o 1.º R. I. terá de apoderar-se à noite das alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**. Esta ação visa:

- de um lado, aproveitar a obscuridade para poder transpôr as faixas limpas do terreno ao N. e ao S. da Col. **Longa**;
- de outro, conquistar uma base de partida mais favorável para o desembocar do ataque na jornada seguinte.

Verifica-se, dessa forma, que o 1.º R. I. terá de executar um ataque à noite.

ANALISE DOS FATORES DA DECISÃO

EXAME DA MISSÃO (4)

A Missão do 1.º R. I., exarada na Ordem Preparatória está assim concebida:

- “A-fim de conquistar uma base de partida mais favorável para o desembocar do ataque na jornada seguinte, o 1.º R. I. atacará e apossar-se-á na noite de 30/31 das alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras** (objetivo único).
- Zona de ação: (Ver calco n.º 2).
- Os pormenores de execução dessa operação serão regulados pelo Cmt. do 1.º R. I., que disporá de todos seus meios orgânicos e fará os entendimentos que julgar convenientes.
- Todavia, o Cmt. do R.I. não deverá empenhar nesse ataque, efetivo superior ao valor de 2 Btls.”.

Além disso, a Ordem Particular prescreve uma **Conduta**, verdadeiro complemento do conteúdo da Missão:

- “Conquistado o objetivo do ataque, a Infantaria nele instalar-se-á de modo a manter sua posse a todo custo.
- Nenhum elemento da tropa atacante ultrapassará sem nova ordem, a linha A.A₁ (Ver o Calco n.º 2).
- No caso de insucesso da operação, a Infantaria atacante deve poder ser acolhida por elementos mantidos nas posições atualmente ocupadas”.

Conhecido os termos da **Missão** procuremos agora interpretar-la, destacando dela o essencial.

Ação prescrita:

- 1 — Fim a atingir: "Conquistar uma base de partida para o desembocar do ataque na jornada seguinte".
- 2 — Operação a executar: "Apossar-se na noite 30/31 das alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**".

Condições impostas

1 — No espaço:

- Zona de ação limitada ao N. pela orla S. (incl.) do casario da **Vila Militar** e ao S. pela Col. **Cinco Mangueiras** - M.^o dos **Afonso**s (inclusive): Cêrca de 1.400 ms.
- Frente de ataque englobando Col. **Acampamento** (incl.) e a Col. **Cinco Mangueiras** (incl.): Cêrca de 1.000 ms.
- Objetivo único: Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**.
- Profundidade do ataque compreendida entre o objetivo e a linha de contacto retificada: cêrca de 500 m.

2 — No tempo:

- Hora do recebimento das ordens verbais ou telefônicas: até 16 hs. 15.
- Início dos reconhecimentos: imediato, admitindo que os Cmts. de Btl. e de Ag. a. 1 tenham sido convocados desde o recebimento da primeira ordem.
- Tomada do dispositivo: só executável depois do escurecimento da noite, visto ser preciso retificar a frente, especialmente do lado S.
- Hora do ataque: poderá ser escolhida tanto na primeira parte da noite quanto na segunda. No primeiro

ro caso sempre que se visa a captura de prisioneiros ou a posse de pontos do terreno necessários ao desembocar dum ataque; no segundo caso quando se tem em mira a conquista e conservação de uma posição, pois semelhante golpe desfechado sob a proteção da obscuridade, reduz consideravelmente as possibilidades de reação do inimigo.

- 3 — Restritivas: O Cmt. do 1.º R. I. não deverá empenhar no ataque à noite efetivo superior a 2 Btls.

Atitude (conduta):

- 1 — Antes da partida do ataque: não consta da Ordem Particular; cabe ao Coronel precisar a conduta no caso do inimigo atacar ou retrair-se.
- 2 — Durante o ataque: No caso de insucesso da operação, a Infantaria atacante deve poder ser acolhida por elementos mantidos nas posições atualmente ocupadas.
- 3 — Depois do ataque:
 - Conquistado o objetivo a Infantaria nele instalar-se-á por íorma a manter sua posse a todo custo.
 - Nenhum elemento da tropa atacante ultrapassará sem ordem o caminho prolongado pela cêrca de arame que correu a W. de Col. **Acampamento-Capistrano** (Linha A.A. do Calco n.º 2).

Conclusão:

- 1 — Caráter inicial da missão: — Ataque à noite às alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras**, a-fim de conquistar uma base de partida mais favorável para o reinício da progressão. A operação está, pois, nitidamente caracterizada e enquadrada nos moldes regulamentares.
- 2 — Caráter ulterior da missão: — Ataque de dia à nova posição mantida pelo adversário. É uma consequência

da missão anterior, cuja finalidade consistia em "repe-
lir enérgicamente os Vermelhos para W. de Campo
Grande".

As possibilidades de bom êxito da missão ulterior
serão necessariamente maiores se o desembocar do ata-
que se fizer de uma base de partida favorável, tal como
a balisada pelas alturas de Col. **Acampamento-Capi-
trano-Col. Cinco Mangueiras.**

- 3 — Profundidade do ataque: — Da ordem de 500 ms., dos
quais cêrca de 200 ms. de progressão silenciosa para
tentar a abordagem das resistências inimigas.
- 4 — Frente de ataque: 1.000 ms., aproximadamente. Dai
a necessidade de dispôr, para a ação noturna, de efeti-
vos suficientemente capazes de conduzir a luta com tôda
a probabilidade de sucesso. A determinação precisa
dêsses efetivos só poderá ser feita após a análise do
terreno e dos meios.
- 5 — Realização do dispositivo: — Não poderá haver grande
dificuldade na tomada do dispositivo, pois o terreno é
fácil e descoberto. Por isso mesmo, se de um lado a
articulação da tropa de ataque só poderá processar-se
com a obscuridade, de outro lado a realização do dis-
positivo far-se-á rapidamente, não demorando mais de
1 h. 30.

A fixação do início dos movimentos e bem assim do
momento em que o dispositivo deverá estar pronto, fica
na dependência da análise das **contingências.**

- 6 — Oportunidade do ataque: — O ataque será feito na pri-
meira parte da noite de 30/31, em hora a fixar em con-
sequência do tempo consumido na tomada do dispo-
sitivo.
- 7 — Conduta geral:
 - Antes do ataque: — Fixada em consequência do es-
tudo do inimigo.
 - Durante o ataque: — No caso de insucesso do ata-
que, a tropa atacante deve poder ser acolhida. Além
disso, para reduzir também nessa eventualidade as

consequências sempre perigosas do pânico, é preciso estar ainda em condições de repelir enérgicamente os elementos que o adversário porventura venha a lançar em perseguição da tropa que recua. E' então necessário manter frações em posições, prontas para acolher eventualmente a tropa de ataque no caso de mau êxito da operação.

- Depois do ataque: — Se o ataque for bem sucedido, conquistado o objetivo a Infantaria nele se instalará por forma a garantir sua posse; a ligação com os vizinhos será desde logo assegurada e nenhum elemento ultrapassará a linha A.A₁ (ver o Calco n.º 2). Caso contrário, após ter sido acolhida pelos elementos mantidos em posição, a tropa de ataque se reagrupará nos **pontos de reunião**, escolhidos quando da análise do terreno.

EXAME DO INIMIGO

Situação Geral

Vimos que os Vermelhos, mal sucedidos na batalha que travaram contra os Azuis, a L. da linha **Irajá-Madureira**, batem em retirada para W., no dia 29 de agosto.

Necessariamente, com o fim de ganhar espaço e tempo suficientes para permitir a reconstituição tão depressa quanto possível de suas forças ao abrigo das incursões do adversário, os Vermelhos fazem largo emprêgo de destacamentos retardadores cuja ação eficiente dificulta e demora a progressão dos Azuis.

Situação Particular

Como resultado da atuação dos destacamentos retardadores, os Vermelhos podem se instalar defensivamente nas alturas a W. da via-férrea **Anchieta-Deodoro** e de **Portugal Pequeno**.

Não se sabe qual a **intenção** dos Vermelhos, ou melhor, o que **pretendem fazer** agora, mas é certo que se pode analisar suas **possibilidades**, isto é, poder-se-á avaliar o que **eles podem fazer** para se opôr às pretensões do Comando Azul.

Sabemos que o inimigo oferece nova resistência na posição (ver Calco n.º 2) balisada por M.º do **Capim-Col. da Olaria-orlas L. da Vila Militar-Col. Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras** — Seus trabalhos de organização do terreno, revelados até a tarde de 30 de agosto entre as alturas de Col. **Acampamento-Capistrano-Col. Cinco Mangueiras** . . . , de um lado e . . . M.º do Ten. **Acacio-Cota 40 (W. do M.º do Capão)** . . . , do outro, são ainda esparsos e pouco desenvolvidos.

Verifica-se, assim, que a nova posição ocupada pelos Vermelhos tem uma profundidade da ordem de 2,000 ms.

A determinação do dispositivo possivelmente adotado pelo inimigo será feita no estudo do terreno.

Todavia, o Cmt. da 1.ª D. I. declara que “o conjunto das informações colhidas parece indicar que a Divisão se acha em presença de elementos de cobertura (P. A.?) do inimigo”.

Possibilidades

Podemos atribuir à atitude dos Vermelhos três hipóteses.

1.ª Hipótese — o inimigo ataca:

— na primeira parte da noite 30/31;

— na segunda parte da noite 30/31.

No segundo caso, a ação do adversário perde de interesse, porque o ataque dos Azuis vai precede-la.

Resta, pois, o exame da primeira eventualidade.

— Com que fim poderão os Vermelhos realizar um ataque à noite ?

Não é razoável atribuir-lhe a possibilidade de executar um ataque em tôda frente, devido ao estado geral da tropa; mas é certo que poderá efetuar ataques locais, tanto para fazer prisioneiros (golpe de mão de vai-vem) quanto para se apoderar de pontos interessantes do terreno (golpe de mão de ocupação).

— Sobre que pontos poderão os Vermelhos realizar golpes de mão ?

Evidentemente sobre Col. **Longa** em saliente na linha mantida pelos Azuis, por forma a recupera-la.

— Em que momento poderão os Vermelhos realizar este golpe de mão ?

Logo após o escurecer, aproveitando-se ainda do lusco-fusco para maior facilidade na conduta da operação. E' o que de peor poderá acontecer.

2.^a Hipótese — O inimigo retrai-se:

Caso os Vermelhos rompam o contacto e se retraiam antes do ataque à noite dos Azuis, nenhum prejuizo haverá para o 1.^o R. I.. O Comandante desta unidade não recebeu nenhuma ordem visando esta eventualidade, não lhe cabendo assim providenciar para a busca do contacto, sinão até a linha A.A. (Ver calco n.^o 2).

De qualquer modo, porém, a missão permanecerá, devendo a Infantaria realizar sua progressão para o objetivo que lhe foi designado pela Divisão, no momento fixado pelo Coronel.

3.^a Hipótese — O inimigo se mantém na posição:

Neste caso, a montagem e a conduta da operação noturna deverá processar-se normalmente. Todavia, é de esperar que o adversário mantenha ativa vigilância desde o escurecer, procurando descobrir quaisquer indícios de ataque e alertando oportunamente suas tropas.

Conclusão

- 1 — Derrotados como foram na batalha de 29, a situação moral e material dos Vermelhos não deve ser muito satisfatória.
- 2 — De qualquer modo, porém, os Vermelhos conseguiram retardar a progressão dos Azuis e tiveram tempo de se instalar numa posição sobremodo propícia ao emprego dos fogos das armas automáticas da Infantaria.

- 3 — O Gen. Cmt. da Divisão tem a impressão que se acha em presença de elementos de cobertura dos Vermelhos, possivelmente de postos- avançados.
- 4 — Dada a importância da surpresa, tôdas as precauções devem ser tomadas por forma a manter o sigilo da operação até o último instante.
- 5 — Como o inimigo pode preceder no ataque, é mister estar em condições de fazer abortar qualquer ação de sua parte, especialmente sôbre Col. **Longa**. A-fim-de enfrentar uma tal eventualidade, a hora da partida do ataque deve ser confirmada por um sinal qualquer.
- 6 — Se o adversário se retrair antes do ataque, a progressão da Infantaria deverá processar-se sem nenhuma alteração até o objetivo fixado, mas nenhum elemento ultrapassará sem ordem a linha A.A₁ (ver o Calco n.º 2).

(Continua)



Instrução na Cavalaria

(Continuação)

Pelo Cap. JOÃO DE DEUS MENA BARRETO

Encerrando o debate construtivo que A DEFESA NACIONAL vem publicando desde seu número de Janeiro, debate este em que foram esclarecidos todos os pontos interessantes do problema, apresentamos os três artigos abaixo.

1 — No final do nosso artigo anterior prometemos aos nossos possíveis leitores, exemplo ou modelo de “plano semanal” de trabalho, de “sessão” de instrução e de “ficha”, “para que possam ter uma idéia de como quer o R. E. C. C. que se façam” tais documentos.

2 — Na realidade, o que se observa é que, nem esse R. E. C. C. nem outro qualquer regulamento, explica — “como quer que se façam tais documentos” — e isso dá margem a que cada qual organize o “seu” modelo, de modo que brotam uns mais completos outros mais deficientes.

3 — Antes de cogitarmos da organização desses documentos, é necessário encarar a questão referente a “fases intermediárias” e “tempos médios” dedicados a cada ramo da instrução, pois, sua influência é também capital na confecção dos “Planos semanais” de trabalho do cap. Ao falar em “fases intermediárias”, às quais me referi em trabalho já publicado e nos artigos desta Revista, poderão leitores mais jovens ficar intrigados com semelhante designação, uma vez que o R. E. C. C. e o R. L. Q. T. a elas não se referem.

Não fiquem porém, alarmados: não procuramos inventar objetivos a serem atingidos em datas esporádicas, ou contrariar disposições regulamentares referentes a "divisão do ano de instrução".

Absolutamente, longe de nós o pensamento de ir de encontro aos preceitos regulamentares, tanto mais que estamos de pleno acôrdo com a orientação adotada. Queremos, apenas, interpretá-la a fundo, ajustá-la a outros ditames terminantes, como a prática e a experiência aconselham, tendo em vista melhor dosagem e distribuição dos assuntos, de modo a poder "enquadrar entre certos limites de tempo, inextensíveis, a matéria vária e vasta, quicá inesgotável".

Sabem ainda nossos leitores menos jovens que nada inventamos neste particular, porquanto até pouco tempo atrás, e durante anos a fio, era assim que se ensinava na E. Cavalaria, sujeita à supervisão pelo E. M. E. Mais uma vez: a nossa intenção (e a solução com que procuramos concretizá-la) apoiada pelos regulamentos, nada mais é que um recurso que facilita aos escalões inferiores alcançar em determinadas épocas, "objetivos intermediários" naturalmente escaloados entre a base de partida e o objetivo final da fase. Mesmo porque não será possível ao cap. fazer "apreciações", como quer o R. E. C. C., na metade da fase (2.^o mês) e no fim (4.^o mês), sem antes fazer "verificações" do ponto atingido pela instrução, além de que nessa "metade da fase" não coincide nenhum vértice do polígono, nenhum termo natural de porção da instrução e início de outra porção ou fase intermediária. Ora, o objetivo a ser atingido no 1.^o período é: — tornar mobilizáveis o homem e as unidades elementares. Mas este objetivo não é conquistado em bloco: impõe-se proceder metódicamente. Para isso se estabeleceu uma progressão da instrução; isto é, para melhor atingir o objetivo, o período foi, pelo regulamento, dividido em duas fases, a 1.^a de 4 meses e a 2.^a de dois.

Na 1.^a fase, que vai da incorporação ao fim do 4.^o mês de instrução, **deve tornar-se mobilizável o homem**, isto é, o soldado novo deve ficar apto para fazer parte de uma uni-

dade já instruída e exercitada para fazer campanha; na 2.^a fase, que vai do fim do 4.^o mês ao fim do 6.^o **deverão estar mobilizáveis as unidades elementares** (G. C. e Pel.; peça e Sec. nas Mtr), de que o soldado faz parte.

De igual modo, o objetivo parcial ou intermediário da 1.^a fase não é atingível em bloco: o R. E. C. C. determina que no fim do 3.^o mês esteja terminada a **instrução comum** a todos os cavaleiros — o que não significa que ela não continue — e que o 4.^o mês é destinado ao adestramento dos cavaleiros nas diferentes funções do G. C. ou da peça de Mtr. (**instrução complementar** dos cavaleiros de fileira) e início da dos **cavaleiros de escol**, (observadores, exploradores, atiradores de mosquetão e de F. M. — granadeiros de mão e de fuzil). Eis aí, naturalmente, dois objetivos "intermediários" perfeitamente definidos, lidinamente regulamentares, a atingir dentro da 1.^a fase: o 1.^o até o 3.^o mês e o 2.^o no 4.^o mês. Ainda de igual modo êsse todo da **instrução comum** a todos os cavaleiros, a realizar nos três meses iniciais, não deve ser alcançado em bloco, deve ser articulado, naturalmente em duas porções.

E' que pelos regulamentos êsse 1.^o lance de 3 meses não apresenta nenhum vértice, é uma reta. Questão de pedagogia, se quizermos de organização de marcha ou de eficiência do trabalho da usina, importa que se não vença a subida de um fôlego, se intercale um patamar, e como não há necessidade de mais de um, nem há consideração regulamentar que imponha localização, o espontâneo é colocar o objetivo intermediário no meio.

De modo que, afinal, a 1.^a fase é dividida em 3 fases intermediárias, a saber:

- 1.^a fase intermediária — 1 e $\frac{1}{2}$ mês (6 semanas);
- 2.^a fase intermediária — 1 e $\frac{1}{2}$ mês (6 semanas);
- 3.^a fase intermediária — 1 e mês (4 semanas);

A semana restante da 1.^a fase (17.^a) é utilizada para uma "**verificação**" ou como quer o R. E. C. C., uma "**apreciação**" meticulosa do estado da **instrução individual** (R. E. C. C., 1.^a P., 1.^o V.).

4 — O “tempo médio”, isto é, o “plano de distribuição das horas”, tempo consagrado aos diversos ramos da instrução deve também ter em vista os “objetivos” a atingir nas “fases intermediárias”, por isso tal plano deve igualmente ser traçado pelo cmt. R., que leva em conta, que, embora todos os assuntos da instrução sejam indispensáveis à formação do cavaleiro, portanto devam ser ensinados com igual cuidado, entretanto, há que considerar, evidentemente, que os diversos ramos não possuem todos o mesmo desenvolvimento, não reclamam o mesmo tempo: donde a evidência de que um dos aspectos fundamentais do problema da execução da instrução é a dosagem equitativa, aproximadamente, do “tempo médio”, consagrado a cada ramo.

Daí o cmt. R. organizar o plano de distribuição do “tempo médio”, consagrado à instrução dentro do horário regimental, a-fim de que os cmt. Esq. em seus sucessivos “planos semanais” de trabalho por seu turno distribuam o tempo da tal maneira que os diferentes ramos da instrução, no fim de cada fase intermediária, tenham utilizado o número de horas determinado pelo coronel.

Nas páginas 247, 263, 278 e 292 do nosso trabalho — “A instrução na cavalaria” encontrarão os leitores exemplos da “distribuição das horas” pelos diversos ramos da instrução nas diferentes fases e fases intermediárias. Trata-se, como se vê, de assunto delicado, que somente o conhecimento profundo da matéria, aliada à prática, à experiência, e propósito de executar, poderá “graduar”, “dosar” com acerto.

5 — Plano semanal de trabalho do cap. (exemplo).

— Conhecidos os diversos “objetivos” a atingir nas diferentes “fases intermediárias” designadas pelo Cel., e os respectivos “assuntos” a serem ministrados, para atingir a esses objetivos por ordem de urgência e importância, (seleção e seriação da matéria); o plano de distribuição do “tempo médio” consagrado aos diversos ramos da instrução dentro do horário regimental; os “fatores” gerais e locais de cada corpo que influirão durante a semana; nada mais restará

para a organização dêsse plano, senão uma bôa apresentação do trabalho — **distribuição dos tempos e dos assuntos.**

6 — Escolhemos propositadamente a 10.^a semana, porque pôde o cap., por exemplo, querer nessa semana fazer uma **“verificação”**, sem plano especial, mencionando apenas no respectivo “plano semanal” corrente as “sessões” em que, em vez de matéria nova, terá lugar a **“verificação”** do ponto atingido.

7 — Notas gerais sobre o modelo do “plano semanal”

a) — Nada de “cercear um pouco” a liberdade do Ten. na confecção de suas “sessões de instrução”; ao contrário, deve ser dada a êle plena liberdade, tanto na escolha do **“local”** em que vai se desenrolar o exercício, como no preparo **“inteletual”** e **“material”** da mesma. (R. E. C. C. art. 130).

A não ser nos locais que tocarem ao Esq. discriminados pelo Regimento, (como sejam, picadeiro, linha de tiro, etc. que exijam dias e horas determinadas), os outros, tanto quanto possível devem ficar à escolha do oficial que organiza a “sessão”, tendo êle o necessário cuidado de mencioná-lo a-fim de que o cap. tome conhecimento por ocasião da aprovação prévia do referido documento.

Muito mais vasta, mais ampla que essa questão da escolha de locais, é a do campo de liberdade do Ten. na organização de sua “sessão”, a respeito da **distribuição e seriação dos assuntos**, que o cap. se cingiu a prescrever em blóco. Ai tem o Ten. que queimar as pestanas: pensar para “dosar” o assunto, organizar enfim um trabalho exequível, eficiente.

b) — O nosso **“modelo”** de **“plano semanal”** é organizado em duas partes: a 1.^a sob a fôrma de **“quadro”** ou **“tabela”**, riscada, com sub-divisões horizontais e verticais, para os dias, horas, natureza da instrução com **“observações”** no pé; a 2.^a, sob a fôrma de **“sumário”**, dedicada pormenorizadamente ao **“desenvolvimento dos assuntos”** da semana.

Tal solução ou artifício permite aliviar a 1.^a parte, torná-la mais **sinótica**, e ao mesmo tempo, apresentar na mesma em cada ramo da instrução o conjunto da tarefa da semana.

Acresce ainda em favor de nossa solução a vantagem econômica: não é fácil e barato obter fôlhas de papel bastante grandes para comportarem todo o "**plano**" sob a forma de "**quadro**" ou "**tabela**", não só com a distribuição dos dias, horas e assuntos, mas também com a discriminação destes.

A não ser que o "**plano**" apresentado numa fôlha única, em forma de "**quadro**", prejudique os requisitos que deve preencher, notadamente, se cinja a indicações muito genéricas a respeito das matérias.

c) — No "**desenvolvimento dos assuntos**" encontrará o Ten. a matéria da semana indicada pormenorizadamente, cabendo a elle, portanto, "**regulá-la**" de acôrdo com o "**horário**" estabelecido na 1.^a Parte do "**Plano Semanal**", de maneira a esgotar o assunto determinado para a semana.

Caso isso não se verifique, pelo seu registro, no livro do Esq. (da instrução realmente dada), o cap. declara os seus futuros "**planos**".

Como vemos, no "**Plano semanal**" de trabalho do cap. não se fala em "**sessão**" de instrução, pois cada ramo da instrução consignado no "**plano**" comporta, durante a semana, várias "**Sessões**", conforme o número de vezes que deve ser ministrado.

d) — Como anexo da 2.^a Parte do "**Plano semanal**" deve figurar sempre a "**previsão**" para o caso do mau tempo. Consoante o R. E. C. C. 1.^a P., 1.^o V., art. 138, basta que essa "**previsão**" considere uma jornada de mau tempo.

E' intuitivo que se esta entrar em ação, imediatamente o cap. formulará previsão para nova jornada.

Subentende-se que tal jornada para mau tempo é posta em aplicação pelo instrutor, sem mais consulta, e que só se justifica se o mau tempo impedir a realização do que estava no "**plano**".

e) — Se bem que o novo R. E. C. C., baseado no R. I. Q. T. (art. 29), tenha modificado a **divisão geral da instrução em ramos**, subordinando-a à divisão adotada para a **infantaria**, é irrefragável que na **cavalaria**, as linhas gerais da instrução continuam a ser — **a cavalo, a pé**; subdividindo-se cada uma delas em **técnica e tática**.

A divisão que adotamos, a-pesar de divergir da orientação do novo regulamento de cavalaria, entretanto, não a contraria, pois, aqui, se aplica a regra aritmética — a ordem das parcelas, não altera a soma — tanto vale dizer que será ministrada a **instrução técnica a cavalo**, como ensinada a **instrução a cavalo técnica**, dá no mesmo — **escola do cavaleiro a cavalo**.

O que é preciso é que não se mudem nos regulamentos, nomes e divisões já consagradas, que fazem parte dos “reflexos” dos instrutores e monitores, só pelo prazer de escrever cousas fingindo novas e que na realidade nada adeantam, mas acarretam o grande inconveniente de terem de ser novamente apreendidas e passarem novamente a “reflexo” dos quadros subalternos.

(Ver em nosso livro a nota no pé da pag. 23).

Demais, a inovação em causa positivamente não representa melhora, não resiste a um exame sob orientação elevada. E' princípio comesinho em matéria de classificações e organizações caminhar do geral para o particular.

Para abranger numa mesma chave, conforme mandamento científico, coisas de **arma a pé e arma montada**, pode alguém duvidar quais sejam as mais gerais? **A arma a pé** é um caso particular da **arma montada**. Esta é suscetível de funcionar a pé, tanto quanto a outra, ao passo que a infantaria é uma particularização, não pôde funcionar a cavalo. Portanto a divisão geral para a instrução é: a cavalo e a pé. Cada uma dessas divisões é que comporta a sub-divisão: **instrução técnica** (constituição, manêjo, funcionamento do instrumento) e **instrução tática** (emprego do instrumento).

f) — As “observações” no pé de cada “plano” sempre oportunas, pois, por ali o Cap. porá o Ten. m par da realidade de sua execução, tendo em vista os res” que condicionam a execução da instrução na semana.

Certo número de “observações” têm caráter permanente e por isso não precisam ser repetidas tôdas as semanas seu programa de período ou no correspondente 1.º “Plano” de trabalho, o Cap. as especifica, com a menção que até nova ordem têm êsse caráter permanente.

Muitas delas figuram nas “observações” do **H Regimento** (por exemplo: 1 — Os tempos de instrução compreendem 10 minutos de intervalo entre uma e outra. — O picadeiro do Regimento está à disposição do Esquadra, tais horas...; 3 — Nas quartas-feiras, no início do tempo, será alternado, uma semana para limpeza de equipamento, a outra de arreio e equipamento; o resto do 2.º tempo será sempre consagrado a limpeza de...; 4 — No 2.º e no 4.º sábado de cada mês, os cmt. Esq. procederão a uma revista geral do material, respectivamente...; 5 — Os hinos serão cantados... e as canções militares... 6 (ver em nosso livro “Observações ao Horário Regimento” pag. 111).

g) — A instrução física é determinada pelo horário da R. e dela será encarregado o oficial regimental de educação física.

Por ocasião do inverno, nos corpos da 3.ª R. M., somente a instrução física é dada no 2.º tempo, para prevenir pneumonias, o mesmo sucedendo a certos exercícios no inverno; como se vê, porém, é tudo questão de horário e não de mais.

h) — No trabalho por oficinas, não havendo hora fixa para juntar em rodizio tôdas as oficinas pertencentes à “escola do cavaleiro a pé”, as quais são às vezes com-

das por várias seções e sub-seções, não há inconveniente em que trabalhe uma oficina em determinada hora e a outra em hora diferente — é o caso da 1.^a oficina que pôde muito bem ser dada em um tempo qualquer, sem precisar haver rodízio com a 2.^a oficina — pois ambas comportam rodízio entre as suas “seções” e “sub-seções”.

A menção de “oficinas” neste plano semanal reporta-se ao nosso livro pag. 204, e o respectivo trabalho é uma adaptação nossa.

i) — O conjunto da tarefa da instrução apresentado na semana e consignada na 1.^a parte do “Plano semanal”, é variável segundo a estação, o “horário” e o “tempo médio”, determinados pelo Cmt. R. E' necessário que os assuntos se sucedam segundo a natureza da instrução. No nosso exemplo, previmos, “Instrução física”, nas quartas e sábados pela manhã no fim do 1.^o tempo, nos demais dias à tarde, porque o Cmt. R. assim determinou (levando em conta o inverno, e que duas vezes por semana, na parte da manhã, serão para jogos desportivos), não havendo portanto inconveniente que antes dessa instrução seja dada uma instrução a cavalo.

j) — Pedem atenção as “observações” publicadas à pag. 235 do nosso livro, referentes à *divisão do ensino em diversos ramos*; notadamente cabe considerar que a denominação de “Serviço em campanha a pé — Instrução Especial” é racional: é que os assuntos nela compreendidos são executados a pé e alguns deles semelhantes aos da infantaria. Portanto a diferença de designação se impõe, em vista de existir na cavalaria, peculiar à arma, a “Instrução de Serviço em campanha — a cavalo”.

k) — Para os Esq. Cavalaria o “Plano” será semelhante necessariamente adaptado.

INSTRUÇÃO DE RECRUT.

1.939 { 1.^o período
1.^a fase
2.^a fase intermediária
10.^a semana (de 10 de Julho a 15)

Reg. JOÃO PRO

9.^o R. C. I.

Esq. MTRS.

PLANO semanal de distribuição de tempo e dos assentos bem como de outros

1.^a PARTE - HORÁRIO:

DIAS	7,30 ds 8,30	8,30 ds 9,30	9,30 ds 10,30	10,00 10,30	10,30 ds 11,30	11,30 ds 12,30	12,30 ds 13,30	13,30 ds 14,30	14,30 ds 15,30	15,30 ds 16,30
10 2. ^a Feira	Esco'a do condutor e escola da peça a cavalo; ordem unida e dispersa. (Revista)		Serviço em campanha a cavalo		LIMPEZA DA CAVALHADA (*) Das 13,00 às 13,30 - Revista da cavalaria parada pela 1. ^a Seção	Utilização das armas e engenhos de com- bate			INSTRUÇÃO FÍSICA	
11 3. ^a Feira	Esco'a do Cavaleiro a cavalo (picadeiro)	Instrução para o com- bate (O soldado no combate) (Revista)		Escola do cavaleiro a pé mov. s/ e c/ arma. (Revista)		Instrução Geral				
12 4. ^a Feira (*)	Escola do Cavaleiro a cavalo (retângulo) (Revista)	Serviço em campanha a cavalo	Instrução física	Limpeza do armamento		Limpeza geral do alojamento, reservas e arrecada- ções	Reparo uniforme e lavagem de roupas			
13 5. ^a Feira	Utilização das armas e engenhos de combate. (Revista)			Instr. a pé ex. ciclos preparató- rios para o combate (Revista)		Serviço em campanha a pé-Instrução especial.		INSTRUÇÃO FÍSICA		
14 6. ^a Feira	Escola da peça a pé:- Ordem unida e exercí- cios preparatórios para o combate		Serviço em Campanha a pé-Instru- ção especial. (Revista)	Escola do cavaleiro a pé. mov. s/ e c/ arma.		Instrução moral e cívica				
15 Sáb- do	Escola de cavaleiro a cavalo (exterior)	Serviço em campanha a cavalo (Revista)	Instrução física	Revista de fardamento						

- OBSERVAÇÕES :
- 1.^a) — Ver a 2.^a Parte o Desenvolvimento dos, e seu anexo: jornada para o campo, tempo,
 - 2.^a) — Esta semana o Cmt. Esq. fará uma visita da instrução, sem plano especial (Revista) ao aproveitamento das observações pelo cmt. Regimento em sua "verificação".
 - 3.^a) — Para a revista de fardamento as praças ficarão formadas junto ao pé da cama, em de ginástica, o restante do fardamento sobre a cama.
Entrará na revista a 2.^a muda de roupa

2.^a PARTE**DESENVOLVIMENTO DOS ASSUNTOS DA 10.^a SEMANA****FORMAÇÃO DO CAVALEIRO****INSTRUÇÃO COMUM A TODOS OS CAVALEIROS**
(principalmente aos cavaleiros de fileira)**I — INSTRUÇÃO A CAVALO****A) — TÉCNICA:****a) Individual: — 1. Escola do cavaleiro a cavalo.****Local:** exterior, retângulo e picadeiro.**Instrutor:** Cmts. de Seq.**Monitor:** Sargento e Cabos das Seqs.**Assunto:** 1 **Aquisição da confiança:** volteio (trote, galope), como complemento.**2. Colocação na sela:**

Aquisição do assento (dar ao cavaleiro fixidez, flexibilidade e desembaraço). Sentido; posição do cavaleiro a cavalo; trabalho sem estribos (tôdas as andaduras): flexionamentos, movimentos dos braços, flexionamentos dos rins, movimentos das coxas, flexão das pernas, rotação dos pés; trabalho a galope em círculo; ginástica de salto.

3. Escola das ajudas: — Confirmar o cavaleiro nas ações das pernas e rédeas em tôdas as andaduras.

— Mudança de andadura ou de velocidade; mecanismo das ajudas (redeia direta, pernas ativas); aplicações: ensinar as noções da redeia direta e de pernas (passo, trote e galope): mudança de direção: mecanismo das ajudas, redeia de abertura, redeia de apôio, ação da perna: aplicações: ensinar as ações de redeia de apôio, (volta larga) passo, trote e galope em círculo.

Trabalhos com distâncias determinadas e trabalhos com distâncias indeterminadas. Exercícios de governo do cavalo: mudança de mão, mudança de pista, cortar o picadeiro; volta. Trabalho em escola. Trabalho com freio (modo de segurar, manejar as redeas). Linha quebrada; frente à direita (ou esquerda); meia volta à direita (ou à esquerda).

4. **Aplicação da escola das ajudas:** Preparar o cavaleiro para aplicar as ajudas no desempenho de suas funções a cavalo.

— Trabalho à vontade: marchar sobre pontos de direção afastados: mudança de direção e andadura, sair da fileira, trabalho em grandes linhas; trabalhos em quincênio.

5. **Trabalho com armas:** Espada e lança, manêjo (completo)).
Utilização: contra alvos.

2 — Escola de Condutor (de cargueiro)

— Conhecimento do arreiamento do cargueiro e de sua conservação; ensilhar e reajustar o arreiamento; carregar e descarregar o material no cargueiro, conduzir o cargueiro em qualquer andadura em terreno variado de dificuldades médias.

- b) **coletiva: Escola da peça:**

1. **Ordem unida:** (em qualquer andadura) (Coluna por 3, por 2 e por 1); Alinhamento pelo centro, direita e esquerda; em batalha: abrir e unir fileira, recuar em linha e em uma fileira. Montar e apeiar nas diferentes formações, marchas e evoluções: trote e galope; mudança de direção (passo, trote e galope) à direita e à esquerda, meia-volta à direita (esquerda) nas diferentes formações e andaduras.

2. **Ordem dispersa:** (passo e trote).

— dispersão; por cargueiros em profundidade (coluna de cargueiros) e em largura (linha de cargueiro) dispersão em forrageadores (meia-volta individual).

B) — TÁTICA: Serviço em campanha — Instrução elementar.**a) Individual:****Local:****Instrutor:** Cmts. de Seq.**Monitor:** Sargento e Cabos das Seqs.**Assunto:**

Exercícios de adestramento do cavaleiro nas missões individuais de vedeta — visando a observação em estação; explorador — visando a observação em marcha.

II — INSTRUÇÃO A PE'**A) — TÉCNICA:****a) Individual: 1. Escola do cavaleiro a pé.****Local:****Instrutor:** Cmts. de Seq.**Monitor:** Sargento e Cabos das Seqs.**Assunto:** Trabalho por oficina (Rodízio).**1.ª OFICINA****Movimentos: Sem e com arma (executados com correção)****1.ª Seção — Movimentos sem arma.**

Em forma; fora de forma; sentido, descansar, à vontade, marchas; passo ordinário, trocar passo; alto; marcar passo; acelerado; voltas à direita (esquerda); meia volta (parado e em marcha) olhar à direita, (esquerda em frente); ajoelhar e deitar. Marche-marche, passo sem cadência, passo de estrada, passo ginástico.

2.ª Seção — Movimentos com arma (manêjo d'armas)**2.ª Sub-Seção — Manêjo do mosquetão.**

Sentido, ombro, descansar e apresentar armas; armar e desarmar baioneta; ensarilhar armas; marchar com e sem arma (ver movimentos s| arma, arma em bandoleira e a tiracolo).

2.^a OFICINA

Utilização das armas e engenhos de combate.

1.^a Seção — Utilização das armas brancas.

2.^a Sub-seção — Emprêgo ou uso da baioneta: guilhotina, passos, pontas, parada e pancadas.

2.^a Seção — Utilização das armas de fogo

1.^a Sub-Seção — Emprêgo ou uso do mosquetão:

1. **Instrução técnica do armamento** (conhecimento da arma) — nomenclatura, desmontagem e montagem, incluindo o automatismo; funcionamento sumário, intervalos de tiro, cuidados e conservação; munição empregada.

2. **Instrução de tiro:** Tiros de instrução: Tiro real à distância reduzida (tiros de grupamento-precisão) exercício n.º 1; Tiro ao alvo (justeza) exercício n.º 3.

2.^a Sub-Seção — Emprêgo ou uso da Metralhadora: mesmo que na instrução técnica do mosquetão mas com a

Exercícios preparatórios e de flexibilidade.

Exercícios de alimentação, carregamento e descarregamento.

Atirar sem desfazer a pontaria.

Alimentação carregada — carregamento e descarregamento.

— tiro independente
— tiros jadas
— regimento
tiro
— gênero
ro.

Inspeção das armas (visando o automatismo).

Instrução especial do municionador.

Instrução de tiro: (O mesmo que para o mosquetão (ver Reg. n.º 10).

Morteiro: Nomenclatura; montagem e desmontagem; cuidados e conservação; munição empregada; cuidados com seu acondicionamento e transporte.

3.^a Seção — Utilização dos engenhos de combate.

1.^a Sub-Seção — Emprêgo ou uso das granadas (de mão).

1. **Conhecimento do engenho:** diferença entre os diversos tipos; nomenclatura sumária, conhecimento sumário da espoleta.
2. **Instrução técnica do atirador:** Exercícios preparatórios e de flexibilidade. Exercícios de lançamento da granada descarregada, com rapidez, alcance e precisão.

2.^a Sub-Seção — Emprêgo ou uso da máscara contra gases: colocar e ajustar a máscara, retirar a máscara; marchar com a máscara.

TELÊMETRO: — Nomenclatura geral do telêmetro, cuidados com o instrumento para conservação e transporte, montagem no tripé, nas diferentes posições, regulação da ocular.

b). Coletiva — Escola da peça:

1. **Ordem unida:** Reunião; coluna por 3, por 1, em uma fileira, em batalha, alinhamento; marchas e evoluções.
2. **Exercícios preparatórios para o combate:**
— Coluna por um, por um desenvolvida, em atiradores. Preparar para o combate, em posição, mudança de objetivo, mudança de posição (visando o automatismo nas funções).

B) — TÁTICA — 1. Serviço em campanha. Instrução especial.

a) Individual:

Local:

Instrutor: Cmts. de Seção.

Monitor: Sargento e Cabos das Seções.

Assunto:

1. **Organização do terreno:** manêjo da ferramenta — execução das posições de tiro ao ar livre (abrigo individual).

Execução das trincheiras (paralelas e normais); das posições de tiro e das comunicações enterradas.

2. **Destruições: Emprêgo dos explosivos:**

— Noções sobre os explosivos: a milinite e a chedite.

2. **Instrução para o combate**

a) **Individual — O soldado no combate.**

Local:

Instrutor: Cmts. da Seq.

Monitor: Sargento e Cabos das Seqs.

Assunto: Missões individuais: Vedeta e esclarecedor

III — INSTRUÇÃO FÍSICA

A cargo do Regimento.

IV — INSTRUÇÃO GERAL

Local:

Instrutor: Cmts. de Seq.

Monitor: Sargento e Cabos das Seqs..

Assunto: Transgressões disciplinares (R.D.E. 12 e 13)
justificações, agravantes e atenuantes (R. D. E. 16)

V — INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA

Assunto: Geografia física do Brasil (limites, Estados, Capitais) superfície e população.

VI — INSTRUÇÃO DOS ANALFABETOS

Local: Alojamento.

Instrutor: Ten. Rui.

Monitor: Sgt. Oscar e Cabo Amraym.

Quartel em São Gabriel, 14 de Julho de 19

João de Deus Menna Barreto
Cap. Cmt. Esq.

JORNADA DE MAU TEMPO PARA A 10.^a SEMANA
(1.º tempo — Das 7,30 às 10,30)

II — INSTRUÇÃO A PE'

A) — TÉCNICA.

- a) **Individual:** 1. **Escola do cavaleiro a pé.**
Local: Sob tecto.
Instrutor: Cmts. de Sec.
Monitor: Sargento e Cabos da Sec.
Assunto: Trabalho por oficinas (Rodizio)

2.^a OFICINA

Utilização das armas e engenhos de combate.

2.^a Seção — Utilização das armas de fogo

1.^a Sub-seç — Emprego ou uso do mosquetão:

1. **Instrução técnica do armamento** (conhecimento da arma) — Propriedades balísticas, noções indispensáveis ao emprego da arma.
2. **Sub-Sec. — Emprego ou uso da metralhadora:** O mesmo que na instrução técnica do mosquetão mais — disposição para transportar, material de transporte, acessórios, material auxiliar.
Morteiro: ensino sobre a maneira de executar o tiro.
- 3.^a **Seção — Utilização dos engenhos de combate**
- 1.^a **Sub-Sec. Emprego ou uso das granadas (de mão).**

1. **Instrução técnica do atirador — escorvamento.**
- 2.^a **Sub-seção — Emprego ou uso da máscara contra gases:** nomenclatura e conservação.
Telêmetro: — Características de seu emprego na observação e medição de distâncias.

(2.º Tempo — Das 13,30 ás 16,30)

B) — TÁTICA: 1. Serviço em campanha. Instrução especial.

a) Individual:

Local: sob teto.

Instrutor: Cmts. de Sec.

Monitor: Sargento e Cabos das Sec.

Assunto:

1. Organização do terreno: — nomenclatura geral da ferra-
menta de sapa portatil do Esq.
2. Destruições: Emprêgo dos explosivos: — artificios piro-
técnicos: estopim.

IV — INSTRUÇÃO GERAL

Local: Sob teto.

Instrutor: Cmts. de Se.

Monitor: Sargento e cabos das Seções.

Assunto: Penas disciplinares (R. D. E., 18.º, 36.º, 37.º).

V — INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA

Assunto: Principais datas nacionais.

VI — INSTRUÇÃO DOS ANALFABETOS

(Ver horário no "Plano" anexo)

Nota — O instrutor recorrerá também a esse plano caso sobrevenha o mau tempo no meio de uma jornada normal. E então desenvolverá o que o tempo restante permitir.

Cap. Menna Barreto

Cmt. Esq.

PROGRAMA ÚNICO

Pelo Cap. A. C. Moniz de Aragão

I — Abordo este assunto impellido por um dever. Antigo instrutor da **Escola de Armas**, Curso de Cavalaria e Escola Militar, cabe-me uma parcela de responsabilidade nos ensinamentos ali ministrados.

Aos Cadetes, cuja formação pedagógica tive a ventura de iniciar. Aos distintos camaradas aos quais tive a honra de instruir, devo as explicações, que se seguem. São reforços aos princípios, que então espousei.

II — Todo trabalho, todo debate deve ser realizado com método. Segundo uma orientação ordenada e lógica. Só assim, a verdade refulgirá.

Orientarei a investigação metódicamente.

A — QUE VERDADE PROCURO ? QUE DESEJO SABER ?

— Deve existir um “programa único” de instrução para as unidades da mesma Arma ?

B — ANALISE:

a — O programa de instrução:

1 — Programa é a ordem de execução, correspondente a um plano de ação, (no. 90 do R. I. Q. T.), pre-estabelecido.

Na sua organização, o Chefe tem o dever de considerar inúmeros fatores. As influências que as diversas causas exercem ou poderão exercer sobre o problema em solução.

A "manobra" da instrução deve ser flexível. Capaz de evoluir de acôrdo com as ações transeuntes, que se fizerem sentir, após o seu início. "Deve prever longe e ser comandada perto".

E' o motivo, devido ao qual, os programas regimentais são estabelecidos por períodos, (n.º 90 do R. I. Q. T. e n.º 13 da I Parte do R. E. C. C.).

1.ª Conclusão: O programa deve ser flexível. Adaptável a condições de um dado momento.

2 — A mecânica ensina, que, em um sistema de forças é bastante que uma das componentes se altere, em intensidade, direção, sentido ou ponto de aplicação, para que o resultante se modifique. Um novo movimento é engendrado. Novas reações surgem.

A matemática é positiva. E' lógica.

No campo das atividades humanas, no campo sociológico, tudo evolue com mais complexidade. Segundo leis invariáveis, contraditórias às vezes.

Um grupamento de instrução é um sistema humano. É um grupo social, cujo comportamento, como tal, é inconstante. Sobre ele atuam influências as mais variáveis. Cênicas. Históricas. Sociais. Econômicas. Políticas. Étnicas. Psíquicas. Religiosas.

Estas ações devem ser estudadas com cuidado. Metódicamente medidas. As suas consequências previstas.

De fato, se compararmos alguns programas de unidades da 1.ª R. M., notaremos a amplitude que a Instrução Militar adquiriu, após o movimento comunista de 1935. Observemos, também, a preocupação em desenvolver, principalmente nos quadros, o hábito da economia. Lógica reação contra as consignações em folha.

2.ª Conclusão: Os planos de instrução devem variar, no tempo e no espaço, de acôrdo, com os influxos e a reação sobre o instruendo, (homem), e sobre o grupo a que pertence.

3 — Outras causas de ordem material determinam as variações. Modificações têm que ser introduzidas constantemente.

mente nos programas. Modificações de conteúdo. Alterações de fôrma.

O ano de instrução de 1940, na 3.^a R. M., foi de 9 meses. O primeiro período durou 19 semanas. Por certo, todos os programas do ano anterior foram desprezados. Novos foram elaborados.

Os quadros do 1.^o R. C. D. estão completos. Todos os capitães possuem o curso da E. A.. Em Santiago, os comandantes de esquadrão são segundos tenentes. Alguns sem curso, (comissionados). O comando dos pelotões é exercido por sargentos.

Não é possível adotar um só programa para os dois Regimentos. Em um, o **Chefe** tem o dever de descer a grandes minúcias. Baixar à altura dos subordinados, que possui. Fazer dois degraus, em lugar de um.

Entretanto, se assim proceder no outro, comete grave erro. Fere a doutrina basilar da nossa instituição. Tolhe iniciativas. Anula a imaginação. Arranha a disciplina. Impõe "esquemas".

3.^a **Conclusão** Sãbiamente, o R. I. Q. T. apregôa: "Os programas de instrução, qualquer que seja o escalão a que se destinem, não poderão obedecer a modelos rígidos".

"Nem sempre podem ser exatamente iguais em guarnições diferentes e, até mesmo em corpos da mesma guarnição".

4— Formulemos uma hipótese de trabalho. Útil, mesmo extremamente, pelo absurdo que encerra.

Suponhamos que todos os fatores, que devem ser considerados na elaboração de um plano de instrução, se tornem constantes. Imutáveis. Permanentes.

— Que resultaria ?

— Um programa único, dirão.

Por certo, quem assim afirma, não ponderou. Não analisou suficientemente a questão. Detalhada e minuciosamente.

Esqueceu-se de um elemento, que jámais será constante. Que só aqueles, que de fato instruíram e viram instruir, per-

cebem em tôda a intensidade. "E' o valor do **Chefe**". O seu caráter. O seu temperamento.

Aquele, que estabelece um plano de ação, sempre o faz a seu modo. De acôrdo com o sentir próprio. Pesando as condições e virtudes.

Aquele, que deseja atingir um alvo. Que quer alcançá-lo, a todo custo, com entusiasmo e ardente fé, concebe e elabora o projeto para agir, em perfeita harmonia com o seu intuito próprio.

Um programa não vale pelo conteúdo. E' um erro cumprir evitar. Tem preço, devido a concordância que guarda com o temperamento de quem o realiza. Devido a coerência que conserva com o caráter do **Chefe**; que lhe dá vida e alfo fazendo-o executar.

"Precisamos proclamar bem alto, que nenhuma fórmula existente, que seja suscetível de proporcionar, em qualquer campo de ação, a vitória, dispensando-nos de meditação e raciocinar, **de introduzir-lhe alguma coisa de nós mesmos**".

"E' preciso que o chefe, qualquer que seja o escalão, habitui a imprimir em todos os seus atos a **marca de sua personalidade**".

O comandante de regimento é o instrutor por excelência. No campo profissional. No campo moral.

No exercício destas atribuições, encontra a mais prerrogativa. O mais belo dos deveres de um **Chefe**. Exerce influência profunda sôbre os caracteres dos subordinados. Cria individualidades ou cristaliza-as.

Cabe-lhe inteira, absoluta, irrestrita responsabilidade sôbre o valor moral, técnico e tático da unidade que comanda.

Por isso, aquele, que adota um plano de ação alheio. Que adapta concepções de outrem. Que procura soluções "esquemas", fere a **doutrina**.

Esta preconiza o culto da personalidade. O método da iniciativa. O hábito do raciocínio. O costume da meditação.

Concebendo, organizando e executando os planos de instrução, o **Chefe** cultiva essas qualidades. Desenvolve-as. Flexiona-as. Aperfeiçoa-as.

Ganha tempo

Todos os regulamentos estão prenhes desta idéia. Ordenam esta orientação. E' um princípio básico, fundamental.

Por isto, o R. I. Q. T. confere ao comandante do corpo, dentro dos limites regulamentares e das diretrizes superiores, "completa iniciativa para organizar, dirigir e fiscalizar a instrução".

Se outra fosse a **doutrina**. Se outro fosse o ponto de vista do E. M. E., naturalmente que a ação do **Chefe** seria restringida.

Se o Alto Comando desejasse criar "programas — padrão", para confeccioná-los, nomeiaria comissões. Seriam constituídas com elementos de real valor e reconhecida capacidade.

E, os regulamentos das armas trariam, em anexos, os "modelos" a serem obedecidos.

Distintos oficiais têm publicado programas de instrução. Em geral, são alvo de grande procura.

De um lado, os verdadeiros **Chefes** buscam, neles, novos ensinamentos. Frutos da experiência de um mestre, servirão de degráu para avançar mais alto.

Não há, nisto, adaptação ! Não há plágio ! Há vontade de progresso ! Há aceitação e não, imposição.

E' o valor do livro que se faz sentir. E' a máquina de Gutenbergue distribuindo conhecimentos. Permitindo que os esforços, alhures desenvolvidos, sejam aproveitados para novas conquistas.

Cada um fará, dos conhecimentos hauridos, aplicação que mais convier à sua personalidade.

De outro extremo, são os comodistas e os incapazes. Buscam dissimular a impotência, a desconfiança, na sombra dos trabalhos por outros realizados.

Copiando ou compilando, pensam que fazem o de Enganam-se ! Esquecem que a vitória reside na vontade. Em saber querer ! A firme determinação não é transmitida em resmas de papel. Ao contrário, é pessoal, intransmissível. E' a essência do próprio sêr !

Aqueles, que assim procedem, jamais terão uma personalidade distinta. Serão sempre anônimos, plásticos.

4.^a **Conclusão:** O chefe tem o dever de conceber e elaborar o seu programa de instrução. Em tese, o número de programas deve ser igual ao de chefes.

C — SÍNTESE:

1 — Os programas de instrução:

- devem ser flexíveis;
- variam no tempo e no espaço;
- não obedecem a modelos rígidos;
- não podem ser iguais;
- devem ser em número igual ao de chefes e cada um possui uma personalidade distinta.

2 — Feito isto, resta fixar o sentido exato de "único".

Se "único" quer dizer:

- o que é flexível;
- o que é variável;
- o que é mutável;
- o que é transformável;
- o que evolui;
- o que goza da propriedade de ser, concomitantemente, homogêneo e heterogêneo;
- o que possui muitos semelhantes,

a discussão está finda. Dou a mão à palmatória. Termina o partidário do programa "único".

Entretanto, se significa o que está nos dicionários

- o que é só no gênero;
- o que não tem igual a si;
- o que não possui semelhante;
- o que é singular;

- o que é impar;
- o que não tem par,

o caso muda de aspecto. **"O programa único"** não existe. Não é programa! Não é desígnio! Não é projeto! Não é plano de ação.

E' "esquema"! E' "standardização"! E' confundir o homem e a máquina! E' o esquecimento da vida! E' a negação da alma!

A padronização é nociva. Abafa a personalidade. Anula a iniciativa. Estiola a meditação.

O "Programa Único" não póde e não deve existir.

III — Aproveitando a inércia do entusiasmo, continuo:

— Exercemos os nossos deveres intensamente! Em toda plenitude!

— Não abdiquemos das nossas prerrogativas!

— Esqueçamos as conveniências do momento e cultivemos a nossa personalidade!

— Lembremos sempre a palavra do mestre: "No **Chefe** encontrareis a causa dos grandes sucessos e dos grandes desastres. Os revéses são oriundos, ora de uma escolha mal feita, ora de um comando exercido por uma **coletividade anônima**. Em qualquer caso, são devidos à ausência de um **CHEFE** digno dêsse nome".

Só assim, no momento da crise, estaremos em condições de exercer, **COMO CHEFE**, as funções do nosso posto!

Não basta saber morrer!

Com efeito, Senhores, quando se sabe "o que se quer fazer" — missão a cumprir, — quando se avaliou "o que se pode fazer o inimigo para impedir a realização de nossa vontade, "quando se utilizaram e repartiram os meios necessários para realizar essa vontade a despeito do inimigo", quando os termos de raciocínio nem excluem as iniciativas nem quecem a "diversidade de processos, variáveis com os costumes, os climas e o terreno", — que importa se a infantaria desloca a 4, 40 ou 400 kms. por hora se o motor são as pernas os autos ou o avião? Que importa se os canhões atiram se obuzes a 6, 20 ou a centenas de kms. quando lançados por aviões? que importa se, rompida a frente inimiga, a desarticulação de seus sistemas de forças se processa sobre 8 ou 10 kms. de profundidade, ou a dezenas e centenas de kms., se dispõe de unidades mecanizadas para tanto? Se a infantaria que ataca é apoiada pelo canhão, ou se são as bombas de avião que apoiam o avanço dos carros?

Não entram êsses dados, e outros, nos termos do raciocínio quando se procura definir uma situação, as possibilidades de ação próprias e as do adversário?

O que importa, e isto sim, é ESSENCIAL, é não menosprezar, ou desconhecer, tais possibilidades de ação do adversário, nem ir à guerra com uma inferioridade original de meios ou de organização, porque êsses são dois caminhos certos para a derrota.

Mas, é preciso acentuar, a máquina, por si só, nada apresenta se a instrução e o moral do homem, do soldado. Comando em Chefe, não lhes permitir tirar dela tudo quanto é suscetível de produzir. Há exemplos na História de que o valor dos quadros e da tropa pode, em certos termos, suprir uma deficiência de material; jamais, porem, a abundância deste supriu a insuficiência do comando.

CEL. RENATO BAPTISTA NUNES

INSTRUÇÃO NA CAVALARIA

As Sessões de Instrução

Pelo 1.º Ten.

MARIO DE CASTRO PINTO

Eis um assunto demasiadamente batido, e que me proponho, mais uma vez, a tratar, estribando-me no trabalho publicado em "A Defesa Nacional" (n.º 319, de dezembro de 1940) do Capitão Enio Garcia, instrutor da E. A..

Diz o nosso R. E. C. C. em seu artigo n.º 58 (1.ª Parte — 1.º volume) :

"Os ensinamentos que deverão ser dados em cada sessão figuram no Quadro de Trabalho do Esquadrão. Todo instrutor traz consigo um programa escrito da Sessão que vai ministrar. Tal programa, organizado com a antecedência suficiente permite-lhe rever os textos que se referem ao exercício visado. Contém breves indicações sobre os resultados que deverão ser alcançados, as faltas que deverão ser evitadas e os pontos sobre que há necessidade de uma insistência particular".

Logo que iniciei minhas funções de instrutor, preparávamos as Sessões de Instrução de acôrdo com os modelos preconizados pelo Comandante Colin e que foram tão bem ex-

postas pelo então 1.º Tenente Enio Garcia, na revista "Cavalaria", em seu número de junho de 1934.

Mais tarde, juntamente com os companheiros do 1.º R. C. D., começamos a adotar um modelo impresso, utilizado no 7.º R. C. I. e que nos foi dado a conhecer por um camarada que lá serviu. Achava-o ótimo, porquanto seu tipo permitia utilizarmos um papel impresso, poupando-nos assim considerável tempo.

A prática porem demonstrou que este tipo apresentava ainda um grande inconveniente; para cada Sessão prevista no Quadro Semanal de Trabalho, era preciso organizar isoladamente uma Sessão de Instrução.

Normalmente, o Quadro de Trabalho, previa diariamente 4 a 5 Sessões, de modo que, lá ia o Tenente para a instrução com 4, 5 folhas de papel no bolso, tendo perdido na véspera em escrevê-las, tempo considerável. Este mal era agravado quando o Tenente alem de seu Pelotão era ainda instrutor de um C. C. C. ou C. C. S..

Alem disso, não havia vantagem em organizá-las pelos diferentes assuntos (como se procede com as fichas) pois uma vez executadas, de nada mais serviriam, a não ser que o Capitão, no ano seguinte, repetisse, "ipsis literis", os Quadros Semanaes de Trabalho, o que lhe seria absolutamente impraticável, porquanto é obrigado a levar em consideração os fatores: **"homem, condições materiais, clima, número e valores dos quadros e as intenções do comando"**.

Procurando sanar estes inconvenientes, cheguei ao tipo anexo, que impresso para facilitar ainda mais, comporta o desenvolvimento da instrução previsto no Quadro Semanal de Trabalho e encerra o que prescreve o R. E. C. C. em seu artigo n. 58. Este tipo foi utilizado por todos os instrutores do 8.º R. C. I., com ótimos resultados.

De acôrdo com o artigo n.º 58, o Quadro Semanal de Trabalho é portanto, o ponto de partida do Tenente.

Consideremos pois, para exemplificar, simplesmente o 1.º dia de instrução de um Quadro Semanal de Trabalho, (ver o trabalho do Capitão Enio).

Como é fácil verificarmos, estão previstos para este dia, 5 Sessões de Instrução, sendo uma destinada ao Capitão.

Vejamos como organizá-las.

R. A. N.		3.ª Semana
1.º Esp.	1941	1.º Estádio
3.º	Sessões de Instrução para o dia D	1.º Período

Turma: 28 soldados e 7 graduados.

Preparação das Sessões:

- 1) Intelectual: R. E. C. C. — Araripe — Manual de hipologia — R. Armas brancas.
- 2) Material: Os Cmts. de C. C. distribuirão a cada cabo uma lança, juntamente com o material para limpeza das espadas.

Ponto atingido pela instrução:

- I) Inst. a cavalo: 1) Escola cavaleiro a cavalo — os recrutas com exceção do Fidelis, Romualdo e Garcia estão confiantes a cavalo, e alguns têm boa posição; conhecem alguns efeitos de rédeas e pernas; manejam regularmente a espada; 2) Escola do G.C. — conhecem as formações por 1, 2 e 3; 3) S.C. — sabem os cuidados a ter com os cavalos antes das marchas, grande parte da nomenclatura dos acidentes do terreno, os pontos cardeais e colaterais.
- II) Inst. sobre conhecimentos do material, conhecem as características e emprego da espada.

- III) Inst. sobre ensinamentos diversos, sabem a nomenclatura do exterior do cavalo.
- IV) Inst. combate, conhecem a diferença entre cobertura e abrigo, bem como seu aproveitamento para observar e atirar e abrigar-se.

Objetivo das sessões:

- I) Sessão de Inst. a cavalo: 1) Escola cavaleiro a cavalo — aquisição da confiança — colocação na sela — emprêgo das ajudas — aplicação das ajudas — manuseio da espada; 2) Escola do G. C. — formação por 1, 2 e 3, batalha; 3) S. C. regras da marcha, cuidados com os cavalos nas marchas — nomenclatura dos acidentes do terreno — orientação pelo sol — marcha numa direção dada pelos pontos cardiais.
- II) Sessão de conhecimentos e cuidados com o material:
1) Lança — conhecimento sumário; 2) Espada — nomenclatura e limpeza.
- III) Sessão de ensinamentos diversos: cuidados diários com os cavalos — exterior do cavalo (recordação).
- IV) Sessão de Inst. de combate: aproveitamento do terreno para progredir.

Desenvolvimento das Sessões

Hora	Local	Uniforme	Material	Desenvolvimento da instrução	Duração	Observações
6,00 às 6,30	Batas	O de instrução com equipamento	Freio, sela simples com porta-es- pada. Espada com fiador	Formatura do Pel. no local de reunião. Revista de uniformes. Distribuição do material; En- silhar. Revista de cavalos. Deslocamento do Pel. ao passo, direção ao picadeiro. I — Sessão da Instrução a ca- valo 1) Escola de cavaleiro a ca- valo: A) — aquisição da confiança: a) flexionamentos recreati- vos ao passo e trote sem estribos; b) volteio ao passo e trote nas duas mãos. B) — colocação na sela: a) posição do cavaleiro, ga- lhos em círculos sem es- tribos, flexionamentos as- simétricos; b) sentido, flexionamentos apropriados.	30 ^m	Os homens deixarão seus equipamentos e es- padas junto a parede ex- terna do picadeiro.
6,30 às 7,00	Pica- deiro	O de instrução sem equipamento	Freio e sela simples	C) — exigir que to- dos cavaleiros passem pe- los cantos do picadeiro. a) insistir no emprê- go judicioso das ajudas. D) — aproveitar o descanso para mandar	10 ^m	b) não permitir que os cavaleiros abando- nem o cepilho na execu- ção das figuras.

Hora	Local	Uniforme	Material	Desenvolvimento da instrução	Duração	Observações
7,10 às 8,00	Deslocamento para a pista da Artilharia. Pista da Artilharia.	O de instrução com equipamento	Espada	C) — escola das ajudas — trabalho ao passo e trote: a) voltas, parar e marchar; b) mudança de mão. D) — descanso. E) — aplicação das ajudas, — trabalho preparatório para o xadrez. F) — manêjo de espada — desembainhar, apresentar, perfilar, guarda, molinete horizontal — trabalho por G. C.: a) parado — em uma fileira (intervalos aumentados) b) em marcha — coluna por 1 (distâncias aumentadas)	15 ^m 10 ^m 10 ^m	ajustar os uniformes e arriamentos, colocar os equipamentos e as espadas nas sélas. E) — exigir que os movimentos sejam feitos com uniformidade e que os cavaleiros conservem seus lugares. F) — exigir que estes movimentos sejam feitos com energia.
				2) Escola do G. C. — trabalho ao passo e trote — formação por 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		2) Exigir silêncio e vivacidade nas mudanças de formação andadas.

<p>8,00 às 9,30</p>	<p>Morro do Grante</p>		<p>a) trabalho por esquadra b) trabalho dos G. C. 3) Serviço em campanha: A) — acidentes do terreno: a) nomenclatura de novos acidentes; b) descrição de determinadas faixas do terreno pelos recrutados; B) — orientação: a) recordar os pontos car- deais e colaterais; b) orientação pelo sol, consi- derando sua posição apro- ximada nas diferentes ho- ras do dia. C) — descanso; D) — marcha numa direção da- da pelos pontos cardeais; E) — regras de marcha; cui- dados com os cavalos nas marchas.</p>	<p>10^m 15^m 20^m 30^m 10^m 20^m 10^m</p>	<p>D) — mostrar-lhes a necessidade de tomarem pontos intermediários para balizar o alinha- mento a seguir.</p>
<p>9,45 às 10,30</p>	<p>Baixas</p>	<p>O de instrução sem equipamento</p>	<p>II) — Sessão de conhecimen- tos e cuidados com o material — divisão do Pel. por esquadras; ca- da cabo ministrará ins- trução a sua esquadra, bem como fiscalizará a limpeza das espadas.</p>		<p>II) o Sgt. Alfredo fis- calizará seu G. C. e mais a esq. suplementar; o Sgt. Bonifácio, seu G.C. e mais o grupo extra.</p>

Hora	Local	Uniforme	Material	Desenvolvimento da instrução	Duração	Observações
				1) Lança — conhecimentos sucintos sobre: características, emprego e nomenclatura. 2) Espada: nomenclatura: a) limpeza — durante a limpeza características, emprego e nomenclatura. Reunião do Pel. — Cmt. do Pel. Revista das espadas; arguição sobre os ensinamentos ministrados.	10 ^m 25 ^m 10 ^m	b) mostrar-lhes a necessidade dos cuidados com o material. O Sgt. Alfredo tomará nota dos homens que apresentarem espadas sujas.
12,30 às 13,45	Baixas	Calção de ginástica	De limpeza	III) — Sessão de ensinamentos diversos. Divisão do Pel. por G.C. a) cuidados diários com os cavalos; nomenclatura do exterior do cavalo (recorção). b) questionário n.º 5 sobre S. C. IV) — Sessão de instrução do combate.		1.º G. C. mais a esq. suplementar; 2.º G. C. mais o grupo extra. a) os cavalos serão recolhidos às baias depois de revistados pelo Ten.
					15 ^m	1) durante o deslocamento recordar os ensinamentos.

Hora	Local	Material	Material	Desenvolvimento da instrução	Duração	Observações
14,00 às 16,00	Morro do Girante	O de instrução com equipamento aliviado	Mosquetão e fer- ramenta de sapa	4) Descanso. 5) Aplicação dos ensinamen- tos ministrados. Progressão por esquadras, até as imediações do Quartel. 6) Reunião do Pel. — ajus- tar os uniformes e os equi- pamentos. 7) Deslocamento para o quar- tel — Exercícios de or- dem unida.	10 ^m 30 ^m 5 ^m 5 ^m	6) Verificar se os ho- mens perderam alguma coisa. Exigir attitude dos ho- mens, bem como ener- gia nos movimentos.
16,30	Esquadão	O de instrução sem equipamento		Instrução moral: a) Historico do Regimento; b) Barão do Triunfo.		Capitão.

"BALANÇA DA JUSTIÇA"

(Processo prático para aplicação do R. D. E. sem necessidade de estudo no momento de punir)

1.º TEN. DILERMANDO GOMES MONTEIRO

O trabalho ora publicado vem tendo no I.º R. I., desde 1939, a sanção do seu emprêgo com ótimos resultados.

Longe de servir de gabarito à aplicação do R. D. E. veio colocar o transgressor não só a coberto do temperamento da autoridade que tenha de aplicá-lo bem como das contingências do ambiente no momento de ser determinada a pena a aplicar. Ontrossim vem uniformizar para beneficio da disciplina, a aplicação das penas para que sejam impostas com justiça e imparcialidade sem manifestações de odio ou paixões.

Para sua organização que exigiu largo tempo de observação todos os elementos foram apreciados no seu justo valor:

- gradação das penas e limites de aplicação;
- circunstâncias que influíram no cometimento da falta;
- conhecimento perfeito que deve ter, do transgressor, a autoridade que vai aplicar a pena;
- antecedentes disciplinares do transgressor isto é sua conduta.

Publicando a "Balança da Justiça" esta Revista presta um valioso auxilio aos que têm a difficil tarefa de punir.

I — Finalidade do Trabalho:

Resume-se o presente trabalho na organização de um processo prático para aplicar punições, de acôrdo com o R.

D. E., evitando um estudo apressado e quasi sempre defeituoso, no momento de punir.

Estudos feitos com calma, considerando-se todos os preceitos do Regulamento Disciplinar, sem ser visado nenhum caso especial, possibilitaram a adoção de um critério que não contraria as disposições daquele Regulamento.

Submetido o processo a sanção de muitos casos concretos da vida regimental foi obtido resultado satisfatório.

II — Das bases de organização:

1 — O artigo dezessete do R. D. E. **fixa as penas disciplinares** a serem applicadas; o artigo dezoito dá-lhes a **gradação** o número **um** do artigo cincoenta **fixa os limites** para applicação dessas penas, em cada espécie de transgressão: Leve, Média ou Grave.

De acôrdo com êsses artigos, organizamos o seguinte quadro, intercalando entre os limites mínimo e máximo previstos para applicação das penas, consoante a classificação das transgressões (Leves, Médias e Graves), mais três espécies de punições, dentro de uma gradação lógica:

Transgressões	Leves (L)	Médias (M)	Graves (G)	Gráus
Mínimo do n.º 1 do artigo 50	Rvp	Re	P24hfs	
Punições	Rcp	Re	P2fs . . .	
	Rpt	D2	P3fs . . .	
	Re	D3	P2ss. . .	
	D1	D4	P4fs . . .	
	D2	D5	P3ss. . .	
Intercaladas	D3	D6	P6fs	
	D4	D8	P4ss	
	D6	D10	P8fs	
	D8	D12	P6ss. . .	
	D10	D15	P10fs . . .	
	D12	D20	P15ss . . .	
	D15	P6ss	P20ss. . .	
	D18	P8ss	P25ss. . .	
Máximo do n.º 1 do artigo 50	D20	P10ss	P30ss. .	

LEGENDA:

- Rvp — Repreensão verbal particular.
 Rcp — Repreensão no círculo dos pares.
 Rpt — Repreensão na presença de tropa.
 Re — Repreensão escrita.

Dn — Detenção por **n** dias.

Pn — Preso por **n** dias.

fs. — Fazendo serviço.

ss. — Sem fazer serviço.

2 — Feito êsse quadro de punições, respeitando o número um do artigo cincoenta, estudemos agora como aplicar os números três, quatro e cinco do mesmo artigo.

— Diz o número três: — “Quando ocorrem somente as circunstâncias atenuantes a falta não poderá atingir o máximo previsto no n.º 1 dêste artigo”.

Julgamos então ser aceitável, neste caso, somente empregar as punições abrangidas pela chave **A**, isto é, da mínima a uma que não é a máxima.

Foi o que chamamos de **Grau A**.

— Diz o número quatro: — “Quando ocorrem somente as circunstâncias agravantes, a pena poderá ser aplicada no máximo e ainda agravada...”

Julgamos então ser aceitável, neste caso, somente empregar as punições abrangidas pela chave **F**, isto é, da última máxima, a uma anterior que não seja a mínima, pois assim exige a lógica.

Foi o que chamamos de **grau F**.

— Diz o número cinco: — “Ocorrendo circunstâncias atenuantes e agravantes, a pena será aplicada de acordo com os números três e quatro dêste artigo”.

Raciocinando com a prática, julgamos então ser aceitável estabelecer três graus distintos para êste caso:

Grau B — Quando as atenuantes preponderam sobre as agravantes.

Grau C — Quando as atenuantes e as agravantes compensam.

Grau D/E — Quando as agravantes preponderam sobre as atenuantes; êste subdividido em dois, **D** e **E** dada a necessidade de diferenciar os casos em que as agravantes preponderam sobre as atenuantes em quantidade maior ou menor uma vez que o R. D. E. prevê dez agravantes e só cinco atenuantes.

Julgamos, nestes casos, ser aceitável empregar as punições abrangidas pelas chaves **B, C, D e E**, isto é, da mínima até a anterior à máxima, deixando esta última somente para o grau **F**. Cada uma destas chaves alcança uma punição mais grave que a anterior, formando assim uma gradação entre os graus **A e F**.

Punindo um indivíduo dentro de um desses graus, estaremos observando perfeitamente as letras **a, b e c** do número um do artigo cinquenta e os números **três, quatro e cinco** do mesmo artigo. Falta-nos apenas o modo de escolher dentre as dez punições de cada Grau, a que deva ser aplicada a um transgressor nele enquadrado.

Examinemos no número seguinte essa questão:

3 — Suponhamos que vamos punir um indivíduo **X** por uma falta Média cometida.

A “*priori*” sabemos que será enquadrada na segunda coluna: **M**.

— Quais as punições mínima e máxima que lhe podem ser aplicadas ?

— As do Grau que lhe corresponde.

— E qual é esse Grau ?

— Examinando as atenuantes e agravantes que apresentar e estudando as relações entre elas, tê-lo-emos enquadrado num dos seis graus previstos.

Suponhamos por exemplo que tenha sido o **Grau C** o que lhe coube. Indo ao quadro, veremos que a pena mínima desse grau na segunda coluna, (**M**) é **Detenção por dois dias** e a máxima é **Detenção por vinte dias**.

— Dentre as dez da coluna **M**, tendo como limite essas duas, qual deve ser aplicada? Como escolher? Levaríamos em conta as punições anteriores?

— Impossível, pois as punições já sofridas por um indivíduo, conforme o número delas e a data da última, influem na conduta, alterando o grau de enquadramento, isto é, a proporção que vai sendo punido, as faltas vão se somando e, em algum tempo, tiram-no da conduta **Bôa** e colocam-no na

Regular, perdendo assim uma atenuante (n.º 1 do § 2.º art. 16). Já o seu grau seria no mínimo o **B** e não mais o **A**.

Mais tarde, com outras punições, o indivíduo estaria na conduta **Má** com o que teria adquirido uma agravante, passando, portanto, a ser enquadrado no mínimo no Grau B, se tivesse outra atenuante além do n.º 1 do § 2.º do art. 16; caso contrário iria no mínimo para o **Grau C**.

Assim sendo, não é lógico que, já se levando em conta para o enquadramento no Grau as punições anteriores, estas venham ainda influir na escolha de uma pena maior ou menor dentro do Grau. Estaríamos então punindo novamente por faltas já punidas.

— Qual então a solução que se nos apresenta mais lógica?

— A nosso ver seria tomar-se em consideração, as **circunstâncias que influíram no cometimento da falta**, às quais naturalmente, se ligam em parte o procedimento do transgressor no seio da coletividade e a opinião do chefe a seu respeito, mas estes controlados por aquelas circunstâncias.

O procedimento e o conceito apenas influirão para o chefe ajuizar da veracidade de uma justificativa apresentada e aceitá-la ou não, no todo ou em parte.

Foi esta a solução mais justa que achamos para fixar, dentre dez, **uma** punição a ser aplicada.

Difícilmente poderíamos enumerar tais circunstâncias, mas com alguma observação em casos concretos, conseguiremos agrupar em dez, várias circunstâncias **típicas**, as quais o aplicador da pena comparará o transgressor ao tomar suas justificativas e julgá-las. Assim, feitas as dez "fórmulas" é mais fácil adaptar a elas as demais circunstâncias do que, no momento, se fazer todo o estudo e raciocínio.

Essas "típicas", dosadas obedecendo à sua gravidade crescente, permitem uma fácil adaptação de momento, sem perigo de injustiças ou diferenciação de critério. São elas:

	Circunstâncias típicas	Caso
Faltas cometidas, sem intenção, por circunstâncias não justificáveis de todo. (Variação a critério do cap.).	3/4 de Justificativa	1
	2/4 de Justificativa	2
	1/4 de Justificativa	3
Faltas cometidas com conhecimento	Pouca noção de responsabilidade. Educação precária.	4
	"Golpista", "Pulador", "Embromador".	5
	Desleixo, Displícência.	6
	Demonstração de pouco caso em ser punido.	7
	Maldade, Espírito de destruição.	8
	Má vontade, Resistência passiva. Rebeldia.	9
	Caráter de perversidade, indisciplina ou insubordinação (sem constituir crime).	10

Com essas dez "típicas", teremos escolhido uma das dez punições do grau, pois a cada uma delas corresponde, na ordem, uma das punições do grau.

Escolhido o modo de fixar a punição a aplicar, voltemos ao caso tomado como exemplo. Supondo que o transgressor X teve a sua justificativa enquadrada no caso número cinco,

basta-nos verificar na coluna das faltas Médias a quinta punição de cima para baixo a contar da mínima do GRAU C e encontraremos para PUNIÇÃO A APLICAR: **Detido por seis dias.**

III — Da organização da “BALANÇA”:

Organizado o quadro do item II, nada mais precisaríamos do que torná-lo prático, de manejo simples e rápido, evitando mais estudos e raciocínios no momento de punir. Foi o que conseguimos com a “BALANÇA DA JUSTIÇA”, onde um arranjo das punições das três colunas, dos seis graus e das dez circunstâncias “típicas” permitem com tres operações apenas, conforme instruções no prato da “Balança”, aplicar uma punição absolutamente de acôrdo com o R. D. E.

Entre vários indivíduos que usarem a “Balança” para aplicação de penas disciplinares, estas serão, quasi sempre, idênticas, apenas podendo haver diferença se também as houver no modo de comparar o caso real com as circunstâncias “típicas”, o que não é muito comum, por ser mais ou menos uniforme o modo de encarar estas circunstâncias no seio de uma mesma coletividade que tal um corpo de tropa.

Estas circunstâncias típicas aliás podem ser substituídas por outras organizadas, a critério de quem as adotar.

IV — Classificação de conduta:

Completando o trabalho, foi organizado um quadro para Classificação de Conduta, de acôrdo com o R. D. E. e com o decreto 4.551 de 19-8-1939 que o modificou, ao qual procuramos dar o caráter mais prático possível.

V — Para mais facilitar o emprêgo da balança, o Cap. poderia mandar imprimir ou mimeografar papeletas como a do modelo abaixo, que iria sendo cheia a proporção que se fosse tomando as justificativas do transgressor.

Essas papeletas tem a dupla vantagem de facilitar a aplicação da balança e de servir de base para a confecção da parte ao cmt. do Batalhão.

Modelo:

5. n.º	
Faltas cometidas (ns. do art. 13 do R.D.E.)	L. M. ou G.
Atenuantes (ns. do § 3.º do art. 16)	Quantidade
Agravantes (ns. do § 2.º do art. 16)	Quantidade
Gráu (Deduzido da relação entre agrv. e atn.)	A, B, C, etc.
Caso em que se acha enquadrado (prato bal.)	1, 2, 3, etc.
Punição	Dn, Pn, etc.
.....	
Assinatura do Cap.	

Exemplo:

	Soldado n.º 1428	
Faltas cometidas	111	G
Atenuantes	1 e 3	2
Agravantes	3	1
Gráu		B
Caso em que se acha enquadrado		4
Punição		P4 fs.
	J. Magno	
	Cap.	

Cheia a papeleta, é entregue ao sargenteante que aí tem todas as indicações para fazer a parte de acôrdo com o modelo.

Assim, com o R. D. E. à vista, redigirá:

I — O soldado 1428, João Francisco, por ter respondido de maneira desatenciosa a um superior, incurso no n.º 111 do art. 13 (Resp. de man. desat. a superior) de acôrdo com o n.º 1 (bôa conduta) e 3 (falta prática do serviço) do § 2.º e número 3 (reincidência) do § 3.º do art. 16 tudo do R. D. E., fica preso 4 dias sem prejuizo do serviço. (Ou, Deixa de ser

punido em face do art. 54 do R.D.E., se fôr a primeira prisão).

II — Ingressa na conduta Regular.

VI — Julgamos ter feito algo de útil aos camaradas do Exército, cujas funções de ordinário, exigem exaustivo trabalho, não lhes permitindo um rigoroso estudo do R. D. E. no momento de aplicá-lo, razão porque publicamos este trabalho, atendendo mesmo às sugestões de companheiros que encontraram na aplicação da "Balança da Justiça" uma norma para facilitar-lhes o desejo de dar soluções justas às questões que se prendem à disciplina de seus subordinados.

Se a doutrina de guerra, tal como a concebemos, permanece inalterável, pelo menos enquanto a técnica e a tática não sugerem, no campo da estratégia, — novos meios de guerra e novos processos de combate — ou no campo da tática, — novos meios e novos processos de combate — também os princípios essenciais da guerra permanecem verdadeiros através dos tempos.

Sua aplicação é que varia segundo as circunstâncias. "Bater o inimigo antes que ele tenha reunido seus meios", ou "romper seu dispositivo e batê-lo por partes", — é um princípio cuja origem remonta mais de 600 anos antes de Cristo. Quando o último Horácio, superior em força a qualquer dos três Curiácios, mas inferior aos três reunidos, deu uma fuga para distanciar entre si seus três perseguidores, e finalmente se volta para abatê-los sucessivamente, e decidir assim da sorte de um povo, criou instintivamente aquele princípio dos tempos modernos. "Cance", demonstrou como o duplo envolvimento encerra o adversário numa tenaz que o esmagará infalivelmente, e isto se passou a mais de 200 anos antes de nossa era.

Esses exemplos demonstram, mais uma vez, que "nihil novi sub sole".

CEL. RENATO BAPTISTA NUNES

GUERRA DE SECESSÃO

Pelo Major ARTHUR CARNAUBA
Inst. da E. E. M.

INTRODUÇÃO

Denomina-se “Guerra de Secessão” a luta gigantesca que teve de sustentar — durante quatro longos anos — o Governo dos ESTADOS UNIDOS, apoiados pelos Estados do Norte e de Oeste, contra os onze Estados do Sul que, em virtude de circunstâncias de ordem política, social e econômica, se desligaram da União, constituindo uma **Confederação**.

JEFFERSON DAVIS, antigo aluno de WEST-POINT, coronel do Regimento de Voluntários do MISSISSIPPI durante a campanha do MÉXICO e antigo secretário da Guerra, é, a 9 de Fevereiro de 1861, eleito Presidente da Confederação, cujo governo é instalado em RICHMOND, capital da VIRGÍNIA.

Limitar-nos-emos ao estudo do aspecto militar da guerra, pondo, portanto, à margem as suas múltiplas questões econômicas, políticas e sociais, que, por si só, poderiam constituir objeto duma série de artigos.

E' assim que, depois de examinarmos, sumariamente, a situação inicial dos beligerantes e os teatros de operações, isto é, depois de apresentarmos os atores do formidável drama e o cenário imenso em que se desenvolveu a terrível tragédia, passaremos, logo, ao estudo geral das operações, através das suas diferentes fases.

A fase inicial do conflito (Abril a Julho de 1861) é denominado pelo Cel. DERAUGEMONT; nas suas magistrais conferências, pronunciadas, em 1926, na E. E. M., de “**toma-da de contacto**” e comparada à 1.^a fase da guerra de 1914-18, que vai de Agosto a Novembro de 1914, isto é, da **batalha das fronteiras à corrida para o mar**, no fim da qual os dois

adversários, por falta de espaço livre para a manobra e do material adequado à rutura duma posição solidamente organizada, se vêm obrigados a uma estabilização — a uma interminável batalha defensiva — que se desenvolve de Novembro de 1914 à primavera de 1918.

Segue-se, na guerra civil dos ESTADOS UNIDOS, uma 2.^a fase, que se estende de Julho de 1861 a fins de 1863, caracterizada por duas ofensivas de grande estilo dos sulistas, visando a primeira (Setembro de 1862) a invasão da MARYLAND e a segunda (Junho e Julho de 1863) a da rica região de PENNSYLVANIE, ambas malogradas no duplo ponto de vista estratégico e político; do lado nortista, é essa fase caracterizada por uma série de manobras ofensivas na direção geral de RICHMOND, principal foco da rebelião, que também fracassam completamente, e por notáveis progressos de suas forças na bacia do MISSISSIPI (Julho de 1863) e pela conquista de CHATTANOOGA (Novembro do mesmo ano), acontecimentos, êsses, que criam para a Confederação uma situação estratégica e econômica grave e constituem o prenúncio de sua catástrofe militar e política.

Enfim, na 3.^a e última fase da luta titânica — na qual ambos os partidos revelaram uma energia verdadeiramente excepcional e que se estende de Março de 1863 a Abril de 1865 — os nortistas organizam o comando único e retomam, em ambos os teatros da guerra, a iniciativa estratégica das operações sob a enérgica e vigorosa impulsão do Gen. GRANT.

Teremos, então, o ensejo de apreciar, embora a largos traços, a sua ofensiva vitoriosa, que compreende dois períodos: as operações da primavera de 1864 e a ofensiva decisiva de 1865, que termina com a destruição completa e espetacular das forças organizadas do adversário.

*
* *
*

A batalha de BULL RUN (21 de Julho de 1861) que marca o fim da 1.^a fase da luta, a campanha de GETTYS

BURG (Junho-Julho de 1863) e a vasta manobra estratégica de GRANT, iniciada na primavera de 1864, constituem os acontecimentos proeminentes da empolgante luta, as três lições magistrais que nos proporciona o estudo da **Guerra de Secessão**:

- BULL RUN constituiu a condenação formal dos exércitos improvisados;
- GELTYS BURG resume a **estratégia dos fracos**;
- a ofensiva de GRANT, a **estratégia dos fortes**.

Eis o que procuramos mostrar através de uma série de artigos num estudo sintético da mais interessante guerra do século passado.

A SITUAÇÃO INICIAL DOS BELIGERANTES

Os 11 Estados rebeldes são o ALABAMA, o ARKANSAS, a CAROLINA DO NORTE, a CAROLINA DO SUL, a FLORIDA, a GEORGIA, a LOUISIANE, o MISSURI, o TENNESSEE, o TEXAS e a VIRGINIA. Os 32 restantes conservam-se fieis à **União**.

O recenseamento de 1860 acusou uma população para os ESTADOS UNIDOS de 31 milhões de habitantes:

- Estados federais: 22 milhões (todos brancos, exceto 100.000 negros no MARY LAND);
- Confederados: 9 milhões (5,1/2 milhões de brancos e 3, 1/2 milhões de negros).

Os negros, entretanto, não serão incorporados às fileiras secessionistas.

Os sulistas — pelos seus preconceitos aristocráticos — não os acham dignos de empunhar as armas.

Destarte, a Confederação vai bater-se, durante quatro anos, com uma população de 5,1/2 milhões de habitantes, contra uma poderosa nação de 22 milhões.

A desproporção é verdadeiramente formidável!...

A luta será desigual... E não só quanto à situação numérica, mas também no que respeita aos recursos económicos, financeiros e industriais.

De feito, enquanto os Estados federais são agrícolas ou industriais e dispõem de víveres e matérias primas, o Sul é exclusivamente agrícola e sua agricultura reduz-se, assim mesmo, a uma monocultura, a do algodão; sua indústria quasi inexistente.

O crescimento de sua população é também menos rápido (25 % de 1840 a 1860, enquanto que no Norte, no mesmo lapso de tempo, o aumento foi de 40 %).

A desigualdade é, pois, manifesta, principalmente na que se refere às possibilidades de fabricação de material de guerra.

*
* *
*

Militarmente, a situação dos ESTADOS UNIDOS é bem precária.

Seu exército compreende, em 1860, apenas 15.000 homens e 1.100 oficiais.

A Constituição prevê, em caso de guerra, a organização dum exército de Voluntários, fornecidos pelos diferentes Estados e postos ao serviço da **União** e de guardas nacionais destinados à manutenção da ordem nos referidos Estados.

Esse exército de Voluntários é distinto do exército regular; há pois, dois exércitos, ao envez dum só **Exército Nacional**.

Esse erro se fará sentir no decurso da guerra.

Os oficiais do exército regular se formam na célebre escola de WEST-POINT, num curso de quatro anos, em que os dois primeiros são especialmente consagrados a questões técnicas de engenharia e artilharia.

No início da campanha, existe um grande número de oficiais demissionários, todos WEST-POINTERS.

Não há grandes unidades; os corpos de tropa dependem, assim, directamente do Ministro da Guerra.

Quanto aos serviços, sua organização e funcionamento muito se assemelham aos de uma empresa civil.

Não há também E.E.M. nem de Altos Estudos Militares.

Pode-se, assim, afirmar, sem exagero, que, praticamente, não existe um exército em condições de empreender uma guerra moderna.

Só há uma solução — improvisá-lo.

E os acontecimentos se encarregarão de mostrar as funestas consequências dum exército improvisado.

Ademais, ao se iniciarem as hostilidades, a maior parte do exército regular se achava disseminada pela fronteira do MEXICO.

FLOYD, Ministro da Guerra do Governo BUCHANAN, o predecessor de LINCOLN, partidário da causa sulista e prevalecendo-se de seu cargo, procurou, no intervalo entre a eleição e a posse do novo Presidente, afastar do Norte o grosso do exército federal, bem como grande parte do material, que foi transferido para os arsenais do Sul.

Eis porque encontraremos, nas fileiras rebeldes, um número apreciável de oficiais do exército.

No que respeita à Marinha, são modestos os seus meios.

O Norte, porém, em vista de sua poderosa indústria, de seus estaleiros e de seu crédito, poderá, evidentemente, realizar um esforço muito maior do que o Sul.

Esse fato torna, desde o início, muito delicada a situação da Confederação, porque seu único comércio de exportação é o algodão.

Como exportá-lo sem o domínio do mar?

Todo seu interesse deve consistir, portanto, em que a decisão de luta seja obtida o mais rapidamente possível, isto é, antes do esgotamento completo dos seus recursos econômicos e financeiros.

Infelizmente para os sulistas, a luta será longa e o Norte, tirando um considerável partido de sua superioridade naval, fará um bloqueio sistemático dos principais portos do Sul.

E a luta econômica, uma das características da guerra moderna.

OS TEATROS DE OPERAÇÕES

O vastíssimo território em que se desenvolverão as operações, é dividido, pela barreira dos ALEGHANIES, em duas grandes zonas:

- uma, a E., entre o massiço montanhoso e o mar;
- a outra, a W., constituída pela bacia do MISSISSIPE.

A faixa oriental, onde se encontram, a cerca de 150 Kms. uma da outra, as duas capitais — RICHMOND e WASHINGTON — é cortada por uma série de cursos d'água, mais ou menos perpendiculares ao eixo geral RICHMOND — WASHINGTON e que, portanto, constituem boas linhas de defesa; seus estuários penetram profundamente no interior do continente, facilitando os desembarques.

A cultura da região, VIRGINIA e MARY LAND meridional, onde se encontram as duas cidades, reduz-se ao algodão e, acessoriamente, ao fumo e à cana de açúcar; a exploração dos recursos locais é, pois, precária; o reabastecimento terá de vir da retaguarda.

A W., ao contrário, no vale do MISSISSIPE, cujo principal afluente da margem oriental é o OHIO com seu afluente o TENESSEE, encontramos uma região de grandes culturas, cereais e pastagens ao N., algodão ao S., rica e povoada.

Os Estados de E. são, assim, tributários dos de W., donde a importância das linhas de comunicação entre a região litorânea e a fértil bacia do MISSISSIPE.

Essa importante via fluvial liga os Estados do N. aos do S. e ao Golfo do MÉXICO.

Os montes ALEGHANIES são constituídos de várias cadeias paralelas de orientação geral N.E. — S.W. e que se estendem desde HARRISBURG, no MARY LAND até às imediações de MONTGOMERY, numa extensão total de cerca de 800 Kms. e com uma largura variável de 100 a 150 Kms.

Os vales que correm entre essas diferentes cadeias, são, em geral, pobres de caminhos e despovoados, impróprios para operações militares duma certa envergadura, exceto o rico

vale da VIRGINIA, por onde corre o SCHENANDOAH, afluente do POTOMAC e que é limitado, a E., pelas MONTANHAS AZUES (BLUE RIDGE).

Sua importância militar é grande, porque contorna os obstáculos já referidos (o POTOMAC, o BULL RUN, o RAPANNOCK, o NORTH ANNA, o JAMES RIVER).

O sistema ferroviário é constituído das seguintes linhas:

Linhas de penetração	{	a W., NOVA ORLEANS — MEMPHIS — CHICAGO e MOBILE — NASHVILLE — INDIANOPOLIS; a E., RICHMOND — WASHINGTON — BALTIMORE.
Rocadas	{	BALTIMORE — CINCINATI; MEMPHIS — ATLANTA — CHARLESTON (ou ATLANTA — SAVANNAH); VICKSBURG — MONTGOMERY — SAVANNAH (ou MONTGOMERY — ATLANTA — CHARLESTON); MOBILE — MONTGOMERY — SAVANNAH; CHATANNOOGA — LYNCHBURG (fraco rendimento).

Verifica-se, assim, a importância dos dois desfiladeiros de HARPERS FERRY e de CHATANNOOGA e do nó de comunicações de ATLANTA.

Um grande partido se poderá também tirar das vias fluviais navegáveis e das comunicações marítimas.

A configuração do terreno imporá, pois, a luta em dois teatros de operações, cujo principal será necessariamente o de E., onde se encontram os focos principais da rebelião.

A 1.^a FASE

A ABERTURA DAS HOSTILIDADES

O Norte, de acôrdo com as declarações de LINCOLN no seu discurso de posse, pronunciado no dia 4 de Março de 1861, conserva uma attitude de expectativa, diante da grande agitação que reina no Sul, que já iniciou seus preparativos militares.

O presidente procura afastar de si a responsabilidade da luta armada; nenhum gesto agressivo partirá da União; que tôda a provocação parta dos rebeldes.

O incidente do forte SUNTER — provocado pelos Sulistas — desencadeia a terrível catástrofe.

Esse forte defende a entrada da baía de CHARLESTON na CAROLINA DO SUL e é ocupado por uma pequena guarnição federal.

No dia 12 de Abril, trôa o canhão rebelde, o forte é bombardeado e, a 13, capitula.

Bem se pode compreender a emoção causada no Norte por tão grave incidente.

Impõe-se a solução pelas armas.

Medidas de ordem militar, embora insuficientes, são tomadas desde o dia 15.

Uma mensagem presidencial fixa o prazo de vinte dias para a submissão dos secessionistas; o Congresso é convocado para o dia 4 de Julho.

As populações dos Estados fieis respondem com entusiasmo ao apêlo de LINCOLN.

Essa adesão, entretanto, se manifesta mais pelas "meetings", discursos, artigos nos jornais, do que por uma vontade firme de se empenharem a fundo na luta que se esboça.

Uma outra mentalidade domina os espiritos no Sul.

Sua recusa à submissão é formal.

Alguns Estados hesitantes, como a VIRGINIA, a CAROLINA DO NORTE, o ARKANSAS, o TENNESSEE, aderem à rebelião.

A FORMAÇÃO DOS EXÉRCITOS SULISTA E NORTISTA

O Exército regular — cujo grosso se encontra na fronteira do MÉXICO sob as ordens do Gên. TWEES — achase reduzido a uns 5.000 homens mal instruídos!...

No dia 15 de Abril, 75.000 milicianos são chamados às armas, os quais, de acôrdo com a Constituição, serão formados pelos Estados e incorporados apenas por três meses e não por toda a duração da guerra.

Tão grave êrro terá, como veremos, as mais funestas consequências.

Continuando o Sul em seus preparativos militares, resolve o Presidente, em 3 de Maio, chamar 83.000 homens, dos quais 40.000 servirão por 3 anos nas unidades de voluntários, 25.000, por 5 anos, no exército regular e 18.000 na Marinha.

Tanto os milicianos como os voluntários não têm a mínima instrução militar.

O primeiro problema que se apresenta, depois do fardamento, equipamento e armamento desses homens, é o da sua instrução.

Eis um exército que inicia sua instrução depois da abertura das hostilidades.

Os corpos de voluntários são organizados e equipados pelos Estados e postos à disposição do Góvêrno federal que os arma, instrue e paga.

O recrutamento desses corpos se faz, nos Estados, por um processo análogo ao utilizado na formação dos nossos batalhões de voluntários da pátria e dos nossos famosos corpos provisórios.

O chefe político local, com o posto de Coronel, assume o comando da unidade de voluntários.

Bem se pode aquilatar, assim, do valor dos quadros, exceto no que se refere aos antigos WEST-POINTERS demissionários.

Seu número é, entretanto, muito pequeno e galgarão logo, os postos superiores da hierarquia.

Quanto ao armamento, a situação do Norte é deplorável, pois toda a reserva existente foi levada por FLOYD para os arsenais sulistas e caiu nas mãos dos rebeldes.

Dada a sua indústria e as suas matérias primas, poderá desenvolver a fabricação do material de guerra.

Tudo isso exigirá, entretanto, um tempo apreciável.

O material é, então, comprado, às pressas, na Europa, que aproveita a excelente oportunidade para vender seus canhões e fuzis antiquados.

A unidade fundamental, tanto nos corpos de voluntários como no Exército regular, é o regimento.

Trata-se, aliás, duma denominação administrativa, porque, na realidade, é constituído apenas dum único batalhão, com o efetivo de 1.000 homens e dividido em 10 companhias de 100 homens.

Dois a quatro regimentos e uma bateria de artilharia constituem a Bda., que é, assim, uma unidade mixta.

Três a quatro Bdas. formam a Divisão que, até a batalha de BULL RUN (21 de Julho de 1861), é a maior unidade do Exército nortista.

*
* *
*

JEFFERSON DAVIS é investido do comando supremo do Exército.

As medidas tomadas pelo Presidente da Confederação são mais práticas e eficazes do que as da União.

Desde o começo de Março, 100.000 voluntários são chamados, os quais prestarão seus serviços pelo prazo de um ano.

Não apela para os milicianos e não comete o grave erro do Norte de organizar um exército regular e outro de voluntários.

Constitue, ao contrário, um único exército nacional, no qual os voluntários são enquadrados pelos excelentes elementos do Exército federal que aderiram à causa sulista.

Organiza campos de instrução, onde o ensino dos recrutas é cuidadosamente ministrado.

Os quadros, como no Norte, são improvisados, com execução dos antigos WEST-POINTERS, mas há, contudo, uma diferença notável: enquanto os oficiais nortistas são advogados, comerciantes, banqueiros, etc., no Sul, são homens do campo, bons atiradores, bons caçadores e excelentes cavaleiros, mais bem preparados, pelo seu gênero de vida, aos rigores duma campanha, do que os homens das grandes cidades, habituados a uma vida mais confortável.

Por outro lado, a escolha dos chefes se faz com mais critério entre os rebeldes.

Os grandes comandos são confiados sempre a antigos WEST-POINTERS.

Ora, o Governo Federal deu o comando dum de seus exércitos a um advogado, duma incompetência absoluta como General (Gen. BUTLER).

E' incontestável que a política militar de J. DAVIS é superior a de seus adversários.

E foi essa superioridade que permitiu aos Confederados lutarem, durante quatro anos, com um inimigo incontestavelmente mais poderoso, dotado de imensos recursos.

Um segundo contingente de 100.000 homens é chamado para a defesa da causa sulista, de tal sorte que, em Maio, se acham em armas 200.000 homens.

A organização das unidades é idêntica à das unidades do Norte; a Bda., entretanto, é, até a batalha de BULL RUN, a maior unidade.

Quanto ao armamento, é, graças ao maquiavelismo de FLOYEL, superior, de início, ao de seus adversários, sendo completado, no decurso das operações, por material adquirido no estrangeiro.

A CONDUTA DA GUERRA E OS PLANOS DE OPERAÇÕES

O Presidente da República dos E. E. U. U. é, de accordo com a Constituição, o chefe do Exército e da Armada.

É um título honorífico.

LINCOLN comete, durante os três primeiros anos, o comando de imiscuir-se, seguidamente, na **direção das operações**, em vez de chamar a si apenas as questões relativas à conduta da guerra.

Essa interferência dá origem a numerosas crises de mando, que só terminam em 1864, quando o Governo resolve nomear, em boa hora, o Gen. ULYSSES GRANT como comandante em chefe de todas as forças nortistas.

Seus predecessores foram SCOTT e HALECKE que, embora tivessem o título de comandante chefe, nunca exerceram realmente o comando, não passando de meros conselheiros militares do Governo.

A primeira idéia de LINCOLN é evitar que a rebelião se alastre pelos Estados ainda hesitantes e cobrir a Capital.

Para isso, resolve ocupar os Estados suspeitos da rebelião do MISSISSIPPI e concentrar o grosso das suas forças em torno de WASHINGTON, instruí-las e, depois, marchar contra RICHMOND, a-fim de sufocar a rebelião no seu principal foco.

A luta travar-se-á, assim, em dois teatros de operações:

- a W. dos ALLEGHANIES, o teatro secundário;
- a E. o teatro principal.

No primeiro o Gen. SCOTT constitue 3 Ex. com as seguintes missões:

- 1.^a) Ex. do MISSOURI (Gen. HARNEY), com a missão de repellar desse Estado os bandos sulistas e ocupar o ARKANSAS;

- 2.^a) Ex. do KENTUCKY (Gen. PRENTISS), com a missão de recalcar os elementos sulistas e ocupar o TENNESSEE;
- 3.^a) Ex. da VIRGINIA OCIDENTAL (Gen. MAC CLELLAN), com a missão de fazer a limpeza desse Estado e, depois, transpôr os ALLEGHANIES e marchar contra RICHMOND.

No teatro principal, são também constituídos 3 Ex.:

- um Ex. principal (Gen. MAC DOWELL), estabelecido ao S. do RIO POTOMAC, no campo de ALEXANDRIA, devendo, ulteriormente, marchar para RICHMOND, por MANASSAS e FREDERICKS BURG;
- um outro Ex., (Gen. PATTERSON), menos importante, deverá operar no vale do SHENANDOAH e, depois, rebater-se também na direção de RICHMOND;
- enfim, um corpo de desembarque (Gen. BUTLER) será transportado pela frota até FORT MONROE e lançar-se-á contra RICHMOND, através da península de YORK TOWN.

Trata-se, em uma palavra, duma ofensiva convergente contra a capital dos Confederados.

Os sulistas terão, pois, a possibilidade, graças à sua posição central, de responder a essa manobra por uma manobra em linhas interiores.

* * *

Como é encarado, entre os rebeldes, o duplo problema de conduta da guerra e da direção das operações? Que plano adotaram e qual é a articulação inicial de suas forças?

Vimos, de início, que estamos diante de duas mentalidades diferentes, de duas organizações sociais diversas e de dois regimes políticos distintos, personificados em J. DAVIS e LINCOLN.

LINCOLN é um presidente constitucional.
DAVIS, um ditador.

Todos os poderes estão concentrados na sua poderosa mão: é a um tempo chefe de Estado e chefe militar.

Seu plano consiste em concentrar o grosso das suas forças a E., por forma a cobrir RICHMOND em tôdas as direções.

Permanecerá, portanto, numa expectativa estratégica, aguardando a ofensiva nortista.

Havendo entrado na luta em defesa de seus direitos, acharam os sulistas que não deviam tomar a iniciativa das operações.

A W., limitar-se-ão em retardar o avanço das forças federais por meio das milícias locais.

São, nessa ordem de idéias, constituídos, no teatro principal, 3 Ex.:

- 1.º) Ex. principal (Gen. BEAUREGARD), no planalto de MANASSAS JUNCTION, às margens S. do BLUE RUN;
- 2.º) Ex. do SCHENANDOAH (Gen. JOHNSTON), perto de HARPERS FERRY;
- 3.º) Ex. da VIRGINIA OCIDENTAL (Gen. GARNETT), no rebordo W. dos ALLEGHANIES.

Na região de YORK TOWN, será constituído o corpo de cobertura do Cel. MAGRUDER.

Todos esses chefes são oficiais do exército regular.

DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES

As primeiras operações se desenvolvem de Maio a Julho.

A W., o Gen. LYON se apossa da maior parte do ESTADO DE MISSOURI, enquanto que, no KENTUCKY, o Gen. PRENTISS, graças a atividade de suas colunas móveis, consegue com que o Estado se mantenha fiel à União.

Na VIRGINIA OCIDENTAL, MAC CLELLAN obriga os confederados (Gen. JOHNSTON) a abandonarem o desti-

deiro de HARPERS FERRY e se retraírem para WINCHES-TER, onde se organizam e aguardam os acontecimentos.

A E., a operação de YORK TOWN, dirigida pelo Gen. e advogado BUTLER, fracassa completamente no dia 10 de Junho; as forças nortistas se retiram, então, para o FORTE MONROE.

Que se passa, entretanto, com os dois exércitos principais, o Ex. do POTOMAC (Gen. MAC DOWELL) e o Ex. do BULL RUN (Gen. BAUREGARD)?

Havendo transposto, em fins de Maio, o POTOMAC, o principal Ex. nortista organiza, na margem S. do BULL RUN, um campo entrincheirado nas alturas que dominam a cidade de WASHINGTON.

E' uma cabeça de ponte que cobre a Capital e permite o desembocar ulterior do Ex. na direcção geral de RICHMOND.

O Ex. Confederado, às margens S. do BULL RUN, cobre a via férrea de RICHMOND e a de STRASBURG, que vem do vale do SCHENANDOAH, ligando-se, portanto, facilmente, com o outro Ex. que opera nesse vale.

Sua presença a 40 Km. de WASHINGTON representa uma séria ameaça para a Capital Federal.

Essa situação de estabilização continua até os primeiros dias de Julho.

Os dois adversários procuram instruir as suas tropas.

Em 4 do mesmo mês, reúne-se o Congresso, que se admira da inação do Ex. do POTOMAC.

O inimigo acha-se às portas de WASHINGTON... Por que razão MAC CLELLAN não o recalca para o S.? Por que não toma a ofensiva na direcção geral de RICHMOND?

A agitação é grande em WASHINGTON.

A imprensa tece seus comentários habituais; pronunciam-se discursos inflamados nos clubes.

LINCOLN resolve ceder à opinião pública e aos desejos dos congressistas e MAC DOWELL, a-pesar de seu parecer contrário a uma ofensiva prematura, vê-se obrigado a iniciar,

no dia 16 de Julho, a sua marcha para o BULL RUN com 30.000 homens, repartidos em 5 pequenas divisões.

Os 30 Km. de marcha até a posição sulista são suficientes para lançar a desordem numa tropa inexperiente e mal instruída.

No dia 20, termina o prazo de 3 meses de serviço dos milicianos.

Dá-se, então, um fato curioso: 2.000 homens abandonam as fileiras na véspera da batalha, a-pesar dos rogos de MAC DOWELL e do próprio Ministro da Guerra, que se acha no local!...

A batalha vai, pois, ser travada com 28.000 homens contra os 22.000 de BAUREGARD, instalados defensivamente atrás do obstáculo do BULL RUN.

Na manhã de 21, o ataque é desencadeado: os nortistas logram transpor com a sua direita o rio e envolver a esquerda sulista.

MAC DOWELL já se julga vitorioso, quando um inesperado ataque de JOHNSTON (8.000 homens) contra o seu flanco direito transforma a sua vitória numa espetacular derrota.

As tropas federais recuam em desordem, em verdade debandada.

O pânico é completo.

O Ex. do POTOMAC nada mais é do que um bando de fugitivos, que, deixando suas armas pelo caminho, reflue só para WASHINGTON... E os próprios curiosos que vinham assistir a batalha do mamilão de CENTREVILLE, são arrastados nessa correria louca e desordenada!...

* * *

Póde-se muito bem compreender a emoção profunda causada em WASHINGTON pela derrota.

Espera-se, a todo o instante, a chegada dos rebeldes.

Os confederados cometem, entretanto, um erro milimetricamente imperdoável.

Não se lançam em perseguição dos destroços do exército nortista; não aproveitam o seu retumbante êxito.

J. DAVIS perde a oportunidade de ganhar, em 1861, uma guerra que se prolongou até 1865 e terminou com a vitória completa, esmagadora e definitiva da União.

* * *

Essa batalha é cheia de ensinamentos e suas consequências foram importantes.

A primeira e grande lição para os dois partidos, mas principalmente para os Nortistas, é de que os exércitos improvisados não podem ser empenhados numa batalha moderna; que uma ofensiva desencadeada com tropas mal instruídas e mal enquadradas está fadada ao insucesso.

A derrota de BULL RUN mostrou, por outro lado, que só no teatro de VIRGINIA e do MARYLAND, onde se encontram as duas capitais, é que poderá ser obtida a decisão do conflito.

LINCOLN, mostrando-se à altura da difícil situação, toma as medidas impostas pelos acontecimentos, no que é secundado pelo Congresso que vota um crédito de 500 milhões de dolares e lhe dá autorização para fazer um levantamento em massa de 500.000 homens.

No ponto de vista internacional, a batalha teve também suas consequências.

A FRANÇA e a INGLATERRA já haviam manifestado suas simpatias pela rebelião.

Esse sentimento só podia tornar-se mais intenso com o fracasso dos nortistas.

A vitória sulista aumenta o prestígio de J. DAVIS e consolida seus poderes ditatoriais.

O moral da Confederação exalta-se.

MAC DOWELL é substituído no comando do Ex. do POTOMAC por MAC CLELLAN, que acaba de se distinguir na VIRGINIA OCIDENTAL.

Outros generais se sucederão no comando do principal Ex. federal: POPE, MAC CLELLAN novamente, BURNSIDE, HOCKER e MEADE.

Seis chefes diferentes no espaço de dois anos !...

Os sulistas foram, nesse ponto, mais felizes.

ROBERT LEE assume, em plena batalha de FAIR OAKS (31 de Maio de 1862) o comando do Ex. principal e o conserva até o fim da guerra.

A profunda anarquia que reina no comando nortista só tem fim em 1864, com a nomeação de GRANT para o Comando em chefe das forças federais.

* * *

E assim termina o 1.^o ato desse grande drama que só teve fim em Abril de 1865, após quatro longos anos de luta.

O **Governo da União** já sente, depois do desastre, que só poderá levar a bom termo a gigantesca peleja se apelar para todos os recursos da nação.

E teremos, então, oportunidade de apreciar, perplexos, a excepcional capacidade de realização dum povo que, começando a guerra com um exército improvisado, no qual a Bda. era a maior unidade, consegue terminá-la, como disse o Gen. DEBENEY — “com manobras grandiosas, executadas, em frentes imensas, por vários exércitos, reunidos sob um mesmo comando e combinando seus esforços com o das forças marítimas”.

Do lado sulista, não menos empolgante será o espetáculo!

Os confederados lançarão tôdas as suas forças no cadinho; mas, para isso, como assinala o Cel. BAUDOUIN, sua indústria, sua agricultura e seu comércio ficarão paralisados.

Sua vida ficará suspensa, enquanto que o Norte, pelos seus inesgotáveis recursos, continuará quasi que em sua vida normal.

Daí, a desproporção formidável!...

Os dois adversários — à semelhança de duas nações — se empenharão a fundo na imensa pugna...

E ambos despertarão a nossa admiração: um pela sua **capacidade creadora** e o outro pela sua **resistência heroica** a uma poderosa nação de 22 milhões de habitantes!...

(Continua)

CAPITÃO “DESENROLADO”

*A principal qualidade do artilheiro
— é o discernimento*

Major R. SEIDL

1 — Em muitas circunstâncias, diante a rapidez de movimentos dos elementos inimigos e da multiplicação das necessidades de apóio de fogos para as nossas tropas, a premência do tempo e um melhor aproveitamento das atividades das Baterias constituem preocupação constante para os Comandantes de Grupo e seus Comandantes de Bateria.

Nêste ambiente surgem os problemas de tiro exigindo, a um só tempo, RAPIDEZ, OPORTUNIDADE e ACERTO na atuação, sem que, muitas vezes, tenham sido realizados os trabalhos preliminares necessários. Cumpre, por isso, aproveitar de modo completo os resultados dos tiros dados sob qualquer pretexto e agir de forma a obter rapidamente êsses resultados.

2 — Não raras serão as ocasiões em que, para ganhar tempo, o Cmt. do Grupo prescreverá às Baterias trabalhos diversos que, executados simultâneamente, resultará num máximo de rendimento com um mínimo de tempo e na mais completa cooperação. Caberá, conseqüentemente, aos Cmts. de Baterias explorar judiciosamente os resultados das suas observações de tiro.

3 — Admitamos que o Cmt. do Grupo, logo após a entrada em posição, ordenou a uma de suas Baterias a execução de uma regulação sôbre um Alvo Auxiliar (AA) tendo em vista determinar o valor das correções totais do momento em direção e alcance.

O Cmt. da Bateria que recién-chegou ao seu observatório apenas tem conhecimento:

— da vigilância de sua Bateria;

— que está à frente da posição de tiro (hipótese);
 — do AA. indicado pelo Cmt. do Grupo;
 o que não impedirá decidir logo aproveitar a oportunidade da execução da regulação percutente de precisão sobre o AA. para determinar, concomitantemente:

- a Relação de redução;
 - o Vetor de translação;
 - a posição relativa da Bateria e Observatório para utilização do Transferidor Universal;
 - os valores para a construção do Plano Perspectivo.
- 4 — Vejamos como poderia proceder.

a) — Identificado o AA. mencionado pelo Cmt. do Grupo, imediatamente seriam determinadas as suas coordenadas polares em relação ao Observatório:

- para a direção, em relação à vigilância;
- para a distância, telemetrando o ponto.

$$\phi = E 200'''$$

$$d = 2.000 \text{ m.}$$

b) — Atirar na vigilância da Bateria com a alça que convier, tendo o cuidado de dar 2 tiros bem separados para ter a certeza de VER e MEDIR. Medir a direção dos tiros em relação à vigilância do Observatório, tomando a média, se possível.

$$\begin{array}{l} \text{TIRO 1} \quad \left\{ \begin{array}{l} M = D 190''' \\ D = 3.000 \text{ m.} \end{array} \right. \end{array}$$

c) — Comandar um lance em direção de modo a aproximar o tiro da linha de observação (do observatório da Bateria). Nessa nova direção dar, também, 2 tiros com a mesma alça. Medir a direção dos tiros em relação à vigilância do Observatório, tomando a média, se possível.

$$\text{Vigl. } -|- 200'''$$

$$\text{Alça } 3.000 \text{ m.}$$

TIRO 2 { N = E 80 ''
{ D = 3.000 m.

5 — Dos tiros já observados, o Cmt. Bia. poderá determinar a *Relação de redução* e também a *Constante de observação* para concluir sobre as relações de redução a empregar em tôdas as demais distâncias de tiro.

Da relação

<i>dist. obs.</i>	<i>desvio comand.</i>
<i>dist. tiro</i>	<i>desvio observ.</i>

o Cmt. da Bateria tirará:

— a *Rel. red.*, dividindo o valor do desvio comandado pelo valor do desvio observado, ou seja

Dc	Dc	200	200
----	----	-----	-----

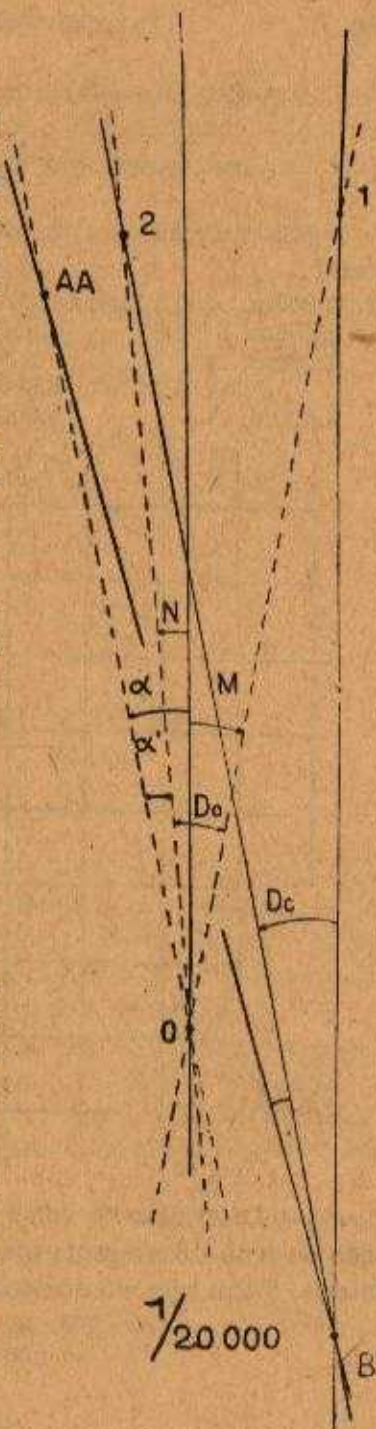
$$\frac{190}{270} = 0.7$$

— a distância de observação, multiplicando a distância de tiro pela relação de redução, ou seja

$$\frac{\text{dist. obs.}}{\text{dist. tiro}} = 0,7 \quad \text{portanto}$$

$$\text{dist. obs.} = 3.000 \times 0,7 = 2.100 \text{ m.}$$

A Constante de observação
se obtém:



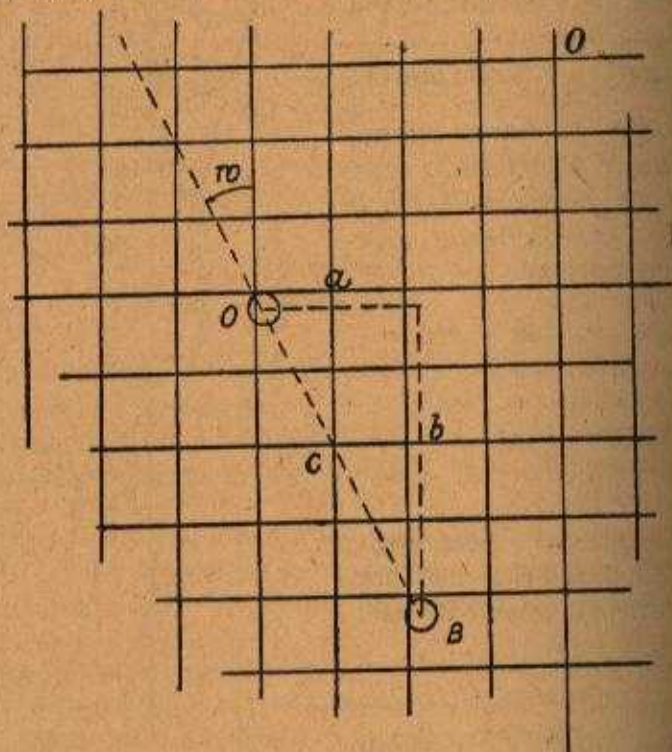
dist. tiro = 3.000 m.

 $C_D = 900 \text{ m.}$

dist. obser. = 2.100 m.

A Rel. redução para as diversas distâncias seriam (ver tabela):

para 2.000m. . . 0,5	para 4.000m. . .	de 6.000 em diante 0
2.500m. . . 0,6	4.500m. . .	
3.000m. . .	(0,8	
(0,7	5.000m. . .	
3.500m. . .	5.500m. . .	



6 — Determinar o valor de γ e multiplicá-lo pela R
lação de redução a-fim de que, dado o comando de direção
Bateria, o tiro seja conduzido para linha de observação.

$$\alpha' = \alpha - N = 200 - 80 = 120''$$

7 — Conduzido o tiro para a linha de observação, fazer uma regulação percutente sobre o AA. atirando como o arco nivel, sempre agindo com a Lei de Variação, chegando afinal a determinar os seus elementos :

- a direção, em relação à vigilância da Bia. (soma algébrica dos comandos de direção dados);
- o alcance, como fôr concluído na regulação.

A comparação desses resultados com outros, colhidos anteriormente ou determinados por outros processos, dará as Correções Totais.

8 — Para se obter a posição relativa da Bateria e do Observatório tendo em vista a utilização do Transferidor Universal e os valores de construção do Plano Perspectivo:

- a) — Tomar os valores do AA. determinados à bala (Bateria)

$$\begin{aligned}\text{Vigl. -|} & \quad 280 \text{ '''} \\ \text{Dist.} & = 2.900 \text{ m.}\end{aligned}$$

e os determinados à vista (observatório)

$$\begin{aligned}\text{Vigl. -|} & \quad 200 \text{ '''} \\ \text{Dist.} & = 2.000 \text{ m.}\end{aligned}$$

b) — Locar no Transferidor Universal "SONGADIR" o AA. com os elementos determinados à bala (Bateria); este ponto representará o ponto de Observatório. Fazer a mesma operação com os elementos determinados à vista (Observatório); este ponto representará o ponto da Bateria.

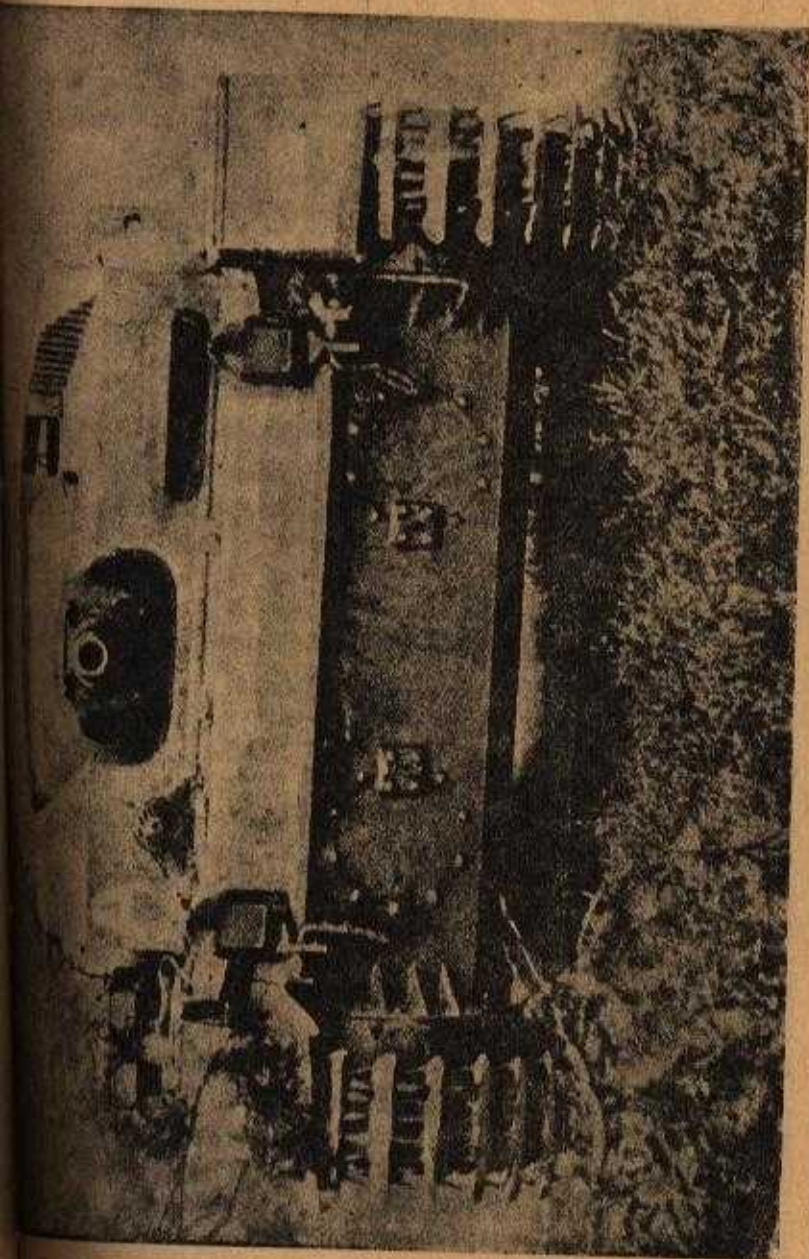
c) — Copiar, por decalque, em papel transparente a posição relativa de "O" e de "B" com a respectiva direção de vigilância. Estará o Cmt. da Bateria em condições de utilizar o Transferidor Universal para seus trabalhos futuros, nessa posição.

d) — Medir os valores de " ω ", "a", "b", "c" no próprio Transferidor Universal (escala 1/20.000). São estes os valores necessários à construção do Plano Perspectivo.

9 — Este Comandante de Bateria é realmente "desenrolado"... e parabéns.

ARTILHARIA DE ACOMPANHAMENTO

Trad. da revista alemã "Die Wehrmacht"



O canhão de acompanhamento, uma nova arma alemã, foi empregada, pela primeira vez, durante a guerra na frente ocidental. Não obstante sua blindagem e possibilidade de movimento nada tem que ver com as unidades coraçoadas, é apenas um sucessor da artilharia de acompanhamento da Infantaria na guerra mundial. Ele apóia a Infantaria na redução dos ninhos de resistência e posições organizadas, papel que no ocidente desempenhou brilhantemente.



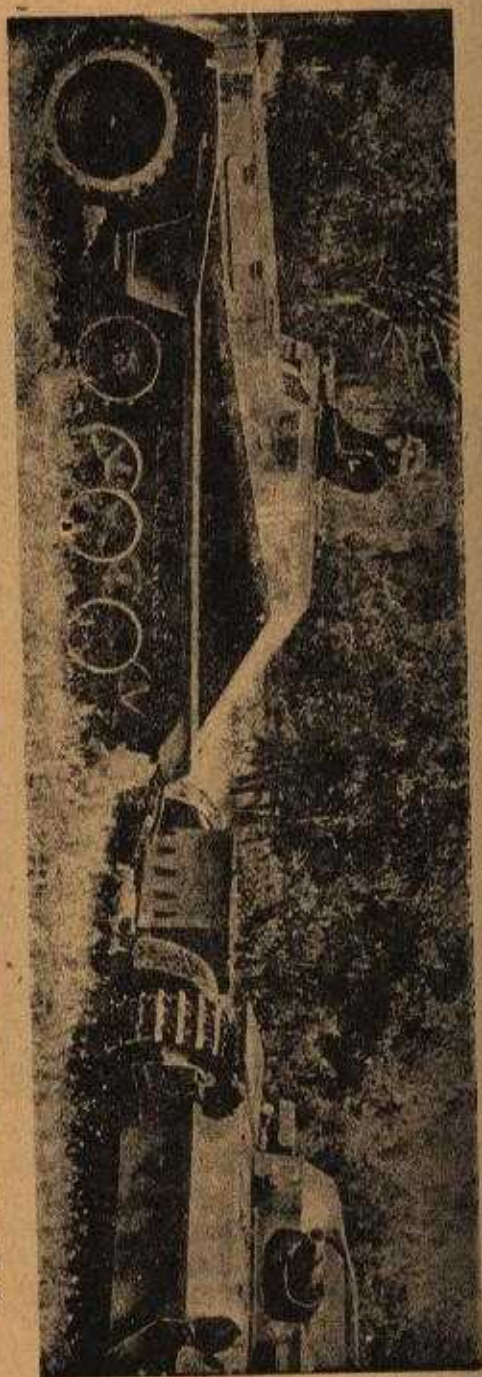
O canhão de acompanhamento alcançou sua posição de tiro.
Um sub-oficial, "saída forte" e procura ligação com a
Infanteria



A pequena distância do canhão segue o carro de munição, o qual
renuncia a Artilharia de acompanhamento de novas granada



Um Sub-Oficial como observador de Artilharia segue então os efeitos dos fogos do seu canhão.



Uma posição está pronta para ser ocupada e para o tiro. A bateria põe-se em marcha, o carro de observação na frente e atrás os canhões.



OS SERVIÇOS NAS UNIDADES DE CARROS

FERNANDO BELFORT BETHLEN

1.º Ten. de Cav.

As unidades de carros dispõem de pessoal e material especialmente destinados a zelar pela conservação e reaprovisionamento dos seus diversos elementos.

Todo comandante de carros tem como missão, durante o combate:

- a) zelar para manter o seu material nas melhores condições de conservação;
- b) empenhar-se a fundo no sentido de que os reaprovisionamentos necessários sejam feitos, com êxito, em qualquer circunstância;
- c) fazer proceder as depanagens e as primeiras reparações.

Após o combate cabe ainda ao Comt. da Unidade, o encargo de:

- a) reconstituir a unidade;
- b) recuperar o material destruído ou abandonado.

Tais operações constituem verdadeiras atos de combate porque do êxito das mesmas depende muitas vezes o feliz resultado de uma operação.

E' de se imaginar o esforço que deve ter sido feito pelo comando alemão para garantir o reaprovisionamento e zelar pela conservação da grande quantidade de material lançado em ofensiva nas planícies da FLANDRES, bem como a notável precisão com que o General WAWELL vem assistindo aos seus exércitos, ora em operações na AFRICA.

Vejamos, a título de curiosidade, algumas definições, que penso, esclarecerão certas dúvidas:

— **DEPANAGEM** — E' uma operação rápida, de pouca importância, realizada mesmo no terreno.

E' ainda o reboque de carros para uma cobertura ou para as oficinas e pôde compreender, enfim, a substituição de veículos automóveis de uma unidade.

— **REPARAÇÃO** — E' o concerto do material feito em oficinas. Pôde ser de 3 categorias: 1.º, 2.º e 3.º grau.

As reparações de 1.º grau referem-se mais ao trinca de rolamento e às trocas de conjuntos e permitem uma recuperação rápida do carro. São da alçada dos próprios corpos de tropa. As reparações de 2.º e 3.º graus exigem um exame mais demorado do material e, concomitantemente, pessoal qualificado e mais recursos em ferramentas e máquinas. O material fica imobilizado por algum tempo e elas são da alçada dos parques (2.º grau) e dos estabelecimentos do interior (3.º grau).

Para que uma unidade **viva e dure**, isto é, para que esteja em condições de combater é preciso fornecer-lhe:

- a) peças sobressalentes;
- b) munições;
- c) gasolina;
- d) ingredientes;
- e) água e víveres;
- f) fardamentos, etc..

O reaprovisionamento se decompõe, logicamente, em duas partes, o que já não constitui novidade:

- a) **distribuição às unidades;**
- b) **recompletamento dos órgãos distribuidores.**

A recuperação consiste em:

- a) apressar-se dos carros abandonados ou destruídos;
- b) enviá-los para a retaguarda, onde poderá ser tentado o reaproveitamento de toda a viatura, ou, em último caso, de algumas de suas peças.

A **reconstituição** é uma operação delicada e que sempre haverá de constituir um problema a ser solucionado no campo de batalha, pois decorre sempre do imponderável. Ela consiste, em suma, na reorganização de uma unidade que tenha sofrido perdas que possam afetar a sua eficiência como combatente. Tal operação consistirá, sempre, em fornecer à unidade em perigo, o pessoal de reforço e o material de substituição.

Fácil, se torna, em face do exposto, aquilatar-se das inúmeras dificuldades que se apresentam a um chefe de unidade blindada, cujas decisões deverão sempre, ser de grande prestígio. Oportunamente daremos alguns dados informativos sobre os meios de que dispõem as unidades de carros para viverem e durarem na fase das operações.

O Registro Civil e a Futura Lei do Serviço Militar

Pelo Major A. LYRA TAVARES

Na época destinada ao Alistamento Militar, aglomeram-se, às portas dos Cartórios, os interessados, premidos pelo receio das sanções legais ou levados pela propaganda inteligente, à espera de um lugar nas filas, que se alongam, porta a fora.

A primeira vista, parece que são êles mal atendidos, muito embora todos os processos normais, todos os interesses das partes, todo o expediente dos cartórios e, mesmo, atos de natureza urgente, sejam sacrificados para atender ao movimento intenso dos alistandos. É que êles não vão simplesmente satisfazer à formalidade simples do alistamento. Nós mesmos logramos verificá-lo. O cidadão X, enquanto todos os outros esperam, é atendido pelo escrivão. Quer uma certidão de idade, para fins militares. Quando nasceu (repete-se o mesmo diálogo)? — Não sei bem. A que Classe pertence? — Creio que à de tal ano . . . Depois de longa pesquisa, verifica-se que o cidadão X ainda não foi registrado. É um infrator da Lei, ou, antes, das várias leis posteriores ao Código Civil, que estabeleceram a obrigatoriedade do Registro Civil. Terá, pois, que ser registrado fora do prazo legal, a-fim de que o alistamento não fique prejudicado.

E as sanções legais a que deveria estar sujeito o cidadão X, pela falta de cumprimento da Lei?

— Como os documentos necessários ao Alistamento devem ser fornecidos gratuitamente, nem mesmo a multa se lhe aplica, e êle fica numa situação privilegiada.

É verdade que cousa semelhante se verifica, por ocasião do casamento, quando o juiz entende que a falta de certidão de idade pode ser suprida pelas chamadas "provas equivalentes", creadas pelo Código Civil, por mo-

tivos ocasionais imperiosos, para atender às dificuldades da transição do casamento religioso para o civil, na época da implantação do Registro Civil. Seria insensatez admiti-las hoje, na plena vigência da obrigatoriedade integral do Registro direto ou da justificação, quando a Lei só abre exceção para os *indigenas* (Dec. 4.857 de 9-XI-39).

Apesar disso, o cidadão que se eximiu, por negligência, por ignorância ou por cálculo, a essa obrigatoriedade, comparece ao Cartório, que é uma dependência da Justiça, tanto para o Alistamento como para o Casamento, livre de qualquer sanção, mas, ao contrário, como beneficiário das vantagens creadas unicamente para facilitar e prestigiar esses institutos, e nunca para estimular e premiar a ação dos infratores da Lei.

Em aviso-circular recente, o nosso Ministro solicita providências aos titulares dos outros Ministérios no sentido de que as cadernetas ou certificados de reservistas, apresentados por *imposições legais*, sejam devolvidos, sem demora, aos interessados. A medida, realmente, estava a impôr-se, como necessária. É oportuno lembrar, entretanto, que muitas autoridades judiciárias, apegadas às facilidades primitivas do Código Civil, já absolutamente revogadas, admitem e aceitam, como "prova equivalente", nas habilitações de casamento, os documentos referidos, como se procedia anteriormente, de forma que tais documentos passam a figurar, como peças essenciais, nos processos respectivos. Como, então, atender aos interessados militares, se não substituindo a prática, perniciosa e já sem explicação, pela exigência do registro ou da *justificação*, que é a única forma legal de supri-lo, no caso do cidadão que se apresenta à Justiça, confessando, perante a Autoridade, uma infração essencial e inadmissível?

Já é tempo de coibir-se o abuso lesivo aos interesses nacionais, pois, do contrário, o Registro Civil permanecerá

sem crédito, sem fé estatística, criando óbices a tôdas as indagações de ordem política e de ordem jurídica, para que foi creado, pelo Dec. 9.886, de 7-V-1888.

Os processos de alistamento e de casamento, em vez de o desprestigiarem, deverão ser, ao contrário, aproveitados para a verificação, a punição e a reparação da falta do registro, que é a formalidade essencial. Assim o entende a Legislação vigente e assim o deverá entender, expressamente, a futura Lei do Serviço Militar, prescrevendo a obrigatoriedade da justificação, tomada por termo, sempre que o alistando não fôr registrado, sem prejuizo de sanções severas, entre as quais a perda da vantagem da gratuidade, de modo que, a custa de medidas punitivas e de uma propaganda eficiente, possa ser estabelecido o pleno prestígio do Registro Civil, no Brasil.

Enquanto isso não fôr feito, não se poderão evitar:

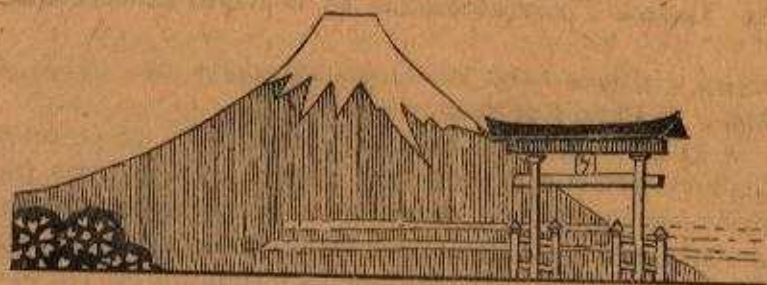
- a falta de respeito a uma disposição expressa da Lei;
- os vícios do Registro Civil, que não poderá ter fé estatística;
- o congestionamento do serviço dos cartórios, nas épocas do Alistamento;
- as dificuldades dos serviços normais da Justiça, pela impossibilidade de atendê-los, convenientemente, durante as referidas épocas;
- os prejuizos materiais, de tempo e de custas, com que arcam os oficiais de registro e a Fazenda Nacional, pela prescrição da gratuidade dos documentos referentes ao Serviço Militar, desde que a situação irregular dos alistandos, ainda não registrados ou desidiosos, exija buscas morosas nos arquivos e a confecção de documentos extraordinários;

— as graves deficiências dos serviços censu-
rios federais.

pressa da Lei;

Dentro das fronteiras nacionais a obrigatoriedade
integral do Registro Civil representa um índice básico da
organização nacional, pois, na falta dela, a União não
teria exercer uma ação eficiente sobre todos os brasileiros,
particularmente no que respeita à definição de direitos
e deveres e ao preparo da sua mobilização.

Estamos certos de que, à Comissão encarregada
de rever a atual Lei do Serviço Militar, não escaparam
no último alistamento, os inúmeros fatos que serviriam
de fundamento, em trabalho mais longo, as sugestões
que julgamos oportuno apresentar à sua clarividência
e seu patriotismo.



Causas e consequências do conflito sino - japonês

Ten-Cel. LIMA FIGUEIREDO

Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia
Membro efetivo da National Geographic Society, de Washington
e da Sociedade de Geografia, do Rio de Janeiro,
Socio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense.

LENINE "VERSUS" INGLATERRA. — Viu Lenine, nos largos sonhos de sua imaginação que, para espalhar o comunismo por toda a superfície do planeta, uma coisa era preciso — derrubar a árvore frondosa do imperialismo inglês. E, para isso, gente de foice e martelo seguiu para as insulas que formam a Gran Bretanha propriamente dita, para agir no seio da massa proletária, açulando os operários contra os patrões, e, no recesso dos marinheiros e soldados, a-fim de inverter o princípio basilar da disciplina e levar a anarquia aos navios e quartéis.

Esse ataque direto à Inglaterra e o estado de turbulência provocado na Europa não eram o fruto do pensamento principal de Lenine que julgou ver sua idéia conquistar o mundo, através da Asia. E quem diz Asia, quando se imagina anarquia e confusão, diz India e China — terras feracissimas para receber qualquer semente de rebelião.

No âmbito das idéias que acabamos de expor havia um quartel general comunista na "Casa dos Soviets" em Londres

e fortes e hábeis brigadas de doutrinadores nas glebas de Gandi e de Chan Kai Shek.

A 23 de fevereiro de 1927, o governo de S. M. o rei da Inglaterra advertia a União das Repúblicas Soviéticas pela atitude que ela assumia, citava, além de outros, Boukharine, como incumbido pelo Komintern de ajudar o exército de Cantão a expulsar os ingleses da China, e terminava por ameaçar o governo moscovita com a rutura das relações diplomáticas.

Funcionava a tal "Casa dos Soviets" num edificio de cinco andares, onde trabalhava uma delegação comercial soviética composta de mais de mil funcionários russos. A 12 de maio de 1927, uma centena de policiais britânicos atacavam-na de chofre e, após um interrogatório que durou dois dias e duas noites, conseguiram informações e documentos importantíssimos que revelaram claramente a ação do camarada Borodine, como um dos agentes enviados por Moscou em 1923, a Cantão, para organizar e dirigir a violenta campanha anti-britânica de 1925-27.

A Inglaterra sentiu os tártaros roerem os alicerces do seu magestático império, ganhou, após a memorável batalha em que foi derrotada a esquadra ibérica, perdendo a Espanha a hegemonia do mundo.

Quasi concomitantemente com a polícia inglesa, o marechal Chan Tso-lin que governava a Mandchuria e a China do Norte efetuou uma busca no *bureau* do adido militar russo em Peking e obteve notável quantidade de informações secretas, nas quais ficou provada a execução plena da fórmula leninesca — "defensiva na Europa, avanço na Ásia", evitando o cordão sanitário que as nações ocidentais haviam levantado para impedir a ofensiva vermelha.

O SOVIET NO IMPÉRIO CELESTE — Assim que a polícia chinesa começou o cerco do escritório do adido militar soviético, documentos importantes foram servir de combustível no fogão que estava semi-apagado, em virtude de, no mês de maio, ser a temperatura ambiente suportável. Mercedêsse fato, puderam os chineses saber cousas interessantes.

Vamos reproduzir as instruções dirigidas pelo governo russo ao seu adido militar em dezembro de 1926 :

"É preciso agora concentrar todos os nossos cuidados, para que o movimento revolucionário na China tome um caráter exclusivamente nacional. Em consequência é necessário fazer agitação em favor do Kuomitang (partido nacionalista), exibindo-o como o partido da independência nacional chinesa. Tirai tôdas as vantagens possíveis dos acontecimentos de Hankau e da posição tomada, a êsse respeito, pela Inglaterra. Mostrai que é a prova : primeiramente, do sucesso trazido pelo Kuomitang na sua obra nacional e, em segundo lugar, pela fraqueza das potências européas na sua política de oposição à revolução chinesa".

Vamos parar um pouco aqui para fazer algumas explicações, utilizando-nos do testemunho de um francês — M. R. d'Aurion de Ruffé. "Foi no fim do ano de 1925 que as forças de Chang Kai Shek, sólidamente enquadrada pelos oficiais russos e tendo à sua testa o general Galen-Blücher, começaram seu movimento para o Norte. Em Junho de 1926, os exércitos do Sul, chamados do Kuomintang, chegaram à parte central da China e, durante o outono dêsse ano, apoderaram-se de Hankau e das três vilas que se agrupam nessa parte do gigantesco Yangtse."

"Acham-se em Hankau, como em Changai, concessões estrangeiras: britânica, francesa e japonesa. O Governo britânico, considerando que seria bom, senão de correr em socorro do vencedor, ao menos de dar arras — não se sabe porque — ao deus comunista de Chang Kai Shek e acólitos, decidiu abandonar a êstes últimos as concessões inglesas de Hankau e duma cidade vizinha — Kiukiang."

E' a êsse fato que se refere a instrução que estávamos lendo. Os ingleses entregaram duas concessões sem proveito nenhum e os asiáticos não compreendem que se faça qualquer coisa desinteressadamente ou por simples generosidade. Um gesto dêsse gênero é sempre considerado como um sinal

de fraqueza. E, por este motivo, os ocupantes do Kremlin ordenaram ao seu adido militar explorar até o fim o lamentável acontecimento, incuntindo, naquela massa de 400 milhões de seres, a noção de que a Gran Bretanha começava a baquear pela reação vermelha dos soldados cantonêses.

Voltemos ao documento apanhado no fogão. "E' necessário organizar motins anti-europeus no território ocupado pelas tropas de Chang Tso-lin.

"E' essencial desacreditar a atividade de Chang Tso-lin, de denunciá-lo como um mercenário (queimado) capitalista e imperialista que entrava a obra da libertação da China do controle (queimado) mantido pelo Kuomintang.

"E' preciso organizar tumulto contra o invasor alienígena em particular contra (queimado) ingleses.

"E' necessário tomar tôdas as medidas para levantar a massa da população contra (queimado). Para esse fim é mistér forçar as potências estrangeiras a pedir socorro (queimado) na luta contra a multidão. A-fim de provocar a intervenção dos (queimado) estrangeiros, não recueis de maneira alguma, mesmo diante a pilhagem e Em caso de choque com as tropas européas, tirar todo o proveito possível dêsses incidentes para provocar agitação.

"Tende cuidado de não pôr em execução o programa comunista agora. Isto poderia reforçar a posição de Chang Tso-lin e agravar a cisão no Kuomintang Temos dado a Borodine ordem categórica de abster-se por enquanto, de exercer uma forte pressão sobre os elementos capitalistas e de esforçar-se por manter no Kuomintang tôdas as classes da população, aí compreendida a burguesia, até a queda de Chang Tso-lin."

Vamos fazer novo parênteses, deixando de lado, por um instante, o documento revelação.

O ex-pirata que governava a Mandchúria — general Chang Tso-lin — apoiava o govêrno de Peking e desenvolvia o seu país com o auxílio dos japoneses, pondo em estado dinâmico os múltiplos recursos da região, favorecendo assim

o seu desenvolvimento econômico. Por ser bom administrador e por ter angariado a amizade dos japões, caiu Chang no desagrado dos vermelhos e, por esse motivo a instrução russa focalizara o nome do senhor da Mandchúria com especial referência.

Continuemos, novamente, a leitura que vinhamos fazendo.

"Tendo em vista o movimento anti-europeu atual, é duma importância extrema manter o antagonismo que reina hodiernamente entre as potências. Em particular, é essencial isolar o Japão, porque é o país que pode, em curto prazo, enviar à China numerosas tropas. Convém, então, tomar precauções especiais para que os nipões residentes na China não venham a sofrer com a rebelião. Todavia no que concerne à agitação contra os estrangeiros, a exclusão do Japão poderia produzir uma impressão desfavorável. Assim é necessário dar ao movimento contra os estrangeiros a feição dum movimento anti-britânico."

Está aí toda a idéia de manobra dos soviéticos: engabelar todos os chineses para se manterem unidos na campanha xenófoba, jogar areia nos olhos vigilantes do Japão, desmoralizar o chefe que estava produzindo alguma coisa, provocar tumultos e movimentos contra os alienígenas em geral, mascarando-a com a legenda de que só desejavam hostilizar os britânicos, guardando o programa comunista para pô-lo em execução somente depois que a China estivesse totalmente convulsionada.

Na China os vermelhos acharam campo fácil para a transplantação de suas idéias. Na Índia, entretanto, encontraram todas as portas trancadas e uma polícia vigilante para embargar os passos daqueles que entrassem por lugares escusos.

O POLVO BRITÂNICO — Depois que a gente de Albion conquistou a Índia, tomou providências para que esse fruto opimo não caísse nas mãos de outros, de modo que continuasse a concorrer com a metade dos seus orçamentos para pagar

os loiros funcionários que gostam do conforto e sabem viver bem, mesmo longe da pátria.

A Gran Bretanha desejando afastar a conveniência vizinhos turbulentos, preparou por longo tempo o bote sobre o Tibeth, fazendo d'ele uma tamponagem contra a Índia e um seu mercado. Contudo a política asiática dos czares impediu a realização do seu intento. Petrograd encarava o plano mais gestoso da união dos povos budistas sob o patrocínio do Czar. Delegações tibetanas foram enviadas ao Kremlin e o czar mandou suas bênçãos e sua proteção ao Tibet sob a forma duma missão oficial que marcou época na Ásia, como início da confederação búdica. Em Lhasa esses projetos foram tomados como realidade e, sob a inspiração dos agentes russos, seus dirigentes recusaram-se executar as convenções anglo-tibetanas de 1890 e 1893 que abriam um mercado em Yatung. A Inglaterra não perdeu tempo, respondendo a esbarradeira com uma expedição armada composta de 650 soldados ingleses enquadrando 2.000 indígenas, a qual, sob o comando de Mr. Yanghusband, tomou Giantsé e entrou em Lhasa a 3 de abril de 1904. A 7 de setembro seguinte, o governo tibetano devia abrir o país aos agentes britânicos, que gozariam d'esse privilégio com exclusão de qualquer outro agente estrangeiro.

A China protestou contra o ato mas... pode-se considerar, atualmente, o Tibeth como um protetorado inglês a partir de 1904. Podemos dizer que há um Tibetequês inglês vizinho ao Mandchuoquês japonês. O exército tibetano foi modernizado, equipado, reorganizado pelos instrutores ingleses e munido de armamentos aperfeiçoados da Vickers-Armstrong. Mister Charles Bell, cônsul britânico em Lhasa, mostrou para a Inglaterra o poder civil de Lhasa, se bem que haja ameaça perene das audaciosas influências chinesas e vietnânicas. Em 1934, a dar crédito na agência *Univers*, a alguns quilômetros da capital do Tibeth foi instalada a primeira usina tibetana — uma fábrica de uniforme e equipamento militares. — E' assim que a Gran Bretanha levanta as tendas nas portas do seu vastíssimo império.

A Rússia saíra da grande guerra e da revolução bolchevista completamente esgotada. Se-bem-que seu novo regime visasse o capitalismo, havia uma grande necessidade de capitais estrangeiros, a-fim-de que o sistema comunista fosse posto em condições de funcionar. A nova política econômica de Lenine foi ditada por esta necessidade. Por isso, decidiu contemporizar com o capitalismo na Europa e lançar-se em assalto vigoroso contra o imperialismo europeu na Ásia.

Para Lenine a perda do mercado oriental, motivada por uma grande revolução que anulasse os interesses das potências imperialistas no Oriente, seria para elas a bancarrota econômica e uma revolução violenta.

Sabia Lenine onde estavam as feridas. Primeiramente levou sua atenção ao Afeganistão, desejoso de ferir os ingleses na Índia, já que estava com o caminho do Tibeth barrado. Em toda a fronteira afagã foram instalados postos de T. S. F. para doutrinação dos indus. Apóstolos do comunismo caminharam ao longo das rotas seguidas outrora por Gengis Khan e por Tamerlan. Aviões carregados de panfletos e filmes de propaganda comunista sobrevoavam os passos da alterosa Himalaia. Estudantes afegãos e indus instruídos em Moscou voltavam aos seus pagos como leais servidores do credo vermelho.

A-pesar-de tanto trabalho, os russos até agora encontraram barreiras inexpugnáveis que os britânicos ergueram, inteligentemente, para manter intacto seu império. A luta continua, favorecida neste momento com a sangreira européia. Há efervescência nas colônias. Os furgicadores de motins trabalham sem descanso. O ouro corre a rôdo. Mas, até hoje, tudo em vão. Sabem os ingleses que o esfacelamento do seu império será o desequilíbrio do mundo, surgindo um novo estado de cousa difícil de definir-se e de consequências imprevisíveis. Houve sempre raças dominadoras e raças escravas. A evolução do ideal humano ainda não atingiu ao climax, estando ainda longe o dealbar do século da liberdade. A gente de Nelson sabe disso e defende, heróicamente, o legado que

herdou não querendo, de maneira alguma, dar a outro povo a supremacia do globo.

Ainda agora, quando do meu regresso ao Brasil, pude ver como os ingleses tomam medidas de defesa em Hong Kong, Singapura, Colombo, Durban e Cap Town. Vi em Colombo, na ilha de Ceilão, edifícios públicos guarnecidos com trincheiras de sacos de terra e em tôdas as cidades asiáticas supra referidas uma movimentação de tropa continua que mostrava algo importante para o gênio tão fleumático do bretão.

A Inglaterra continua a levantar trancas, sabendo que foi eleita primeira vítima das maquinações dos estados totalitários.

ONDA VERMELHA NA ASIA — Vimos que a Índia ficou a salvo da invasão moscovita e, aprioristicamente, podemos afirmar que, enquanto os bretões não perderem a soberania dos mares, ela ficará a salvo do dedo de Moscou.

Dado isto, em novembro de 1926, ao-mesmo-tempo-que se desenvolvia a campanha anti-britânica na China do Sul, Boukarine declarou em Moscou que os esforços do Komintern deveriam concentrar-se na criação duma revolução chinesa, condição ímpar para desferir-se um golpe decisivo ao capitalismo europeu e, em particular, ao capitalismo britânico.

O primeiro passo nesse sentido já havia sido dado em 1920, quando foi instalada em Peking a seção do Kuomintern no Extremo Oriente. Em 1923, o camarada Borodine instalou-se em Cantão com as credenciais de conselheiro do dr. Sun Yat Sen, sendo resolvido entre ambos a vinda de armamento da Rússia, diretamente de Vladivostok a Cantão, sem escala em Hong-Kong.

A 10 de março de 1926, o adido militar soviético telegrafava ao seu correspondente em Cantão: "De Moscou fomos informados de que foi dada ordem para enviar para Cantão 6.000 fuzis, 10.350.000 cartuchos, 15 peças de campanha, 15.000 granadas, 9 canhões Rotenberg e 6.000 granadas, 10.000 granadas químicas, 50 morteiros e 5.000 granadas e artigos sanitários."

O governo russo organizou, além disso, uma academia militar sob o comando do general Chang Kai Shek que tinha visitado Moscou e estava nas boas graças dos soviets. O principal escopo dessa escola era dar ao exército quadros de oficiais subalternos, tendo uma instrução política.... No ano de sua criação já contava com 1.000 estudantes. O general Feng-Yu-hsiang, conhecido pelo nome de *general cristão* apesar de ser um ignorante *coolie*, recebeu o comando da escola de cavalaria organizada, no norte da China, pelo governo comunista.

O principal conselheiro militar de Chang Kai Shek foi o general Blücher, comandante-chefe do exército vermelho da Sibéria oriental.

Vamos agora fazer ligeiro perfil dos dois chefes escolhidos pelo Soviet para agirem em seu proveito no Império Celeste.

Feng Yu-hsiang é colossal e, quando anda, parece um gorila que vai quebrar tudo, usando a pitoresca expressão do Coronel Henry Casseville. Tem uma cabeça enorme, totalmente raspada; uma barba hirsuta, olhos penetrantes dum brilho provocante e astuto. Mr. Rodney Gilbert, em *Whats Wrong With China?* assevera: "Nascido coolie, ficou coolie e tem todos os instintos selvagens de sua classe." Para chegar a seus fins egoistas não trepida em mudar, ameudamente, de opinião. Em 1900 era cabo. Não tinha instrução mas repousava sua personalidade no triângulo: força hercúlea, astúcia infinita e crueldade sem entranhas. Subiu rapidamente os degraus da hierarquia e, em 1913, já comandava uma brigada. Criou um exército pessoal, bem na sua mão, bem exercitado e rigorosamente disciplinado a seu modo. Desejando dinheiro fez-se cristão — protestante — para tornar-se amigo das ricas missões americanas. Dizendo-se filho do povo usava o mesmo uniforme que os seus soldados.

Após 1920 seu nome estava ligado a todas as lutas travadas na República. Foi aliado de Ou Pei Fu, de Chang Tso Lin, dos bolchevistas, de Chang Kai Shek e a todos traiu.

Obrigou um presidente a demissionar-se e baniu o ex-imperador Pou Yi, atual governante do Mandchuko. Tinha o prazer diabólico de cortar a cabeça do próximo. Era assim o afamado — general cristão.

RETRATO DE CHANG KAI SHEK — O comandante da guarnição francesa de Tientsin — Coronel Henry Casseville — irá fazer o perfil do generalíssimo chinês.

"Um semblante amarelado, maçãs do rosto salientes, uma expressão de dureza que acentua o brilho feio dos seus olhos; um sorriso que é um ritus, descobre uma lingua branca; gestos sóbrios, uma voz seca que martela as sílabas. Tal é a impressão experimentada em face de Chang Kai Shek, cujo nome domina a história da China no decorrer desses últimos anos. Segundo dizem é um admirador fervoroso de Mussolini e de Mustafá Kemal, alimentando o sonho de tornar-se, como eles, um senhor absoluto. Algumas pessoas afirmam que não lhe desagradaria a corôa imperial; sua encantadora esposa, Soong Mei Ling, cujo caráter intrigante se alia maravilhosamente à energia que ela desenvolve, não se acharia deslocada sobre o trono duma dinastia nova."

"O chefe da coalisão vitoriosa em 1928 chegou bastante tarde ao primeiro plano do cenário político chinês. Nascido em 1886, na província de Chekiang, fez, depois de haver sido apagado funcionário de banco, seus estudos militares no Japão, na Escola Militar, de Tokio, e acompanhou em seguida um estágio num regimento de cavalaria japonês.

"Filiou-se ao partido revolucionário chinês e, em 1911, de volta à sua pátria, tornou-se secretário particular de Sun Yat Sen. Viveu, desde então, ao lado do grande homem, do qual soube captar a confiança e que o nomeou, em 1923, Chefe do Estado Maior do Exército de Cantão. Tomou parte nas operações empreendidas contra Tchen Kiong Ming que ele expulsou de Cantão. No fim do mesmo ano, Sun Yat Sen enviou-o à Rússia para estudar a organização do exército vermelho e os métodos de instrução dos Soviets nas suas escolas militares. De regresso, em 1924, criou a Escola de Cadetes de Whampoa, que dirigiu durante dois anos, encarregando

se, ele mesmo, da tarefa de formar oficiais imbuidos de ideais revolucionários. E' dessa época que data o início de sua fortuna política e a formação dum *eleitorado* indispensável a quem quizer exercer na China um papel preponderante.

"Em 1926 foi eleito, por um único voto, Chefe do "Comité Executivo do Kuomitang", sendo seu concorrente Wang Ching Wei."

"Quando o governo de Cantão decidiu a expedição contra o Norte, declarou-se generalíssimo dos exércitos revolucionários. Flirtou algum tempo com os comunistas Eugenio Ohen e Borodine em particular, para depois ficar inquieto com a influência que estes adquiriram no seio do "Comité Executivo" transferido para Hankau, romper com eles e instalar, em 1927, um governo em Nanking. Após a partida de Wang Chim Wei para a Europa, à disposição do grupo extremista de Hankau e dos Agentes Soviéticos, tornou-se o chefe do Kuomitang. Naquele mesmo ano foi obrigado a abandonar a China e escolheu o Japão para seu exílio de três meses, findos os quais retomou a direção do governo e a luta contra os exércitos reacionários de Chan Tso Lin. Em poucos meses conquistou o norte da China, expulsando dêle os nortistas. Em junho de 1928 era o grande homem da China nacionalista."

O COMUNISMO GANHA TERRENO — A luta contra os vermelhos foi longa e penosa. No início de 1935, Chang Kai Shek derrota o exército vermelho que começou a retrair-se para noroeste, de ordem do Komintern que acreditava, certamente, que os vermelhos chineses poderiam ser ajudados por Moscou através da Mongólia Exterior, onde desde 1921, um importante contingente de tropas do Exército Vermelho havia penetrado para expulsar os russos brancos do Gen. Ungern. Após obter êxito completo, os russos ajudaram a população indígena a estabelecer em Urga um governo provisório revolucionário do povo da Mongólia. As funções de primeiro ministro e ministro dos negócios estrangeiros foram confiadas ao camarada Boto, ex-padre lamista, que havia ensinado a língua mongol numa escola russa. O ministro da guerra foi um

açougueiro. O ministro das finanças foi o único que tinha alguma educação. Todos os mongóis influentes e capazes foram afastados do governo. A nóvel república passou a ser de fato, território russo e sua capital Urga recebeu o nome de *Ulan Bator* que quer dizer *direção vermelha*.

Foi nesse espelho que se mirou o Japão, quando invadiu a Mandchúria e fundou o Mandchuko dez anos depois, em 1932, expulsando do governo o jovem e fogoso general Chang Sue Liang e restaurando em Hsinking a dinastia mandchú com o imperador Pu Yi no trono.

INCIDENTE DE SIANFÚ — De 1923 a 1926 o Japão via a onda vermelha rolar pelo chão da China de modo tão forte que o ameaçava nas suas ilhas vulcânicas. O comunismo iria jogar, como jogou, os chineses numa luta sem fim — há 17 anos que não sabem o que é paz. Quando Chang Kai Shek, em 1927, voltou o braço contra os russos, os japões julgavam-se a salvo do cataclismo social. Todavia, inesperadamente, diz o senhor K. K. Kawakami, "a 14 de dezembro de 1936, como um golpe de raio num céu sereno, explode a nova de que o generalíssimo Chang, havia sido capturado pelo general Chang Sue Liang, antigo *senhor da guerra* da Mandchúria, tornado instrumento de Moscou, o qual o detivera em Sianfú, capital da província do Shensi. Das numerosas notícias sensacionais relativas a este episódio avultava uma de capital importância: além do pagamento duma vultosa indenização, Chang Kai Shek teria assinado um acôrdo, segundo o qual o exército vermelho receberia do governo de Nanking dinheiro e armas para combater o Japão, e o mesmo, Chang Kai Shek encarregar-se-ia de cessar a campanha que vinha conduzindo contra os rubros há sete anos. Ele não pôde esquivar-se de assumir êsses compromissos, porque, por motivos de política interna, considerava o Japão como inimigo irreconciliável da China".

"Imediatamente após este incidente dramático, em janeiro de 1937, o *Comité* central executivo do partido nacionalista de Nanking adotava uma resolução pela qual o programa do partido foi pôsto em harmonia com a ideologia co-

munista. E assim a aliança Komintern-Kuomintang rompida por Chang Kai Shek em 1927 foi por êle mesmo reatada”.

Nanking e Moscou começaram a rasgar sêda e a 21 de agosto de 1937 foi assinado um pacto de não-agressão, tendo como suplemento um acôrdo de assistência militar mútua assinado entre o partido comunista chinês representado por Chu En-lui e o Komintern, representado por Lenine (com aprovação dos dois govêrnos).

Essa aliança, senhores, foi uma das causas da sangreira que rega a China inteira na peleja cruenta que destrói impiedosamente irmãos de raça. Foi a Rússia, a miserável Rússia, que armou o braço do povo chinês contra a Inglaterra, fazendo-o agir contra o Japão, no momento que sentiu que êste povo era a linha Maginot, levantada na Ásia contra o comunismo.

(Continúa)

“A DEFESA NACIONAL” publicará a seguir:

- *Diretrizes de Instrução da 1.^a D. C.*, — Cel. J. B. Magalhães
- *A promoção por merecimento no Exercito* — Major Ivano Gomes.
- *Notas de tática aérea* — Major Nilo Guerreiro.
- *Pedagogia* — Ten. Cel. Alcindo Nunes Pereira.
- *Um pouco de história Militar* — Cap. Newton Franklin do Nascimento.
- *O engajamento* — Major Carlos Coelho Cintra.

As Operações Militares Sobre a Frente Ocidental

(Conclusão)

DE 10 DE MAIO A 25 DE JUNHO DE 1940

V

A retirada Geral dos Exércitos

A 12 de Junho estando o armistício afastado, duas soluções podiam ser encaradas:

A primeira consiste em permanecer firme na posição fortificada e a rebater o dispositivo em torno de Longuyon. Abandona deliberadamente ao inimigo o território nacional e não deixa outra perspectiva além da capitulação no Este ou a retirada na Suíça.

A segunda consiste em abandonar a posição fortificada e tentar retirar em direção ao Sul com um conjunto de forças coesas. Dá a esperança de furtar o grosso do exército à capitulação.

E' esta última que é adotada a 12. O recuo geral ordenado deve encontrar seu termo próximo ao entrincheiramento do Orne, o baluarte do Loire, Morvan, Côte-d'Or, Jura. O grupo de exércitos do Este não deixará na linha Maginot senão as guarnições das obras e recolherá tôdas as tropas que ocupam os intervalos. Esta suprema tentativa não poderá, allás, ser bem sucedida senão em parte.

A retirada para o Oêste do X^o. exército (12-18 de Junho)

A esquerda, o eixo de retraimento dado ao X^o. exército sobre Rennes o afasta dos exércitos do Centro. Uma brecha se cria rapidamente em direção a Evreux e Pacy-sur-Eure, a 12 e 13 de Junho. Dreux é atingida a 14 pelo inimigo. A 15 e 16, o X^o. exército prossegue seu recuo sobre Dives; à sua direita, tendo a missão de manter a ligação entre ele e os exércitos do Centro, um corpo de cavalaria com três

divisões mecânicas ligeiras contem o inimigo no eixo Chartres-Chateaudun-Blois. Mas, a partir de 17, o dispositivo desmedidamente estenso do exército, se rompe e infiltrações de carros inimigos se produzem por todos os lados em direção de Vire, de Mans e depois de Angers.

O dia 18 assinala a irrupção das colunas alemãs motorizadas em todo o Cotentin e a Bretagne. As tropas existentes na Normandia, são envolvidas, o Estado-Maior do Xº. exército é feito prisioneiro em Rennes. Uma pequena parte do exército, o IIIº. corpo com o General de la Laurencie, e um grupamento de cavalaria recuam para o Loire em Nantes, cuja defesa asseguram.

O avanço alemão para o Sudeste (12 a 18 de Junho).

Entretanto, no setor Este do campo de batalha, frente ao VIº., ao IVº. e ao IIº. exército, os dias de 12 e 13 foram assinalados por uma progressão profunda dos Alemães em Champagne, de um lado a outro da montanha de Reims e de Epernay.

Ao Sul de Château-Thierry, o VI exército francês alterado sobre a direção Montmirail-Sézanne-Romilly foi dividido em dois. Na frente do IV exército francês, massas de carros enfiaram pelo dispositivo em direção de Châlon e de Vitry-le-François, enquanto que a ala esquerda do II exército francês, que estava em via de recomposição sobre a linha Longuyon-Verdun-Clermont foi rechassada junto ao Ornain que o inimigo havia transposto, penetrando para Saint-Dizier.

A 14 de Junho, uma imensa bolsa era criada com o dispositivo dos VI, IV e II exércitos. Explorando rapidamente em profundidade, o deslocamento da frente francesa obtida a 13, e adiantando-se das unidades dispersadas que não podiam oferecer mais que uma resistência esporádica, os Alemães atingiram as proximidades de Monteriau, Sens, e Troyes; aproximavam-se de Chaumont e de Neuf-Château, progredindo nas duas direções mestras de Troyes-Nevers e de Chaumont-Besançon.

A 15 de Junho a rutura do dispositivo era completa e já Clamecy, Gray, Vesoul eram atingidas. A 16 os alemães entravam em Besançon. A 17 era em Pontarlier que eles barriavam a fronteira helvética, cortando assim a retirada dos exércitos de Este para o Sul. Na sua marcha rápida, não haviam encontrado senão os elementos ativamente empregados pelo restante das divisões em retirada, ou as tropas territoriais, rapidamente desmanteladas ou ultrapassadas, nenhuma reserva havendo mais disponível.

Diante do avanço alemão uma multidão de refugiados engarrafava os caminhos e tornava impossível os movimentos de tropas.

A evacuação de Paris e a retirada para o Centro

Enquanto que essas operações se desenrolavam a Oeste, em Champagne e em Bourgogne, que era feito das forças francesas na região de Paris?

O exército de Paris recentemente criado (general Heering) e o VII exército, instalados a 11 de junho atrás do Oise e ao norte de Paris, pareciam poder oferecer uma séria resistência. Mas os progressos dos Alemães a Este de Paris sobre o Sena e o Marne obrigaram o comando a abandonar esta posição.

Na noite de 12 para 13 o recuo foi efetuado para as trincheiras da área parisiense, o canal de l'Oureq e o Marne. A 14 o exército de Paris e o VII exército continuavam sua retirada, abandonando a capital, declarada "cidade aberta". Sob as ordens do General Besson eles se retiraram em ordem em direção ao Loire. Atrás deles, os Alemães aproximavam-se do rio a Oeste de Orléans a 18 de Junho. A 17 de Junho a guerra estava irremediavelmente perdida para a França. No mesmo dia era pedido o armistício pelo novo governo francês, presidido pelo Marechal Petain. A fim de evitar destruições tornadas inúteis, as cidades com mais de 20.000 habitantes, eram declaradas "abertas" e não deviam ser defendidas.

As últimas operações no Centro (18 a 25 de Junho)

Na data onde chegamos (18 de Junho), não é mais possível ao comando francês fazer frente à progressão inimiga. Desde o dia 15 de Junho começou a manobra chamada dos tampões. Todos os meios recuperáveis em pessoal e material devem ser utilizados nos cortes do terreno, encruzilhadas e os pontos de passagem obrigatória. Mas esta manobra não pode visar deter as tropas alemãs; apenas as retardará.

Neste momento a Oeste não resta do X exército senão o 3.º corpo com o General de la Laurencie e um agrupamento de cavalaria os quais atingiram o Loire em Nantes. O resto do exército francês foi cortado em dois pedaços combatendo isoladamente: de uma parte, o grupo do exército do General Besson (exército de Paris, VII exército, e elementos do VI) que se retirou sobre o Loire e o restante dos IV e II exército retrocedendo em marchas forçadas, ultrapassadas em velocidade, no seu flanco direito, pelos Alemães, que se infiltram pelos corredores do Allier e do Saône; de outra parte, o grupo do exército n.º 2 fechado no triângulo Strasbourg-Commercy-Belfort. Apenas as tropas do General Besson haviam chegado perto ao Loire, e logo ficou patente a necessidade de prosseguir o movimento de retirada para o Macisso Central, aproveitando os cortes do Cher, do Indre do Creuse e do Vienne. Uma dupla ameaça se desenhava efetivamente a Este e a Oeste.

A direita, o profundo avanço das colunas alemãs em direção ao Morvan, ao Haute-Loire e ao Allier ameaça a retaguarda das linhas de retirada do exército de Paris e do VII exército. Já a 19, depois de tentarem fazer saltar os tampões de Moulins e de Saint Ponçain, as forças alemãs avançam para Vichy, que ocuparam, assim como Roanne, depois de haverem transposto o canal do Centro em Digoin. A oeste, após haverem tentado em vão transpor o Loire em Tours e em Saumur atravessam o rio, a 19, em Nantes, de clarada "cidade aberta". A 20, é em Saumur e a Este de Tours que elles progridem, malgrado uma resistência

encarniçada que lhes causa sérias perdas. Após terem rompido, próximo ao Cher inferior, a esquerda do VII exército e espalhado as tropas de 3 divisões, atingem o Indre em Châtillon e Buzançais, enquanto que mais a Este penetram até Montluçon e Riom.

Tentando lhes escapar a 21, os IV e VII exércitos, assim como o exército de Paris o conseguem a Oeste de Montluçon, mas nas alas para Thouars, Cholet a Oeste e para Clermont-Ferrand-Issoire a Este, a progressão alemã continua.

Nos dias 22 e 23, atrasados pelas retaguardas e pelos tampões colocados em tôdas as passagens forçadas, os alemães não atingem sinão Rochefort, Royan, e depois Saintes. Para a direita se aproximam de Saint Etienne, onde agrupamentos temporários, formados com o restante do IV exército francês e elementos regionais, os retardam.

Eles não prosseguem, aliás, tão rapidamente depois que a cessação das hostilidades parece iminente. A 24 de Junho, não existe mais contacto com os exércitos adversários no Massiço Central. Alguns combatentes se oferecem, todavia, ainda no vale do Rhône, onde as tropas alemãs atingem Tournon.

A 25 pela manhã o armistício suspende o combate.

Durante a retirada de 400 quilômetros, as forças francesas são ainda diminuídas. As passagens pelo Loire e Cher, no meio de refugiados e sob os bombardeios aéreos acarretam a perda da artilharia e do armamento pesado da infantaria.

Destacamentos esgotados perderam-se ou foram alcançados pelo inimigo.

No total, os quatro exércitos que recuaram para o Massiço Central não contem 65.000 combatentes, o valor dos elementos de cinco a seis divisões.

As últimas operações no Este.

No grupo de exércitos de Este, separados do resto da França desde 17 de Junho, as operações prosseguiram, todavia, com tenacidade. E' nesta data que os alemães transpõem o Rhin conseguindo conquistar uma cabeça de ponte na Alsácia, na região de Rhinau-Gerstheim.

A 18, o VIII exército, ala direita das forças francesas, toma pé nos Vosges, enquanto que mais ao sul as tropas dum corpo de exército tentam uma penetração em direção de Besançon.

Ao Norte, os III e V exércitos franceses detêm os alemães na linha Commerci-Château Salins-Sarrebourg, apesar dos violentos ataques com carros e aviação.

No dia seguinte Belfort é tomada e, a Oeste, Lure e Luxeuil caem. Para Besançon, o 45º. corpo de exército francês se encontra separado de seu exército e, tendo a região de Epinal caído nas mãos dos Alemães, não existe mais ligação entre o VIII exército ao sul e os III e V ao norte. Estes dois últimos tentam uma derradeira manobra em direção a Nancy e Jussey.

Mas o esgotamento rápido dos víveres e das munições não lhes permitem prosseguir a operação.

Então o drama se precipita. O VIII exército, cercado por 6 divisões e 2.000 carros blindados, oferece combates encarniçados nas gargantas dos Vosges, em Ballon d'Alsace e no Mosele. Os III e V, entre Meuse e Mosele, resistem ainda, particularmente em Ramiremont, porem, não existe mais abastecimento. A 21 de Junho a situação torna-se insustentável, tôdas as ligações cortadas e tôda a esperança da chegada de víveres ou de munições deve ser abandonada.

O General Condé pede a 22 autorização para depôr as armas, o que lhe é concedido.

O combate cessa às 15 horas, enquanto que o VIII exército acaba de passar à Suíssa. Nessa data, o grupo de exércitos de Este possui menos de 10.000 combatentes.

Maugrado a ordem dada de cessar o combate a 22, algumas unidades de campanha e tôdas as guarnições da linha Maginot, não avisadas oficialmente a 25 da conclusão do armistício, recusam render-se e prosseguem a resistência.

Não é senão muitos dias depois, com a intervenção de comissões de oficiais franceses acompanhados de oficiais alemães,

mães, que os defensores aceitam entregar suas posições e se constituírem prisioneiros, como estipulava o protocolo assinado entre os comandos dos dois exércitos.

As Operações na Frente dos Alpes

A 1 de Junho a Itália, declara guerra à França. O exército Francês dos Alpes, comandado pelo General Obry, não compreende senão 3 divisões reforçando os setores fortificados, ocupados por cerca de quarenta batalhões de caçadores de fortaleza. As operações se desenvolvem lentamente, e de 10 a 18 de Junho se limitam a golpes de mão italianos visando a posse dos observatórios situados nas proximidades da fronteira.

Estas tentativas são frustadas aliás, em quasi todos os pontos, apesar da fragilidade dos efetivos da defesa.

De 18 a 25 de Junho os Italianos exercem sobre o conjunto da frente, uma pressão que atinge ao seu máximo, de 21 a 25, ao Norte, em Tarentaise e em Mauriune, e ao Sul entre Antion e o mar.

Apesar das condições atmosféricas desfavoráveis, que reduzem as possibilidades de defesa, eles são rechassados completamente para as suas posições de partida, e não conseguem contacto com a linha de resistência senão em alguns pontos. A maior parte das posições de postos avançados que transpuzeram ou cercaram resistem ainda até 25 de Junho. Mas enquanto se defende face aos Italianos, o exército francês dos Alpes deve igualmente cobrir suas retaguardas ameaçadas pelo avanço alemão no vale do Rhône.

A 18 os Alemães entram em contacto com as tropas colocadas na linha do Rhône, ao Norte de Lyon. Depois de terem atravessado à 19 as pontes intactas de Sion, declarada cidade aberta", eles rechassam sobre o Isère o agrupamento do General Cartier, encarregado de os retardar. De 11 a 25 pro-

curam em vão forçar a passagem em Voreppe na direção Grenoble, enquanto que mais a Este, tendo conseguido traçar a ponte do Rhône em Culoz, prosseguem em direção Anneci e Chamberry.

A 25 de Junho o armistício suspende o combate.

Maugrado sua fraqueza em efetivos o exército francês dos Alpes cumpriu sua missão.

A V I S O

Os exemplares mensais de "A Defesa Nacional" são colocados no Correio até o dia 10 de cada mês e os erros impressos por meios mecânicos, que excluem a possibilidade de erro ou omissão por parte do pessoal da seção de remessa.

Por outro lado, dispomos de um funcionário encarregado de acompanhar o destino dos oficiais pela leitura dos Boletins das Diretorias, a-fim-de que esta Revista vá ao encontro dos assinantes, onde quer que eles estejam.

A-pesar destas medidas, alguns camaradas reclamam por não receberem os seus números. Atendemos invariavelmente estas reclamações, mandando um novo exemplar.

Para sanar este mal, os remédios estão nas mãos dos nossos assinantes e são os seguintes:

- 1º — SEMPRE QUE FOREM TRANSFERIDOS OU MUDAREM DE RESIDÊNCIA, COMUNIQUEM À SECRETARIA DA REVISTA.
- 2º — REMETAM RS. 4\$800 POR ANO OU RS. 2\$400 POR SEMESTRE, PARA QUE OS NÚMEROS MENSAIS SEJAM REGISTRADOS NO CORREIO.

O NÚMERO DE JANEIRO ESTÁ ESGOTADO



LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

POESIA EPICA

Pelo 1.º tenente UMBERTO PEREGRINO

Arnaldo Nunes — Laguna (poema) — Biblioteca Militar — 1940.

O leitor desprevenido fechará este volume apenas voltadas as primeiras páginas. Entretanto, quem tenha percorrido a "Nota" introdutória e seja bastante esportivo, lerá muito, lerá talvez o poema todo...

A "Nota" começa arrolando conceitos sobre o "senso estético" e o "belo", erudição, diga-se de passagem, um tanto barata, por isso que retirada, transparentemente, do compêndio escolar de Ludgero Jaspers. Aristoteles, Plotino, Kant foram citados de lá. Confira-se às páginas 296, 303 e 295 do "Manual de Filosofia tradução resumida e adaptada do Cours de Philosophie de Ch. Lahr", 2.ª edição, Comp. Melhoramentos de S. Paulo. Até a citação de Kant está imperfeita.

"O belo é essencialmente desinteressado" só lhe pertence substancialmente. O conceito textual do filósofo de "A crítica da Razão Pura" vem a ser: "O belo é uma finalidade sem fim". (Manual, p. 295) Depois dessa brilhaturazinha filusofica, refere-se a "Nota" à propalada crise da poesia, mas considerando-a do ponto de vista da remuneração dos poetas. Ora, o que vem preocupando os críticos não é bem isso. A crise assinalada, discutida e ainda por definir, é um fenómeno geral e profundo, seguramente uma crise poetica do homem, neste momento crucial da sua cultura. O Sr. Arnaldo Nunes, porém, não perde tempo e chega onde queria: ei-lo arrasando com os "modernistas" e gabando-se de ser "passadista". Encara o modernismo como já encarara a crise da poesia, com um prodigioso simplismo. E aquilo que foi um movimento poderoso, oriundo de um estado de espirito universal, e que entre nós somente veio a furo com a geração que "se abriu para a vida da intelligencia criadora, depois da prova de 1914-1918" (Tristão de Ataíde), movimento que inscreve nomes como Graça Aranha, Manoel Bandeira, Tristão de Ataíde, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, que está sendo estudado pelos especialistas ainda muito precariamente, em razão da proximidade, pois bem, pelo Sr. Arnaldo Nunes é tido como coisa infima. Escreve "modernista ou deformista", numa definição de supremo desprezo, embora conceda, generosamente, que alguns fazem prosa "às vezes boa, para confundir". E, segundo todos os sinais, supõe que o "modernismo" ainda existe... Ou pôde ser que use a expressão a seu modo, sem o consagrado sentido histórico-literário, o que seria estranho, pois a discussão é precisamente literária.

Por tudo isso, ao fim da curiosa "Nota" o leitor estará excitado, sofrego por conhecer os versos de quem vinha distribuindo justiça com tão impavida suficiencia... Mas nelles encontra apenas a decifração da "Nota": o autor subestimando inconscientemente o seu produto, sob a ação de secretos sentimentos de desconfiança, derivados da avaliação comparativa com certos valores normativos, como observaria

Holub, compõe aquela "Nota" apasiguadora de si próprio. Já Adler nos havia advertido que o complexo de inferioridade, "assim como pode revestir o aspecto hesitante e melancólico da modestia, da timidez, da insegurança, pode também apresentar-se com aparências de superioridade: autoritarismo, arrogância, orgulho, violência, tirania." Neste caso do Sr. Arnaldo Nunes, Deus me perdôe, mas não há que duvidar, o "complexo" está iniludivelmente caracterizado... A análise do poema demonstrá-lo-á.

Como primeira observação cabe denunciar que o poema carece de poesia. Dir-me-ão que exagero, e eu é que sorrio. Não virei com as eternas e sutis razões da filosofia da arte, argumentarei com o próprio poema. Veja-se a sua abertura, que colsa desmedidamente prosaica:

"Arduo problema são as retiradas estratégicas, essas arrancadas em que o comando, além do mais, se esgota para não dar ensejo à indisciplina".

Outra amostra de negação poética: "O' provação, ó tragica odisséia, de que é difícil se fazer idéia." (p. 40)

E mais outras:

"E ao vibrar dos clarins, espaço em fóra, movimentava-se a tropa, que ligeira, porém disciplinada e precavida, lá vai, já do outro lado, na investida, muito além dos limites da fronteira". (p. 74).

"Se há pouco havia alguém que, por prudencia, julgava ser de toda conveniencia o regresso imediato da coluna". (p. 77)

"Perdido Camisão, cumpre a lacuna sanar. E no comando da coluna, por sucessão legitima, o major Gonçalves é investido, ao mesmo dia, com um agrado geral que não podia de fato ser maior". (p. 132)

"Depois de tormentosa travessia, feito de verdadeira acrobacia, eis do outro lado a tropa em formação (p. 136)

"Esse alferes que sempre se mostrara de uma bravura inquebrantavel, rara, e incurvavel cerviz." (p. 137)

"Essa aldeia de gente pobre e boa, que assim, perversamente, se esborôa, sem um pingão de dó." (p. 139)

"A certeza, porém, de estar já perto o fim da luta, proporciona um certo alívio, imensamente salutar. Vai-se atingir, em fim, o Aquidauana. Dentro de pouco mais de uma semana deve-se lá chegar. (p. 143)

"Volta o silêncio. Desabaço enorme, o fogo, o rancho, o luar... A tropa dorme... Sono reparador..." (p. 146)

Impossível copiar o poema todo, mas posso garantir que o seu tom não varia. Em muitas ocasiões o sr. Arnaldo Nunes mostra-se mais radical e mais prático: utiliza uns versos adverbiais, que enchem linhas prontamente, a torto e a direito.

"A soldadesca, ao som da clarinada,
que ecôa pelo espaço, de repente
vai preparando ritmadamente,
O reinício da asperrima jornada". (p. 32)

Aqui o adverbio é duplamente prestimoso: dá metade do verso e rima, embora seja falsa, até esquisita, essa jornada preparada ritmadamente.

Alguns outros exemplos sem comentário:

"Esplendorosamente se descera" (1) (p. 37)

"Completamente presos e isolados" (p. 39)

"Violentamente, implanta-se a palustre" (p. 41)

"O tempo estritamente necessário" (p. 47)

"Era, de fato, achar, principalmente" (p. 48)

"E carinhosamente transportando" (p. 56)

"Bebe, solenemente, a água impetuosa" (p. 68)

"E nos vigia cautelosamente" (p. 72)

"Justo (2) às palmeiras, irritantemente" (p. 77)

"Fazendo exibição, principalmente" (3) (p. 81)

"O instante de ferir, violentamente," (p. 83)

"Disciplinadamente, à vista arguta" (p. 85)

"Aproximando-se, rapidamente" (p. 86)

"Quando, subitamente, a infantaria" (p. 97)

"Incontestavelmente, na esperança" (p. 98)

"Estrepitosamente, fibra a fibra" (p. 99)

(1) — Há-de ser "descerra".

(2) — Há-de ser "junto".

(3) — A mesma construção e o mesmo vulgaríssimo adverbio da p. 48.

"Num sofrimento imensamente horrendo" (p. 108)

"Sinistramente a noite se acentua" (p. 122)

"A tarde morre, dolorosamente" (p. 114)

"Tão cheia de valor, principalmente" (1) (p. 128)

"A noite desce, dolorosamente" (2) (p. 131)

"Horripilantemente mutilados" (p. 138)

"Alívio, imensamente salutar" (p. 143)

"Esplendorosamente se descerra" (3) (p. 144)

Não se impugna o uso do adverbio em si, é claro. A expressão poética, conquanto sujeita a muitas restrições, não pode recusar sistematicamente nenhuma categoria de palavras. O que se reprova é o abuso, é o apelo imoderado a verdadeiras "formulas" para ocupar espaço, é o emprego de construções como "o tempo exorbitantemente necessário" (p. 47), de uma vulgaridade sensível a qualquer ouvido sem responsabilidades poéticas...

A adjetivação de que se serve o Snr. Arnaldo Nunes é sempre pobre, às vezes defeituosa. Pobre no sentido de fácil, inexpressiva. Por exemplo, dá muito consumo a "indescritível". Ora é uma "longínqua e indescritível ilha" (p. 39), depois as "indescritíveis penurias do sertão" (p. 62), adiante "dias de horror, indescritíveis" (p. 106) e já noutro passo a "retirada cheia de dor indescritível" (p. 138). Confortável adjetivo!... Estou jurando como ninguém se comoverá à notícia de que a "infantaria vem transpondo os maiores obstáculos". (p. 43) Qualifica o beriberi de "horrível", contudo seus preferidos são "horrendo" e "tremendo": "quadro horrendo" (p. 74), "jogo horrendo" (p. 102), "sofrimento horrendo" (p. 108), "espetáculo horrendo" (p. 101), "tremendo mal" (p. 137). Também aprecia "eletризante", infalível nos programas cinematográficos que se referem a fitas de aventuras: "brado de revolta eletrizante"

(1) — Pela terceira vez (ps. 48-51) construção igual, com o principalmente...

(2) — Outro expressivo flagrante dos processos poéticos do sr. Arnaldo Nunes. Na p. 114, a tarde morria "dolorosamente"; 17 páginas adiante repete-se o mesmo fenómeno, com o mesmo adverbio...

(3) — Confira-se que na p. 37 já figurou o mesmo verso. A repetição é integral. Em ambas as ocasiões vem literalmente o mesmo, e referindo-se à terra, ao nascer do dia.

(p. 26), "entusiasmo eletrisante" (p. 71), "crispação eletrisante" (p. 81). Mato Grosso recebe a classificação de "inhóspito" (p. 32), como lhe daria um reporter. Quatro páginas adiante volta ainda o adjetivo. Na página 56 (esplêndida melhora" e "duríssimos instantes"; mais adiante (p. 78) o "nosso audaz soldado" consegue "alta vantagem"; noutra lança há "confusão imensa" (p. 85). Porém, neste terreno da adjetivação, resta ainda assinalar um cacoete vocabular do sr. Arnaldo Nunes — ele não passa sem escrever "brutal" ou "bruta". Logo na página 22 o primeiro sinal: "a luta imperialista, imensamente bruta". E vem vindo a série: "pôr-se, de repente, furioso, sobre nós, em massa bruta" (p. 72); "investe, em massa bruta, (1) fulminante" (p. 98); "rigor da natureza bruta" (p. 40); "novas lutas imensamente brutas" (p. 62 — bis, no plural, da p. 22); "natureza bruta" (2) p. 123); "bruto patetico, estarrecedor" (p. 143); "inimigo brutal" (p. 58); "enfermo brutal" (p. 143); "inimigo brutal (1) (p. 94); "fúria brutal" e "ribombos brutais" (na mesma página, p. 99); "solução desesperada, brutal mesmo" (p. 113).

Disse que a adjetivação era, por vezes, defeituosa. Examinemos algumas impropriedades clamorosas: "o campo rispido da luta" — sempre vi empregar "rispido" no sentido de severo, intratável, rígido, grosseiro, referindo-se a pessoas (Aulete - Dic. Contemporaneo); "desejo empolgante" (p. 64) só mesmo para rimar com comandante; "lodo putrefato" despreendendo "emanação estonteante" (p. 106) é inédito; de uma mulher perfumada, de um ambiente recamado de flores, de uma mesa com bons pratos, podem vir emanações estonteantes, mas de lodo podre talvez as emanações sejam apenas nauseantes; "o tumulto das cataratas" seria até elogiável, mas acrescentar "e das ribanceiras" (p. 30) não vai bem, porque tumulto supõe sempre movimento, e nem sequer a descrição é de quem viajasse numa condução veloz, de forma que as ribanceiras pudessem ser vistas em tumulto; a

- (1) — Aqui a expressão *Intelra* — em massa bruta — se repete, com o mesmo sentido, nas mesmas condições.
 (2) — Novo caso de reprodução literal. O autor não varia as expressões, varia a localização delas...
 (3) — "Inimigo brutal", pela segunda vez.

propósito da explosão da igreja de Nioac lê-se no poema (p. 143):

*"Quadro macabro, quadro alucinante,
Que reflete, de modo palpitante,
A alma rude e feroz que o produziu"*

Aliás, impropriedades de toda natureza atravancam a linguagem de "Laguna".

"Expira como um verdadeiro herói;

Cuja coragem nunca se destrói;

Nem nas torturas do ultimo momento" (p. 42)

Eis aí, por causa de "herói", o verbo destruir foi empregado reflexivamente, e temos uma estranha coragem que "nunca se destrói", como quem dissesse: coragem que nunca foge, nunca fraqueja, nunca se abate, porque — leiam-se os três versos — o sentido é êsse.

"A vila, pacatíssima e indefeza,

Como aliás toda aquela redondeza

Que a loucura de Lopez invade" (p. 44).

Como está escrito a vila e a redondeza foram invadidas pela "loucura" de Lopez, entretanto o autor quisera dizer que a invasão fôra efeito dessa "loucura".

"Golpearam-na sem dó. E a Cruz, num gesto

De surpresa, ficou, como um protesto

Da altura, condenando o despotismo" (p. 47)

Cruz num gesto de surpresa?

"Ah! Mas no duro instante do atropelo" (p. 52)

Fiquem cientes que está sendo chamado de "atropelo" o que se passou em Corumbá, em dezembro de 1864, quando a praça foi devastada pelos paraguaios e a população perseguida nas matas onde se refugiara.

"Ombro arma! E sobrepõem-se, pela treva

Cabeças e fuzis como estiletes". (p. 84)

Avalia-se que os fuzis é que são comparados a estiletes; mas a redação engloba também as cabeças...

"E as manadas de passaros infindas" (p. 38)

Isto de manada de passaros foi coisa inaugurada pelo sr. Arnaldo Nunes.

"E, em marcha cadenciada, ouvido atento" (p. 56)

Tranquillizem-se, essa absurda "marcha cadenciada" não tem importancia. Torna, por volta da página 144, aliás não só, mas o verso todo, igualzinho, "E, em marcha cadenciada, ouvido atento" (p. 144), porém descobri que não importa, o autor indica a marcha da coluna ao acaso, segundo necessidades de ocasião. Também ha "marcha compassada" (p. 67) e de uma feita em que é preciso rimar com "fronteira" a tropa movimenta-se "ligeira" (p. 74).

"Que com isto conseguira (1) a alta vantagem

Da mais frutificante aprendizagem

No verdadeiro fogo batizado" (p. 78)

Não sei como se possa receber batismo de fogo sem a de "verdadeiro fogo".

"Ele (2) que, corre à redondeza e apenas

Em dias, traz centenas e centenas

De cabeças de gado, em disparada". (p. 61)

Qual! Ninguém faria tal coisa — conduzir centenas e centenas de bois em disparada.

Quando é referido o episodio de Camisão a beber agua Apa (p. 68), a redação manca se presta a uma comica da liberdade de sentido: o "ansiado e perigoso instante" que a coluna "gosa", tanto pode ser o de ter atingido a fronteira, como o de presenciar o comandante ingerir a "agua impetuosa".

A linguagem do autor, sempre debil, apresenta-se ás vezes com um mau gosto insuportavel:

"Uma vez que o terreno não melhora,

E há pranto já, e fome e peste e morte" (4. 40)

"Segura de esmagar-nos, na certeza

Completa de colher-nos de surpresa." (p. 86)

Pranto já, na certeza completa, podem aspirar, com tantas esperanças, ao encabeçamento da lista do que não vem à poesia, e de resto, a qualquer genero literario.

(1) — O nosso soldado.

(2) — O gaula Lopes.

E' divertido ir surpreendendo as pobres magicas do Sr. Arnaldo Nunes, esbirra daqui, remenda dali, encolhe, estica, acerta, uma luta penosa que só termina com o poema.

"Mil tropeços" (p. 29), "fragancias mil" (p. 144), "perigos mil" (p. 150), "mil cintilações" (p. 154) são recursos, como se vê, largamente aproveitados. A locução "de lado a lado" aparece varias vezes na função de preencher claros: "esta cidade, lado a lado, entregue ao saque" (p. 52); "o dominio é dos nossos, lado a lado" (p. 74); "por fim, de lado a lado, quando se iluminar de novo a terra" (p. 89). O inimigo está "descansado" nas páginas 48 e 63 e os nossos "tagarelam" por duas vezes. Em ambas, porém, "a noite desce":

"E, menos os que estão de sentinela,

"A tropa se recolhe; tagarela". (ps. 72 e 143)

Não há nada que o autor não faça pelos seus trabalhosos versos. Por causa de "cornetas" engendra "nuvens algo pretas" (p. 81). A fazenda "Laguna", fica depreciada em "fazendola", que tem mais uma sílaba.

A gramatica recebe um tranco nesta passagem:

"Através de Goiaz, em rumo certo

A Mato-Grosso inhospito e deserto

A que Solano Lopez invadia". (p. 31)

Invadir nunca foi transitivo indireto. A regencia verbal está pois, alterada. Talvez tenha sido mais um favor ao metro, mas como ficou forçado e feio o repizar da preposição a!

O ingenuo na "poesia" heroica do sr. Arnaldo Nunes chega a extremos que nenhuma composição colegial excederia:

"O Brasil agredido, injustamente, ele que os braços abre a toda gente, sempre bom, sempre amigo, sempre altruista". (p. 29)

(1) — Ninguém pôde desejar "pôr-se mais alinhado" na formatura. O alinhamento é da fileira e esta, sim, poderá estar bem ou mal alinhada. O soldado em relação ao conjunto estará, apenas, alinhado ou fora do alinhamento. Daí pôde ser que o "alinhado" signifique bem preparado, cuidado, "traquejado", como exprime a gíria reuna. Mas não será expressão a recomendar na poesia épica...

"Flutua, em fim, com todo encantamento, a bandeira da Patria, linda e boa". (p. 43)

"Cada qual deseja pôr-se mais alinhado, (1) em plena forma, pois nenhum, nenhum deles se conforma em não entrar na proxima peleja". (p. 68)

Na passagem que se segue, a composição do Snr. Arnaldo Nunes tem todo o aspecto de letra de samba:

"Tudo conspira contra a nossa gente,
Mas com tal impiedade, que, realmente,
Já é até de mais!" (p. 106)

Converta-se "a nossa gente" em "o nosso amor" e eis um autêntico lamento sentimental dos que nos veem do morro.

Até hesito em dizer, porque se pode tomar como uma forma de agravo à fragilidade do poema, mas, sincera e lealmente, devo consignar que por duas vezes vi o Snr. Arnaldo Nunes fazer boa literatura:

"outro incendio principia,
Grossos rôlos de fumo distendendo" (p. 74)

"Menos um... Ou mais um que a historia aponta! (p. 57)

No primeiro texto o emprego do verbo distender foi felicissimo, dá mesmo a imagem do espetaculo. O segundo é um modelo de concisão e de força.

Parece, contudo, que o Snr. Arnaldo Nunes julga alcançar o maximo da intensidade poética em lanços assim:

"Pia agoirento, um passaro distante;
Vento frio, garôa penetrante,
Tristesa, solidão! (p. 121)

"Plangencias tristes de orgãos de esfera
Veem quebrar a quietude da atmosfera,
Espiritualizando a solidão.
Sobem da terra apelos doloridos,
Há por tudo soluços e gemidos,
— Delira Camisão." (p. 122)

*"Ouviam-se tristes órgãos de outra esfera
A quebrar o silencio da atmosfera,
Espiritualizando a imensidão.
Sobem da terra apêlos doloridos,
Há por tudo soluços e gemidos:
— E' morto Camisão!"* (p. 127)

*"Pouco à frente da tropa, perde a vida,
Num espesso capão de espinho vil,
O tenente Batista, êsse gigante"* (p. 95)

Ora, tirante um facil jogo de palavras — agoitrento, solidão, garôa peneirante, tristesa — e um "espesso capão" que se torna "de espinho vil", só porque nêlle tombou o tenente Batista, o mais é aquilo que já conhecemos — a repetição, o calço com formulas translucidas: "órgãos de esfera" duas vezes; "quietude da atmosfera" num ponto, "silencio da atmosfera" noutro, o que espiritualiza (?) de uma feita a "solidão", de outra a "imensidão"; "apêlos doloridos", "soluços e gemidos" iguais, iguais, quando Camisão delira, quando já expirou, e que não se reproduzem ainda, devemos crer, porque não houve funeral...

Parece, tambem, que o sr. Arnaldo Nunes confia muito no efeito poetico das auroras... Cita-as copiosamente. Mas é interessante notar que a natureza para ele quasi se resume numa questão de luz; — noite, dia, amanhecer, anoitecer. Conforme as disposições da coluna os dias nascem "esplendorosamente" e as noites caem "dolorosamente". Porém nada como esta rigorosa coincidência:

"Expira Abril. Amanhecer nevoento" (p. 78)

"Expira Maio. Amanhecer nevoento" (p. 128)

Chega. Está feita, sem puxar muito, a desmontagem da estrutura literaria do poema. Falta examinar-lhe a substancia historica, o que empreenderei na proxima cronica.

Noticiário & Legislação

CONSULTAS

Nesta parte final d' "A Defesa Nacional" guardamos, a partir d' este número, um espaço para atender as consultas que nos forem dirigidas sobre assuntos profissionais. Procuraremos responder a todas as perguntas. Para isso recorreremos não só ao nosso corpo redatorial, como também a todos os camaradas especializados nos múltiplos assuntos da profissão militar. Não deixaremos pergunta sem resposta. Quando não conseguirmos esclarecer as que nos tiverem formulado, responderemos lealmente — não sabemos.

Externado o nosso desejo, vamos atender as duas primeiras consultas.

CONSULTA N.º 1:

CORREÇÃO DEVIDA AO VENTO NO TIRO DO MORTEIRO

PERGUNTA:

— Em publicações que tenho lido, afirma-se que não se faz correção devida ao vento no tiro do nosso Morteiro. As Tabelas de tiro d' este material não fornecem qualquer indicação a respeito. Acho, no entretanto, estranho que um vento transversal de 10 metros por segundo não tenha influência sobre a trajetória de uma granada cuja duração do trajeto é apreciável, e não menos estranho, que um vento com esta mesma velocidade, atuando no sentido do tiro, alongue somente de 2 mts., 5 mts. ou 8 mts., esta trajetória, à distâncias de 500 mts., 1.000 mts. e 1.500 mts., respectivamente.

Fiquei mesmo surpreso, quando por ocasião da última *Campanha de tiro*, constatei tal fato. Tendo acompanhado à vista a trajetória de várias granadas, observei oscilações nas mesmas, tendo a impressão de que eram desviadas do plano vertical de tiro sob a ação do vento, que então soprava perpendicularmente à direção do tiro; no entretanto não foram observados desvios no tiro no sentido do vento, tendo até causado surpresa geral o fato de ser observado o desvio no sentido contrário ao vento, quando maior era a sua intensidade.

Como se explica isto?

RESPOSTA:

— E' difficil, senão impossivel, organizar Tabelas para a correção devida ao vento no tiro do Mortelro, cujas flechas são consideráveis, sujeitando suas granadas às variações atmosféricas em diferentes alturas.

A solução para o caso não consiste propriamente em fazer esta correção na regulação do tiro; ela reside principalmente nas qualidades balísticas destes projéteis, por seu traçado aero-dinâmico. O comprimento, superficie e forma destes projéteis são estabelecidos de maneira a *constituir um conjunto equilibrado*, capaz de reduzir ao minimo os efeitos do vento.

A empenagem destes projéteis age como um leme, de sorte que a granada orienta-se pelo vento, *procurando a linha de menor resistência*.

— no ramo ascendente deriva no sentido do vento,
— no ramo descendente, com maior velocidade, contra-deriva no sentido oposto ao do vento.

Isto explica as *oscilações* que o Snr. observou nas granadas durante a trajetória das mesmas. Pode até acontecer, como parece ser o caso que observou, que a granada sofrendo a ação do vento somente no ramo descendente da trajetória se desvie para o lado de onde sopra o vento.

E' pois conveniente ter em mente tais efeitos a-fim-de não attribui-los a erros de deriva ou a defeitos de munição, a qual, por ser *nacional*, muitas vezes *paga o pato*.

Cap. J. A. P.

CONSULTA N.º 2:

SOBRE DESTACAMENTO FLANCO-GUARDA

PERGUNTAS:

- 1.ª — Quais podem ser a *missão geral* e a *composição* duma Flanco-Guarda Movel?
- 2.ª — Como encarar o *mecanismo* de sua ação?
- 3.ª — Quais são as *regras principais* de sua conduta?
- 4.ª — Como procede, enfim, a Flanco-Guarda Movel, em caso de *encontro com o inimigo*?

Respostas:

- 1.ª — Uma Flanco-Guarda Movel tem por *missão informar e cobrir a segurança aproximada* o flanco descoberto duma tropa, interdizendo ao inimigo as direcções perigosas. A *força* duma flanco-guarda é função da *importância da coluna* a cobrir e das *possibilidades do inimigo*, particularmente, em engenhos blindados.
Sua *composição* é variável; ela póde compreender elementos de todas as armas, de preferência motorizados, providos de engenhos contra-carros e esclarecidos pela aviação.

- 2.^a — A Flanco-Guarda Movei progride paralelamente à coluna para ocupar, sucessivamente, com oportunidade e durante um tempo determinado, os pontos perigosos. Disto decorrer, imediatamente, as seguintes perguntas:

- a) — Quais são esses pontos perigosos?
b) — Quando esses pontos devem ser ocupados e durante quanto tempo?

- a) — Pontos perigosos são os mais acessíveis ao inimigo e donde ele poderia atuar contra a coluna pelo fogo de sua artilharia.

São procurados em geral nos eixos de marcha possíveis do inimigo, a uma distância do flanco da coluna variável com o terreno, mas que é da ordem de 4 a 6 kms, ou mesmo mais e, se possível, à altura das linhas marcantes dos lanços da coluna. Normalmente, quem as designa é o comandante coluna.

- b) — Em princípio, esses pontos devem ser ocupados de modo que a flanco-guarda preceda a coluna de modo que a coluna de cerca de um lanço.

Visto que a marcha da flanco-guarda é ligada à da coluna, a permanência da Fg. em cada ponto será aproximadamente igual ou pouco menor do que o tempo gasto pela coluna na execução do lanço correspondente ao da Fg.

Convém frisar, entretanto, que a hora de partida da Fg. é função das informações que se conheçam do inimigo; pois, muitas vezes, o terreno e as possibilidades do inimigo impõem à Fg. a ocupação simultânea de dois pontos.

- 3.^a — As regras principais são as seguintes:

- a) — Procurar informações: — Na frente, na direção de marcha, para saber se os pontos a atingir estão ou não ocupados pelo inimigo.

— No flanco, à distância conveniente, para certificar-se da natureza do inimigo, de suas direções de marcha, dos progressos de seu avanço. Neste particular, as ordens para busca de informações devem ser absolutamente precisas (eixos de deslocamento, pontos de onde devem ser enviadas informações, onde e quando devem chegar).

- b) — Articular o destacamento em dois escalões para ser possível a ocupação sucessiva dos pontos fixados.

- c) — Conservar uma reserva para evitar um atropelo eventual ou, pelo menos, permitir o desferramento oportuno das frações encarregadas de manter os pontos escolhidos.

- d) — Durante as paradas, que são momentâneas, tomar um dispositivo que permita, se possível:

- executar *tiros longínquos* para bater o inimigo à distância conveniente;
- utilizar *obstáculos materiais e naturais* (vilas, cursos d'água, bosques), cujo reconhecimento é difícil e que se prestam para barrar o avanço dos engenhos motorizados e mecanizados inimigos;
- *dispersar o menos possível* as unidades, e sim desenvolver as ações de fogo.

4.^a — Em caso de encontro com o inimigo, a conduta a observar pela Fg. é a seguinte:

- 1.^o — Se o inimigo se acha de posse do ponto a atingir, *ataca-lo* e procurar conquistar o objetivo.
- 2.^o — Se o ataque fracassa, *instalar-se defensivamente* entre a coluna e o inimigo a-fim de impedi-lo de avançar ou, pelo menos, retardá-lo.
- 3.^o — Se o inimigo ataca enquanto a Fg. está em posição, resistir durante o tempo determinado e se desaferar em seguida para ir ocupar o ponto seguinte. Este desaferamento, aliás, pela sua gravidade, em geral só é realizável, em condições favoráveis, durante a noite.

Major A. da C. U. P.

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 25 de Abril a 20 de Maio de 1941:

AERONAUTICA — (Quadro)

O D. O. de 17-5-1941 publica a relação nº 1 da classificação do pessoal militar da arma de Aeronautica do Exército e do Quadro de Aviadores Navais, do Corpo de Aviação da Marinha, por ordem de antiguidade relativa em cada posto, como determina o § 1º do artigo do Dec. nº 2.961, de 20-1-1941.

ADMISSÃO DE PESSOAL EXTRANUMERARIO MENSALISTA — (Recomendação)

Não deverão ter andamento os processos de novas admissões de pessoal extranumerario mensalistas, salvo quando imperiosas necessidades do serviço justificarem a proposta feita.

o § 1º do artigo 8º do Dec. nº 2.961, de 20-1-1941.

BATALHÃO — "Destacado"

O 2º Batalhão do 5º R. I. deverá passar à situação de "destacado" e terá organização e efetivo iguais aos Batalhões, já nessa situação, dos 8º, 9º e 13º R. I. — (Aviso nº 1.258, de 30-IV-1941 D. O. de 3-V-1941).

CARTEIRA DE CONSIGNAÇÃO DA CAIXA ECONÓMICA FEDERAL (Horario)

Em virtude de deliberação do Conselho Administrativo da Carteira, ficou estabelecido o horario das 14 às 18 horas, com exceção aos sabados, em que os consignantes serão atendidos das 9 às 12 horas — (Bol. Int. nº 106, de 9-V-1941, da S. G. M. G.)

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE MOTORIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO — (Distintivo)

Em aviso nº 1.381, de 9-V-1941, o sr. Ministro aprovou o distintivo para os oficiais diplomados pelo C. I. M. M. (D. O. de 13-V-1941).

COMISSÃO DE COMPRAS (D. E.)

O "Diário Oficial" de 30-IV-1941, publica as Instruções para a Comissão de Compras da Diretoria de Engenharia — (Aviso nº 1.216, de 28-IV-1941).

COLEGIO MILITAR — (Pesos)

Tendo em vista o disposto no Decreto nº 21.241, de 4-IV-1932, que consolidou o ensino secundário civil, devem ser adotados, nesse Colégio os seguintes pesos:

Trabalhos correntes	1
1ª Prova parcial	1
2ª " "	1
3ª " "	2
4ª " "	3
Exames	2

(Nota nº 258, de 12-V-1941, do Insp. do E. E. - D. O. de 14-V-1941)

COMISSÃO ESPECIAL DE OBRAS DE PIQUETE, REZENDE E BICAS (Organização)

A partir de 1º de maio do corrente ano, terá a seguinte organização:

1 — General de brigada, chefe;

1 — Major de engenharia, Chefe do Gabinete e fiscal administrativo;

- 1 — Capitão de engenharia, ajudante de ordens;
- 1 — 1º Tenente do Q. I. G., tesoureiro e almoxarife;
- 4 — Maiores de engenharia, chefes de residências;
- 8 — Capitães ou Tenentes de engenharia, ajudantes de residência.

(Aviso nº 1.129, de 18-IV-1941 — D. O. de 30-IV-1941).

CURSO DE ALTO COMANDO — (Instruções)

O "Diário Oficial" de 26-IV-1941, publica na íntegra as Instruções para o Funcionamento do Curso de Alto Comando — (Aviso nº 1.183, de 25-IV-1941).

DECLARAÇÃO DE HERDEIROS — (Instrução)

O "Diário Oficial" de 17-5-1941, publica o Dec. Lei nº 7.184, de 15-5-1941, que aprova as Instruções para as declarações de herdeiros, de que trata o Dec. nº 3.695, de 6 de fevereiro de 1939.

ESCOLA DAS ARMAS — (Gratificações)

A partir de 1º de abril de 1941, as gratificações do Diretor do Ensino e Sub-Diretor do Ensino, são equiparadas, respectivamente, as estipuladas para o Diretor e Sub-Diretor do Ensino da Escola de Estado Maior do Exército. (Aviso nº 1.261, de 30 de abril de 1941 — "Diário Oficial" de 3-V-1941).

ESCOLA PREPARATORIA DE CADETES DE S. PAULO — (Quadro de Oficiais)

Foi aprovado o Quadro de Oficiais. (Aviso nº 1.143, de 23 de abril de 1941 — "Diário Oficial" de 25-IV-1941).

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO — (Oficiais técnicos)

A Inspetoria do Ensino do Exército cabe propor a nomeação de primeiros tenentes da reserva, dos civis que concluíam o curso da Escola Técnica do Exército, na conformidade do disposto no § 2º do art. 18 do Regulamento para o Quadro de Técnicos do Exército, alterado pelo decreto-lei nº 2.211, de 20 de maio de 1940. A proposta de convocação para o serviço ativo dos oficiais de que trata o nº 1, é da iniciativa dos órgãos ou serviços interessados. Compete ao comandante da Escola Técnica do Exército: a) — nomear aspirante a oficial estagiário o civil que efetuar matrícula na Escola, uma vez que não seja aspirante ou oficial da reserva; b) — desligar da Escola o aspirante a oficial estagiário logo que termine o curso e receba o correspondente diploma; e, bem assim, nos demais casos em que couber essa providência. — (Nota nº 233, de 7-5-1941 — D. O., de 10-5-1941).

ESTANDARTE DISTINTIVO — (Criação)

Foi criado o Estandarte Distintivo para o Regimento "João Procopio". (Dec. lei nº 3.222 de 28-IV-1941 — D. O. de 10-V-1941).

IDENTIFICADORES DE CORPOS DE TROPA — (Distintivo)

Foi aprovado o distintivo a ser usado pelos identificadores. — (Aviso nº 1.215, de 23-IV-1941 — D. O. de 30-IV-1941).

INSPETORIA GERAL DO ENSINO DO EXÉRCITO — (Sede)

Foi transferida a sua sede para o 10º andar do Edifício do M. G. (Boletim Interno nº 106 de 9-V-1941, da S. G. M. G.)

INSTITUTO MILITAR DE TECNOLOGIA — (Criação)

O "Diário Oficial" de 12-V-1941, publica o Decreto-lei nº 3.253, de 9 do mesmo mês, que criou o I. M. T.

INTENDENTES DE GUERRA (quadro)

Em face do Decreto-Lei nº 2.261 de 3-VI-1940, que unifica os Quadros de Intendentes de Guerra e de Administração do Exército, os oficiais da reserva desses Quadros devem ser considerados como oficiais da reserva do Quadro de Intendentes do Exército.

MONTEPIO MILITAR — (Aviso sem efeito)

Ficou sem efeito o Aviso nº 54 de 13-I-1941, relativo a declaração de herdeiros para efeito de habilitação do Montepio Militar, de vez que estão sendo elaboradas Instruções reguladoras do assunto. (Aviso nº 1.326 de 6-V-1941 — Bol. Int. 103 de 6-V-1941 da S. G. M. G.).

OFICIAIS E SARGENTOS DA RESERVA E REFORMADOS (pagamento)

Serão responsabilizados os Chefes e diretores de serviços, repartições e estabelecimentos militares, pelo pagamento da gratificação, a partir de Maio do corrente ano, aos oficiais e sargentos da reserva e reformados cujos nomes não hajam sido comunicados a Diretoria de Recrutamento na conformidade do Aviso nº 830 — Res. de 18-III-1941. (Aviso nº 1.217 de 28-IV-1941 — D. O. de 30-IV-1941).

PENSÃO ESPECIAL AOS HERDEIROS DOS MILITARES (Regula)**PERCENTAGEM SOBRE VENCIMENTOS (Consulta)**

Em solução a uma consulta do Comando do 11.º B. C., declara o Sr. Ministro que, em face dos termos do art. 70 do C. V. V. dos Militares do Exército, os Sargentos, cabos e soldados que completarem 10 e 15 anos de serviço militar, têm direito aos acréscimos, respectivamente, de 10 % e 15 % sobre os vencimentos, desde que sua permanência no Exército tenha sido regular. (Aviso nº 1.218 de 28-IV-1941 — D. O. de 30-IV-1941).

PESSOAL EXTRANUMERARIO MENSALISTA — (Tabela numerica)

O "Diário Oficial" de 5-V-1941, publica o Decreto-lei nº 7.124, de 30-IV-1941, que aprova, para vigorar no corrente ano, as tabelas numericas para o pessoal extranumerario mensalista do M. G.

REDE TELEFONICA DA VILA MILITAR

O "Diário Oficial" de 16-V-1941 publica o Decreto-lei nº 3.260, de 14 do mesmo mês, que regula a concessão de pensão especial aos herdeiros dos militares.

Foram aprovadas as diretrizes para a exploração e conservação da rede telefonica da Vila Militar. A exploração e a conservação ficou a cargo da Escola de Transmissões. (Aviso nº 1.250 de 30-IV-1941 — D. O. de 3-V-1941).

SERVICO DE INTENDENCIA DA 8.ª R. M. (consulta)

Em solução a uma consulta do Comando da 8.ª R. M., declara o Sr. Ministro que a chefia do Serviço de Intendencia da 8.ª

R. M., passa a ser exercida por um Ten. Cel. ou Major intendente de Guerra, não cabendo a este vantagens especiais pela Chefia desse Serviço. (Aviso nº 1.229 de 28-IV-1941 — D. O. de 30-IV-1941).

SERVICO DE VETERINARIA DO EXERCITO — (Instruções)

O D. O. de 3-V-1941 publica na íntegra as Instruções para aquisição e consumo de entorpecentes no S. V. E.

TRANSPORTES — (recomendação)

As unidades administrativas ao processarem contas de transporte, devem mencionar em cada requisição — conforme julgarem mais conveniente — o número do processo a que a mesma se acha anexada. (Aviso nº 1.300 de 3-V-1941 — Bol. Int. nº 101 de 3-V-1941 da S. G. M. G.)

VENCIMENTOS E VANTAGENS NAO RECEBIDAS — (Recolhimento de)

— Os proventos dos inativos e pensionistas assim como os vencimentos e vantagens dos oficiais, sub-tenentes, sargentos, praças em serviço ativo e civis, sacados pela Diretoria de Recrutamento, Circunscrições de Recrutamento ou outras Unidades Administrativas, não fazem exceção ao determinado no artigo 64 do Regulamento de Administração do Exército. Consequentemente, decorridos cinco dias do recebimento no Serviço de Fundos Regional, as importâncias não reclamadas serão recolhidas ao Banco ou Agência Bancária, em que a unidade administrativa mantiver conta corrente.

Os pagamentos e remessas posteriores serão efetuados mediante cheque contra o aludido estabelecimento bancário.

A providência consubstanciada no nº 30 do art. 35 do Regulamento de Administração do Exército se aplica em todas as unidades administrativas, a qualquer importância sacada para o pagamento do pessoal.

Serão excluídos das folhas todos aqueles que, durante seis meses consecutivos, deixarem de receber as respectivas vantagens". (Bol. Int. nº 103, de 6-V-1941, da S. G. M. G.) — (Aviso nº 1.327 de 6-5-1941).

VIAGEM PARA A CAPITAL FEDERAL

Aos oficiais que servem nas regiões Militares do Sul do País, é autorizada a utilização dos transportes terrestres quando se destinarem à Capital Federal.

(Aviso nº 1.150, de 23-IV-1941 — D. O. de 25-IV-1941).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL, recebeu no período de 25 de Abril a 20 de Maio as seguintes publicações:

Revista Militar del Perú", nº 1, Janeiro de 1941, Perú. "Alerta", nº 241, Fevereiro de 1941, Montevideo, Uruguay. "Ejército, Marina, Aviation", nº 12, 1940, Oldenburg, Alemanha. "Novas Diretrizes", número 31, Maio de 1941, Rio. "Tradição", ns. 20-21, Março, 1941, Pernambuco. "Memorial del Sub-Oficial", n. 2, Buenos Ayres, Argentina. "Memorial del Ejército do Chile", nº 172, Janeiro e Fevereiro, 1941, Valparaíso, Chile. "Revista Militar", n. 3, Março de 1941, Buenos Aires, Republica Argentina. "Nação Armada", n. 5, Maio de 1941, Rio. "Revista Militar de Medicina Veterinaria", n. 25, Junho e Julho de 1940, Rio.

Companhia Siderurgica Nacional

— O ambiente que se criou em todo o país de franco e decisivo apoio à Companhia Siderurgica Nacional, deixa bem assinalado o proposito dos brasileiros de cooperar com o Governo nos seus patrióticos esforços tendentes a solucionar no mais breve espaço de tempo possível, o mais importante e, sem dúvida — o maior dos nossos problemas.

— Superando todas as dificuldades, animado do desejo de mobilizar os elementos indispensáveis à conquista da sua emancipação econômica, o Governo procura finalmente, organizar a indústria pesada nacional, de cujos resultados nenhum sector da vida brasileira deixará de beneficiar-se e receber poderoso estímulo. Devemos confessar que o cunho de brasilidade evidente na obra administrativa do Governo, assume maior relêvo quando examinamos o vulto do empreendimento que o seu patriotismo e larga visão tornou possível.

E' grato verificar, paralelamente a esse fato auspicioso, a alta compreensão da importância do assunto manifestada por todas as classes sociais do Brasil.

— Foi, certamente, a previsão desse movimento de entusiasmo e simpatia, d'essa prova de senso patriótico dos brasileiros, que induziu o Governo a tornar acessível à bolsa de todos — do rico, do remediado e do proletário — os títulos da Companhia Siderurgica Nacional, com a evidente preocupação de congregar todos os brasileiros, do norte, do centro e do sul, em torno d'essa obra gigantesca e profundamente nacionalista que constitue o mais notável empreendimento da atualidade sul-americana.

* Não se iludiu o Governo ao prever a certeza de que não lhe faltaria o necessário apoio a essa sua iniciativa e esse apoio toma incremento, dia a dia, a tal ponto que o prazo para a venda de títulos da Companhia Siderurgica Nacional teve de ser prorrogado.

Observa-se que o interesse na aquisição d'esses títulos cresce à medida que as inquietações da hora contemporânea obrigam a todos os brasileiros a refletir sobre o relevante pa-

paí que poderá caber ao nosso país no concerto das Nações Americanas.

Impunha-se, portanto, a cruzada da Siderúrgia, que habilitará o Brasil a libertar-se das influências econômicas estranhas, a organizar com seus próprios recursos sua defesa — no mar, em terra e no ar; a fabricar os trilhos e as locomotivas de que precisa; a dar a lavoura os braços mecânicos de que precisa para seu desenvolvimento e prosperidade; a criar as indústrias pesadas e, com elas, as indústrias subsidiárias; a, enfim, assegurar nossa independência econômica. E' pois, perfeitamente compreensível o entusiasmo que tão notável empreendimento suscitou no país tódo, maximé nas corporações armadas nacionais, no plano de cuja preparação a indústria de base entra como elemento número um.

E' que, no momento atual, os países que desejam viver e conjurar os perigos que surgem de todos os lados, devem cimentar sua expansão industrial implicita na criação da grande siderúrgia.

— Nenhum brasileiro ignora essa verdade; e, quando dizemos — brasileiro — acode-nos logicamente o homem que integra a fôrça destinada à defesa nacional.

O soldado, o marinheiro e o aeronauta estão solidários com o movimento vitorioso que vai tornando auspiciosa realidade a Companhia Siderúrgica Nacional, cuja direção foi, em boa hora, entregue a personalidade capaz, dinâmica e patriótica do Dr. Guilherme Guinle, figura de inconfundível relêvo, tanto na sociedade como nos círculos financeiros do país.

— Aliás, não seria de esperar outra atitude das classes armadas do Brasil, dados o seu elevado patriotismo e compreensão da importância do empreendimento.

Dentro de breve prazo colheremos os frutos dessa brilhante cruzada e o Brasil firmará seu lugar entre as grandes potencias industriais do mundo.

Noso dever é, pois — apoiar-la, e só poderemos apoiá-la adquirindo os títulos da Companhia Siderúrgica Nacional.

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

BIBLIOTECA

VENDAS DE LIVROS — Na sede da Sociedade (Quartel General) — Diariamente, das 9 às 12 hs. e das 14 às 17 hs.

LIVROS EM CONSIGNAÇÃO — Os Srs. consignatarios poderão receber os saldos dos mezes anteriores, diariamente na sede da Revista durante o expediente da Biblioteca.

ENCOMENDA DE LIVROS — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua sede, mediante encomenda dos Srs. Officiais.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio de Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio de Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira.

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser endereçadas ao Tte. Cel. Djalma Dias Ribeiro, Caixa Postal 32, Ministério da Guerra, Rio, ou Escola de Estado Maior — Praia Vermelha.

PREÇOS

Officiais e sub-tenentes	ano	30\$000
	semestre	15\$000
Sargentos	ano	25\$000
	semestre	14\$000

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista siga registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os officiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma jola de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano commercial.

COLABORAM NESTE NUMERO

Ten. Cel. Mario Travares
Ten. Cel. Lima Figueiredo
Ten. Cel. Alcindo Nupes Pereira
Maj. Arthur Carneiro
Maj. R. Seidl
Maj. Jair Dantas Ribeiro
Maj. Nilo Guerreiro
Maj. A. Lyra Tavares
Cap. Hocho Pulchiano
Cap. Selim Miranda
Cap. João de Deus Menna Barreto
Cap. A. C. Múria Atagão
Cap. Manoel Stoll Nogueira
1.º Ten. Umberto Peregrino
1.º Ten. Nery Neves da Silva
1.º Ten. Mario de Castro Pinto
1.º Ten. Floriano Möller
1.º Tex. Fernando Beltrami Bethlem
1.º Ten. Edmundo Gomes Monteiro

